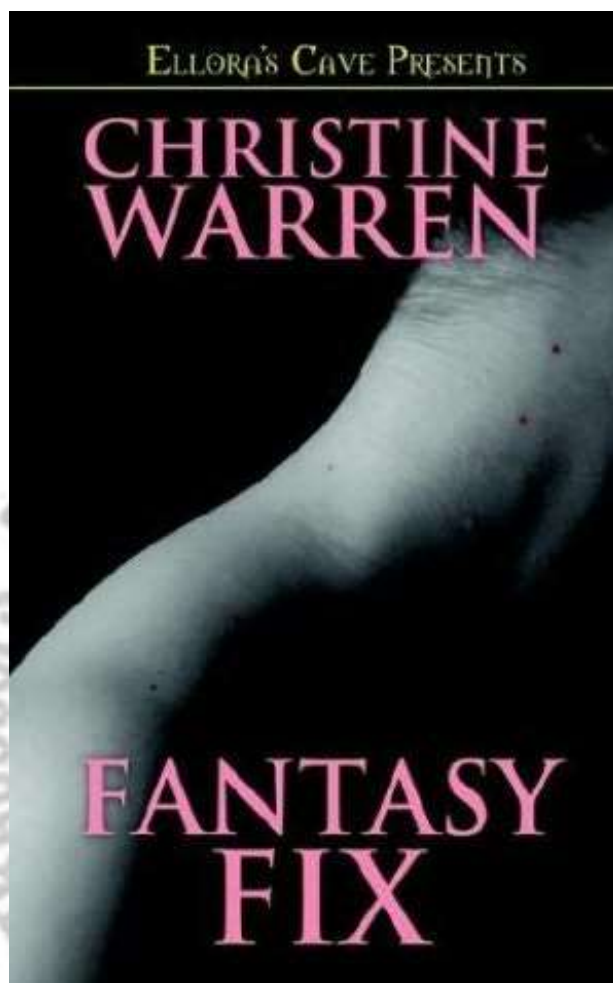


Christine Warren

Dores De Fantasia

Fixed 01



Disponibilização em Esp: Elloras Traducciones

Tradução e Formatação: YGMR

Revisão: Lu Avanço

Revisão Final: Camila Luppi

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Amigas arrancam para você encontros às cegas.

Amigas verdadeiras arrancam suas fantasias...

Regina terminara recentemente uma relação horrível. A última coisa que precisa é da ajuda de suas amigas para encontrar uma nova. Quando a pressionavam para que compartilhasse suas fantasias, inventava uma que nunca poderia se realizar. Mesmo por que, vampiros não existiam. Certo?

Errado. E Dmitri Vidame é a prova. Ele lê os pensamentos de Regina e conhece suas fantasias mais secretas. O que Regina necessita é de alguém que trouxesse algemas, mas também rosas, e que visse as possibilidades que sua natureza sensual e outorgante oferecia.



Com toda a eletricidade faiscando entre eles, e um pouco de furtiva espionagem mental, Dmitri sabe que também o quer. Só não sabe se ela sentirá o mesmo quando se inteirar de seus hábitos noturnos e sua dieta líquida...

Capítulo Um

— Meu Deus, devia ter visto seu rosto! Pensei que os olhos fossem saltar das órbitas.

A risada sacudiu os ombros das quatro mulheres no quarto, enquanto a quinta cortava a carne com suaves movimentos.

— Está brincando? E perdeu algum segundo em contemplar aquele magnífico pedaço de homem?

— Nossa Corinne nunca faria algo tão tolo. — Danice encheu sua taça com garrafa quase vazia de merlot e sorriu abertamente, com astúcia. — Além disso, se seus olhos saltassem, provavelmente teriam aterrissado justo em seu queixo. Acredito que estava no chão naquele momento.

Missy riu.

— Isso explica as poças, então!

— Ei — protestou Corinne com fingida dignidade, terminando o vinho branco de sua taça. — Não havia nenhuma poça. Ao menos, não no começo.

— E não consistia em baba, de qualquer forma — remarcou Ava, jocosamente, enquanto cortava uma parte de queijo Havarti¹ do prato sobre a mesa em frente a ela. — Espero que aqueles seus lençóis de seda não tenham se manchado, querida Corinne.

— E se estiverem, não quero saber. — Regina McNeill riu e se levantou de sua cadeira na sala de estar do apartamento. Pensou que ainda poderia existir um par de garrafas de vinho na cozinha. Poderia abri-las e, se a companhia não fosse desculpa suficiente, a umidade e o tempo primaveral e triste poderiam sê-lo. — Existe uma coisa chamada muita informação, sabe.

— Não, não existe — gritou Danice a Regina, para assegurar-se de que a ouviria do outro quarto. — As amigas compartilham tudo, Reggie!

— Humm, sobretudo as partes sujas — ronronou Ava. Suas sobrancelhas suaves e escuras se moveram provocativamente e extraiu outra risada do grupo.

Inclusive Reggie ria enquanto tirava a última garrafa de vinho branco da geladeira e outra de tinto do balcão que separava sua diminuta cozinha do resto de seu apartamento. Preparada para receber a "noite das garotas" a cada quinze dias, as coisas esta noite subiram um pouco de tom. Reggie e suas quatro amigas íntimas tinham consumido uma tábua cheia de sanduíches e mais de meia caixa de vinho, e isto em só um par de horas. Não era surpreendente que suas conversações tivessem ido diretamente ao tema.

— Não entendo as partes sujas — comentou, enquanto regressava com o vinho e alcançava o saca-rolha. — Pensei que isso fosse para filmes pornográficos² e as novelas românticas.

¹Marca de um queijo originalmente holandês, muito suave e de uma pálida cor amarela.

²A autora utiliza um eufemismo, blue movies, assim são chamados os filmes pornográficos.

— Sabemos que nunca entende as partes sujas. — Ava deu uma cotovelada à taça de vinho de Reggie e sorriu maliciosamente. — É por isso que estou fazendo gestos, para que você, minha querida Regina, seja nosso próximo projeto.

A sugestão encontrou um segundo de silêncio, seguido de acaloradas aclamações de cada uma das presentes, menos de Reggie.

— OH, não — protestou Reggie, esquecendo totalmente sua luta com a rolha. — Não vou ser a próxima vítima. Escolha outra. — Seus olhos se abriram amplos e nervosos, e ela sacudia a cabeça com veemência. Desesperando-se, observou suas velhas amigas em busca de uma saída. — Escolha a Missy. Esta deveria ser a vez da Missy...

— De jeito nenhum, moça. Missy já teve sua vez. — Danice contemplou rapidamente o quarto e apertou os lábios. — De fato, ela teve duas vezes. Todas as tivemos. Você é a única que não teve ainda nenhuma Fantasia Quente³.

— Talvez porque não esteja preparada. — Seus protestos caíram em ouvidos surdos, embora já estivesse esperando por isso. Ninguém poderia dizer que Danice Carter abandonava uma idéia; essa era a razão pela qual as Fantasias Quentes tinham começado, em primeiro lugar. Danice iniciava uma tormenta de idéias, até que Ava as apoiava rapidamente, e já que todo o assunto tinha nascido em uma das noites de garotas depois do consumo ritual de álcool, Missy e Corinne se uniram imediatamente à maioria. Inclusive Reggie tinha votado por fazê-lo. Até então, ela conseguira ver os possíveis danos. Agora, bem que poderia dar um chute em si mesma.

A Fantasia Quente geralmente começava quando muitas bebidas conduziam o bate-papo para fantasias, em particular, fantasias sexuais.

— Teve uma alguma vez? — Quis saber Ava. — Uma dessas cheias de calor, que não quer que ninguém conheça.

Danice zombou disso.

— Quando Teria eu essa possibilidade? E com quem? Reggie é a única de nós com uma relação a longo prazo. Terei sorte se puder achar um tipo para fazer algo bom com ele.

— Embora não saiba se isso faz de Reggie uma afortunada — observou Corinne. — Às vezes é ainda mais duro fazer realidade suas fantasias com um companheiro real que com alguém que não conhece. Há mais em jogo. Pessoalmente, se for confessar que quero me vestir de couro vermelho e fazer com que algum pedaço de homem me chame Ama⁴, creio que prefiro fazê-lo com um desconhecido.

— Ama, é? — Missy riu bobamente e sorriu abertamente. — Sei moça. Eu não teria imaginado isso, mas creio que gosto deste seu lado. Embora tenha razão: com estranhos é mais fácil.

— Exatamente — concordou Danice. — Além disso, se mostrar suas cartas a um apaixonado, ele vai querer estar em sua fantasia. Os amantes querem meter-se dentro de sua cabeça. Ao menos, se tiver sua fantasia com um estranho, pode consegui-la por completo, sem se preocupar se ele está gemendo por querer ser o Imperador esta vez.

Todas riram, exceto Ava. Ela tinha aquele olhar.

³ Fix, dentro de suas muitas acepções significa quente, em termos sexuais. (N. T.)

⁴ A autora utiliza Mistress, que é um termo muito comum em relações sadomasoquistas

— Sabe Corinne? — disse ela, devagar. — Conheço alguém, um verdadeiro pedaço de homem, que amaria a oportunidade de chamar alguém amante sem ter que pagar por isso ou fazer a coisa a longo prazo. Talvez pudesse enganchar vocês dois.

Missy riu.

— Bancando a casamenteira, Ava? Sabe que estive procurando um montanhês agradável que me seqüestre e me meta em sua cabana durante um fim de semana ou dois. Conhece alguém assim?

— Não conheço ninguém para Ava, mas há algo que sei — interveio Danice. — Eu poderia te ajudar com essa fantasia. De fato, aposto que se unirmos nossas cabeças poderíamos dar uma mão entre nós. Todas, as cinco. Aposto que quatro de nós poderia encontrar um meio de fazer realidade a fantasia da quinta. Fazer possível que ela viva suas fantasias. Dar-lhe uma Fantasia Quente.

Tinha sido o princípio do fim. Um voto tinha revelado que cinco delas estavam suficientemente bêbadas e loucas o bastante para consentir em ajudar umas às outras a encontrar um modo de viver suas fantasias. Tinham preparado um plano, reunido cinco fantasias de cada membro do grupo e se enfiado de cabeça nelas. Reunindo suas cabeças, as cinco amigas descobriram que conheciam uma grande quantidade de homens horríveis que se encaixavam nas visões do amante de fantasia de casa uma. Depois disso, fazer os acertos tinha sido fácil. Entusiasticamente, cada mulher foi se alternando para representar uma de suas cinco fantasias com um dos solteiros elegíveis no Fundo de Fantasia. Bem, cada mulher tinha tido sua vez, exceto Reggie.

Então a idéia veio junta: Reggie ainda estava vendo Greg, ainda estava vivendo com Greg... infelizmente, até então ela estivera isenta. Tinham pulado sua vez, e Reggie lhes dissera que não necessitava de um amante de fantasia quando tinha um verdadeiro que dormia a seu lado cada noite. Ela não sabia que enquanto Greg dormia a seu lado a cada noite, também transava com a recepcionista em seu escritório a cada tarde. Sua relação não tinha seguido além de dois turnos. A separação tinha ocorrido há quatro meses, e embora Reggie tivesse chegado finalmente à etapa onde podia confessar que estava muito melhor sem o porco imbecil, não se sentia completamente pronta para uma Fantasia Quente.

É obvio, tentou dizer isso a suas amigas.

E fez isso. Tentou mesmo, com força. Só que elas se recusaram a escutá-la.

— Traga o chapéu — instruiu Danice a Missy, enquanto Corinne tomava a garrafa de vinho das mãos de Reggie e terminava de abri-la. — Quem tem a custódia das fantasias da senhorita McNeill?

Quatro mulheres olharam umas às outras, e Reggie teve a breve esperança de que suas fantasias tivessem se perdido no éter e pudessem se esquecer de toda esta idéia insana.

— Não as trouxe — confessou Missy. — Não sabia que Corinne tinha terminado, então pensei que não as utilizaríamos esta noite.

Reggie começou a sorrir abertamente.

— Não importa — desprezou Ava. — Só consiga caneta e papel. Pode preparar cinco novas. Conhecendo nossa vergonhosa e geralmente monógama amiga, a fantasia anterior provavelmente era a de um desagradável e pouco confiável homem, de qualquer forma.

Reggie sentiu a primeira ardência de pânico. Suas amigas nunca tinham gostado de Greg, tampouco Reggie nestes últimos dias, mas isso não significava que se sentisse pronta para saltar à cama com um desconhecido.

— Sabe, realmente acredito...

— Que tem que fazer isto bem feito, moça — interrompeu Danice firmemente, dando a Reggie papel e caneta. — Agora é sua oportunidade de vivê-la. Consiga sua fantasia.

Missy voltou para o grupo e sustentou o chapéu de palha que tinha guardado no armário do corredor.

— Quem vai tirar?

— Eu o farei — ofereceu Corinne, colocando sua taça cheia sobre a mesa. — Já que fui a última que teve.

Reggie sentia que o controle já nebuloso de seu próprio destino escorregava permanentemente de suas mãos.

— Esperem um minuto, garotas. Não estou tão segura de que isto seja realmente uma boa idéia. Talvez não esteja pronta para isso. Talvez tenha que terminar esta coisa com Greg.

— Confie em mim quando te digo, querida, que o melhor modo de terminar com esse asno é fodê-lo diretamente de sua memória. — Confie sempre em que Ava te apresentará tudo em branco e preto. Nunca fora de fazer rodeios. — Não vejo você saindo e tentando buscar alguém que te ajude com isso; já é tempo de que suas amigas o façam por você.

— Mas...

— Pare Regg — Danice sentou Reggie no sofá e lhe deu uma grande taça de vinho. — Esta é sua vez e não voltará atrás logo agora.

Reggie não conseguiu sequer a possibilidade de lançar outro argumento antes que Corinne tomasse sua parte com a intimidação.

— Sem mais adiamentos. Teve sua oportunidade para vetar este acerto desde que decidimos fazê-lo, mas uma vez que lançou suas fantasias, e começamos as rondas, comprometeu-se.

Reggie franziu o cenho.

— Deveria me comprometer.

— Exatamente, esse é um ponto realmente bom — interrompeu Missy. — Ela esteve desde o começo na ronda, não é? Mas nunca teve sua vez. Então acredito — fez uma pausa para sorrir abertamente às outras mulheres — que Reggie deveria conseguir um duplo. Duas fantasias pelo preço de uma, por assim dizê-lo.

— Sim! — A exclamação de Danice anulou o protesto de Reggie. — Será nosso trabalho descobrir como encontrar o modo de conseguir encaixar duas fantasias juntas. Não se preocupe, doce. Encontraremos um modo de fazê-lo para você.

— Absolutamente.

— Será genial.

— Só confie em nós.

Reggie calculou que significava que estava condenada, mas olhando a sólida parede de união fraternal à sua frente, também calculou que resistir seria em vão. E tinha razão.

— Escreva! — Pediu Ava, assinalando imperiosamente ao papel em branco no regaço de Reggie. — Precisamos de cinco fantasias, Srta. McNeill, e quanto mais fortes melhor.

— Mas...

— Sem mais. Se concentre no branco⁵. — Corinne sorriu abertamente. — E em peitorais, e abdominais e pênis.

—E mãos realmente talentosas.

Todas elas riram e Reggie soube que seu indulto tinha chegado a um ignominioso final. Nunca poderia escapar sem pôr cinco fantasias em uma lista e lançá-las, e a si mesma, à inexistente piedade de suas amigas.

— Não vejo a caneta se movendo, Regg — provocou-a Missy, movendo as sobrancelhas. — Comece. Esta é sua oportunidade para fazer todas as coisas que nem sequer está segura que sejam fisicamente possíveis.

Reggie começou a dizer que preferiria o impossível, mas se deteve quando lhe ocorreu uma idéia. Apertou os lábios e deu um toque à caneta contra o papel.

— Há alguma regra sobre estas fantasias? Não posso recordar todos os detalhes que decidimos. Acredito que estava muito bêbada.

— Algumas, bebê. — Danice sorriu abertamente. — Pode pedir o que quiser e, se não podermos consegui-la, teremos que pagar uma multa. Um mês de celibato cada uma.

— Que não vai ser um problema, querida. Podemos conseguir o que quiser Regina, então somente pense e escreva.

Reggie estreitou os olhos e obedeceu a ordem de Ava. Sabia que estava se vingando com as quatro primeiras opções que escreveu, mas considerava este pequeno truque divertido, e achava a insistência de suas amigas um pouco aborrecida. Por isso, com certeza, um mês de abstinência estaria bom para elas. Talvez isso conseguisse afastar suas mentes do sexo durante sessenta segundos consecutivos.

Segurando um sorriso, Reggie rapidamente rabiscou quatro fantasias, cada uma mais impossível de realizar, nem sequer suas criativas amigas conseguiriam... A menos que pudessem conseguir encontrar um vampiro, um alienígena, um yeti ou ao Elvis, ainda vivo, em forma e totalmente funcional. Ainda tinha que anotar mais uma, entretanto tinham acabado os titulares de Notícias Mundiais Semanais.

— Ah, não pode me dizer que não tem muitas fantasias — disse Danice, plantando uma mão em seu quadril e fulminando Reggie com seu olhar enquanto a outra mulher lutava para pensar em uma petição impossível, para terminar a lista. — Tem vinte e sete anos, garota, e os últimos dois passou encadeada ao Gregory "o Pescador"⁶. Já teve tempo mais que suficiente para pensá-lo!

— Estou pensando...

— Não pense — pediu Ava, segurando o chapéu. — Fantasia. Agora.

Reggie girou os olhos. Agora lhe davam uma data limite. Pinçou em seu cérebro outros dez segundos e seguiu em branco, mas quando a boa Missy começou a terminar por ela, escreveu em toda carreira a primeira coisa que veio a sua mente, e colocou as cinco partes de papel dobrado no chapéu. A última realmente era uma de suas fantasias, mas as possibilidades que a tirassem não eram muitas, e se os deuses a amavam nunca veria a luz. Abraçaria a um yeti antes que acontecesse.

⁵ A autora utiliza um trocadilho entre but (que significa *mas*) e butts (branco, não olhe).

⁶ Outro Trocadilho fonético: Danice diz Grompy Gregory, que além de Pescado significa, por exemplo, tocar-se com as mãos para dar-se prazer.

A idéia quase a fez sorrir, mas não queria fazer-se mais suspeita. Caso se rendesse muito facilmente agora, elas suspeitariam de algo, e a fariam escrever situações mais plausíveis. Colocou um cenho em seu rosto e tentou padecer de um enorme rancor.

— Bem. Eu me rendo! Façam sua maldade — grunhiu Reggie, como se não tivesse nenhuma intenção de pedir perdão. Esvaziou sua taça de vinho enquanto suas amigas chiavam de regozijo, e logo alcançou a garrafa de merlot e verteu outro gole.

Corinne se instalou no canapé ao lado de Reggie e acariciou seu joelho amavelmente.

— Anime-se, gafanhoto. Amamos você, e posso te garantir que lhe daremos uma Fantasia condenadamente boa.

— Isso é o que me dá medo.

— Bem, senhoras. — Ava estava de pé frente da mesinha de café com o chapéu de Reggie em sua mão e um sorriso alegre no rosto. — Posso ter sua atenção, antes de começar. Desde que nossas fantasias começaram a ser riscadas, formam parte de cada uma de nós. Corinne, quer fazer as honras? Lembre-se, necessitamos uma dupla extração para a senhorita McNeill.

Corinne sorriu abertamente e se inclinou para frente para colocar a mão no chapéu que Ava sustentava sobre suas cabeças.

— Posso conseguir um rufar de tambores, por favor?

Danice golpeou suas mãos na borda da mesinha. "Como se não já tivesse dor de cabeça", pensou Reggie, cruzando os braços e colocando o queixo no peito como um menino irritado de dois anos, lutando o tempo todo para impedir que seu lábio se deslizasse em um sorriso.

Com um floreio, Corinne extraiu duas pequenas partes de papel branco do interior do chapéu e os esfregou juntos, como um par de vinte rangentes dólares antes de passá-los a Ava.

— Abra-os, senhora.

— Obrigado Corinne, querida. Agora, o que temos aqui?

As outras três mulheres se inclinaram mais perto enquanto Reggie pareceu zangar-se em seu merlot.

— Ouçam!

— Vamos, o que diz?

— Apostaria que é algo estranho. Os tranqüilos sempre são tão anticonvencionais⁷.

Ava não fez caso delas enquanto lia... E uma sobancelha cuidadosamente esculpida se arqueou em um perfeito arco, enquanto seus lábios se apertavam... e ela assobiou comprido e baixo.

— Sabia! Oláááá! — soltou Corinne, perfurando o ar com ênfase. — O que você disse sobre os tranqüilos?

— Não tem nem idéia — ronronou Ava, elevando finalmente a vista para ver Reggie assumir um peculiar tom de magenta.

— Ora ora ora... Regina Elaina McNeill, estou impressionada. É uma completa e pequena puta, sabia?

⁷ A expressão que a autora utiliza é kinky, mostrar ou atrair os sabores estranhos ou anticonvencionais, sobretudo de natureza sexual ou erótica, como sadomasoquismo, fetichismo ou práticas sexuais perversas.

— O que é o que diz aí?

Ava sorriu.

— Isto diz que nossa mais querida amiga pensou que poderia desfazer-se de nós rapidamente. Lamento te decepcionar, querida Regina, mas terá sua fantasia, goste você ou não.

Missy franziu o cenho.

— Do que estão falando?

Ava sustentou um pedaço de papel e leu em voz alta.

— Regina diz que quer ser "seduzida por um vampiro atraente e misterioso".

Corinne girou, enfrentando Reggie.

— Não é justo, Reggie! Suas fantasias têm que ser plausíveis. Não pode nos fazer responsáveis por não poder encontrar a alguém que nem sequer existe!

Reggie limpou o sorriso do rosto, o que tinha aparecido quando Ava lia sua fantasia. Pronta para lutar.

— Silêncio. Não se apoquente, Corinne, querida — acalmou Ava. — Não está destinada ao celibato. Proporcionaremos a Reggie o que pediu.

Danice girou os olhos.

— Muitas taças desse vinho, Ava. Os vampiros não são reais.

— Sei que não e já que Regina está perfeitamente sã (relativamente) ela também sabe. Se Reggie realmente quisesse que lhe encontrássemos um autêntico vampiro, estaria fazendo armadilhas, e sei que nossa amiga nunca faria isso. O que significa que teremos que visualizar sua fantasia sob uma luz mais criativa.

— Como...?

— Já que o pergunta. — Ava ronronou sua resposta à pergunta de Missy, mas seus olhos nunca deixaram a Reggie. — Sei de certo clube no East Village que repete um acontecimento regular na última sexta-feira de cada mês. Eles o chamam "O baile do Vampiro".

Corinne riu.

— Então poderemos encontrar um homem para Reggie ali! Já que sabe que não pode ter um vampiro verdadeiro, terá que aceitar um homem que poderia fazer-se passar por um. Ava, é brilhante!

— Eu tento, querida.

— Sim, tenta muito. — Reggie franziu o cenho. — Não posso acreditar que se empenhe em me levar para algum monstro que não está dentro da realidade, que pretende ser um vampiro para conseguir umas patadas. É patético.

O sorriso de gato de Cheshire de Ava se voltou irônico.

— Estava de acordo com a empreitada, Reggie, e você escreveu a fantasia. Está ligada pelas regras como o resto de nós, e a menos que queira apresentar algo mais realista, essa é a fantasia que conseguirá.

— Uma delas, de qualquer forma. — Bendito seja seu coração; Melissa se meteu entre as duas mulheres antes que elas pudessem chegar aos golpes.

— O que diz a outra fantasia? Quer ser seqüestrada por extraterrestres, ou ter um menino do amor do Elvis?

Missy tentava de brincar sobre isso para acalmar as coisas, o que Reggie apreciou, mas quando Ava sacudiu a cabeça e sorriu mais amplamente, Reggie ficou nervosa.

— Não — ronronou Ava, sustentando a outra parte de papel. — Tampouco quer ser a escrava amorosa do yeti.

"OH, não!" Naquele momento, Reggie soube com segurança que os deuses a abandonaram a um horrível destino. Soube qual era a outra fantasia que Ava tinha selecionado. A necessidade de evitá-la de repente foi entristecedora.

— Preciso de uma bebida. — Reggie saiu do sofá e tentou dirigir-se para a cozinha para esconder-se. Não pôde fazê-lo porque, saindo da mesinha, Danice a agarrou pelos ombros e a fez retroceder a seu assento.

— OH OH, Regg! Senta seu traseiro e dispõe a sua fantasia.

— Vamos, garotas. Sinto ter escrito essa coisa do vampiro — gemeu a vítima. — Podemos só nos esquecer dela? Escreverei uma verdadeira fantasia desta vez. Prometo. Desde o começo. Por favor?

— Não há possibilidade. Agora que sabemos o que é o que quer — Ava consultou as partes de papel — quando aqui diz, "seduzida e dominada por um amo" não vamos deixar estar... Sobretudo quando também tem este ardente desejo de chegar "ao limite, surrada e dominada por um bruto imponente e sexy".

— OH, uauu — respirou Missy, sua boca se arredondou em "O" de surpresa, e contemplou a amiga com novos olhos. — Reggie, não posso acreditar que nunca tenha mencionado isso. Quais outros segredos esteve escondendo de nós?

— Nenhum — insistiu Reggie, embora soasse um pouco amortecida através das mãos que ocultavam seu rosto ardente. — Nenhuma maldita coisa. Como poderia guardar segredos de vocês? São piores que os repórteres de jornaleco!

Danice sorriu abertamente.

— Ouça, não parece que queira voltar para Gregory "o Grotesco". Além disso, todas sabemos que é uma coisinha selvagem no dormitório. Nenhum grande êxito.

— OH, de nada. — Reggie bebeu sua taça de vinho e voltou a enchê-la, sorvendo-o enquanto se enrolava como uma bola no extremo do sofá. — A humilhação nunca matou ninguém. Estou segura que o superarei daqui a algumas encarnações.

Missy, sempre suave, limpou o sorriso do rosto e apertou o braço de Reggie.

— Ouça, não é tão ruim assim. Não é como se você não soubesse nada embaraçoso sobre qualquer uma de nós. Quero dizer, vamos. Sabe sobre minha coisa do montanhês. Sabe que Danice se meteu com um menino da marinha de licença. Sabe que Ava ouviu um espetáculo humorístico. Confronta-o, doçura. Não é a única moça daqui com... gostos sofisticados.

Vendo que suas palavras começavam a deixar ainda mais vermelha sua companheira, Corinne pousou o braço sobre o sofá, ao lado de Reggie, e tomou a bebida da outra mulher.

— Ela tem razão, sabe. Além disso, somos suas melhores amigas. Amariamos você até se tivesse fantasias secretas sobre Dan Quayle. Pensaríamos que estava louca, mas ainda te amariamos.

Isso desenhou um sorriso em Reggie.

— É verdade — insistiu Danice. — Uma pequena coisinha estranha não é nada de que se envergonhar, moça. Se suas fantasias fossem de baunilha como o resto de sua pessoa, daí começaria a me preocupar.

Ava agitou uma mão para conseguir sua atenção.

— É certo, é obvio. E já que nossa pouco cooperativa amiga, à contra gosto, tem duas fantasias que trabalham muito bem juntas, podemos assegurar-lhe sem perigo que vamos realizá-las e extremamente rápido, também. Na próxima semana será a última sexta-feira do mês, o que significa que cinco de nós terão uma noite muito interessante na cidade. Posso oferecer um brinde?

As mulheres levantaram suas taças e as sustentaram no alto, com antecipação.

— Por nossa querida amiga Regina — disse Ava depois de uma breve pausa. — E por sua própria Fantasia Quente. E que sejam muito felizes juntos!

Capítulo Dois

Que os deuses a tivessem abandonado a um cruel destino não impediu Reggie de rezar para que a impedissem de romper um tornozelo.

Tomou fôlego tão profundamente quanto lhe permitia o espartilho de cetim negro no qual suas amigas a tinham encaixado, e concentrou-se duramente em manter o equilíbrio sobre os saltos de dez centímetros enquanto descia pelas escadas do escuro clube.

Depois de passar sete dias inteiros suplicando freneticamente, ameaçando e tentado subornar, Reggie não tinha conseguido convencer Ava ou qualquer das outras três mulheres a não levar a cabo esta Fantasia. Elas insistiram em realizar uma saída para o Mausoléu, um clube noturno gótico no coração do East Village. Nenhuma delas tinha mostrado compaixão pelas súplicas de Reggie, exceto Missy.

Mesmo sendo tão terna como era, Missy se negou a ficar do lado de Reggie contra as demais. Em vez disso, oferecera tranquilidade.

— Não acredito que Ava realmente vá te juntar com um perdedor, Reg — havia dito Missy, um momento antes, por telefone. — Ela só está tentando te conseguir um macho com quem passar um bom momento. Ela iria me matar se soubesse que lhe disse isso, mas conhece um tipo com o qual estava planejando te enredar faz tempo, e quer que nos encontremos com ele no clube. Eu o conheço e é agradável. Relaxe agora, ok?

A resposta ante isto, uma pulsante dor de cabeça, palpitava atualmente detrás de sua têmpora ao ritmo da música tecno que retumbava pelos alto-falantes. Ela tentou ignorá-las e se pegou como a cola a suas amigas. Se perdesse nunca as encontraria outra vez entre a multidão de corpos identicamente vestidos de negro. É obvio, também havia outro caminho. Se pudesse escapulir sem que se dessem conta...

Uma mão a agarrou pelo pulso.

— Fique por perto! — Ava se inclinou em seu pequeno grupo, mas mesmo assim teve que gritar para fazer-se ouvir a menos de quinze centímetros de distância. — Vá até o balcão e consiga uma bebida antes de planejarmos nosso ataque.

Ava sempre era perspicaz, e se negou a afastar-se de Reggie enquanto ela se metia e dançava entre a multidão para o balcão iluminado de negro ao final do cavernoso salão. Reggie calculou que Ava tinha adivinhado que estava planejando escapar.

As mulheres se retorceram através da pista de dança como uma ameoba com cinco pseudocorpos. Chegar até o balcão requereu o uso judicioso de cotovelos e imunidade aos insultos. Ao ser a primeira em alcançar um centímetro vazio do espaço, Danice gritou um pedido de cinco bebidas e as demais se fecharam em grupo ao redor de Reggie, que rapidamente girou os olhos.

— Vamos lá, garotas — protestou quando a meteram em um oco do alto balcão que acabava de ser desocupado. — Não pensam que estão um pouco paranóicas? Estou aqui. Vim. Respondi à porta quando chegaram em vez de espantá-las por telefone. Vesti estas desculpas de roupa que me obrigaram a usar. Até lhes permiti deixar uma bolsa cheia de brinquedos sexuais em meu armário! Eu já me rendi. Não têm que me seguir a toda parte.

— É porque sabemos que não podemos confiar em você. — Indicou Corinne, aceitando uma garrafa de cerveja marrom escura e tomando um momento para contemplar a multidão. — Foi Ava quem pensou que com o espartilho seria suficiente para que desistisse de fugir. Mas trouxe uma corda no caso de necessidade.

— Me morda.

— Ah, você gostaria disso, não é verdade?

— Garotas, por favor. Temos coisas mais importantes que fazer do que brigar como meninas de três anos. Reggie, você está fantástica com o espartilho, e tenho certeza que uma corda não será necessária a menos que sua fantasia requeira que a use. — Ava lançou uma olhada discretamente a seu relógio. — Temos exatamente quatro horas e quinze minutos antes do final da festa e de Regina retornar a sua concha. Posições de batalha.

As quatro amigas de Reggie olharam para as quatro esquinas do bar e começaram a explorar em busca de companheiros potenciais. Franzindo o cenho, Reggie se inclinou perto do ouvido de Missy e falou em um murmúrio baixo.

— Pensei que disse que Ava já tinha elegido a alguém.

— E o fez, mas quer que sofra um pouco — sussurrou Missy, com os olhos fixos na massa de homens e mulheres que passavam ante ela. — Poderia parecer ao menos um pouco nervosa? Se ela perceber que te adverti me matará.

Parecer nervosa não seria um problema. Reggie se sentia um pouco desconjurada, rodeada por umas poucas centenas de guris de vinte anos, os quais pareciam ter um medo genuíno à luz do sol. Ela não sabia que pudessem ver-se tantos rostos brancos fora de uma convenção de mímicos.

Com um suspiro, Reggie examinou a multidão e esperou que o amigo de Ava fosse enormemente diferente de qualquer um dos homens que tinha visto até agora.

A multidão realmente não era seu tipo. A maior parte deles era muito jovem para ela, e até os que pareciam ter sua idade ou mais velhos de algum jeito conseguiam parecer-se com meninos disfarçados. Como poderia sentir-se atraída por alguém tão desesperado por escapar da realidade, que desejava ser um personagem fictício? Ela sempre tinha preferido que seus homens tivessem os pés no chão e a controlassem, embora não fosse possível isso imaginar devido a seu histórico. Gregory, por exemplo. Pelo visto, a maior parte das mulheres nos arredores de Manhattan já o tinham tido.

Bebendo a sorvos sua cerveja e inclinando os cotovelos no balcão cheio de arranhões, Reggie pensou que, já que suas amigas queriam lhe escolher um homem esta noite, poderia agradá-las para mitigar um pouco seus fracassos recentes.

Greg personificava seu “tipo”, assim provavelmente deveria reavaliar o conceito de tipos. Ele era seguro de si, atraente, inteligente, ambicioso; da classe que as mães do mundo todo sonhariam tendo nas vidas de suas filhas. Se sua mãe não tivesse morrido quando Reggie era uma menina, provavelmente ligaria diariamente e perguntaria o que tinha se passado com o encantador Greg que Reggie teria acostumado a levar a casa para as férias.

O que se passara era Lisette “a Quente”, reconheceu Reggie, tentando com força não imaginar à pequena loira tola inclinada no escritório de Greg, com a saia ao redor da cintura e sua tanga enrolada ao redor de seus tornozelos. Reggie tinha chegado tarde de sua entrevista para almoçar com Greg e não tinha pensado que aconteceria alguma coisa por entrar diretamente em seu escritório quando vira o escritório vazio de Lisette. Tinha pensado que a mulher estaria descansando um momento. Em vez disso, estava fodendo ao estilo cachorrinho com o prometido de Reggie.

— Reggie! Eu posso explicar isso

Teria alguém inventado uma reação mais patética para aquela cena? Ela sempre acreditara que Greg tivesse um bom nível de inteligência, mas pelo visto o tinha superestimado. Podia ser um gênio para as carteiras de investimentos e as percentagens de lucros, mas quando se tratava de confrontar uma amante emocionada com seu pênis pendurando para fora de suas calças e as mãos por toda parte de sua ajudante administrativa, possuía a inteligência de um menino de sete anos pego lançando bolas de neve à porta o lado.

— Reggie, juro, Lisette e eu estávamos apenas...

Fodendo como coelhos raivosos em cima dos últimos informes da NASDAQ⁸?

Ela lamentava não ter sido capaz de dar essa resposta então, mas tudo o que tinha sido capaz de fazer fora ficar ali com a boca aberta, o fôlego congelado em seu peito e a mão em que levava seu anel apertado fortemente ao redor da maçaneta.

Tomou outro gole de sua cerveja e forçou a mente a não reproduzir o resto daquela cena. Ainda recordava cada palavra feia que lançaram um ao outro, alheios à santa reputação do Sterling and Woulk Financial Inc, mas isso não significava que o quisesse agora ressonando em sua cabeça. A infidelidade de Greg tinha arruinado seus projetos para um matrimônio e família, sua confiança na capacidade dos homens de manter suas promessas e a maior parte de seus seis meses passados. Que a condenassem se o deixasse também arruinar sua noite.

Depois de beber sua cerveja com o estômago vazio — estivera muito nervosa para comer algo antes —, Reggie quase podia ver que Ava poderia ter razão. Talvez uma boa transa que enchesse suas fantasias fosse o melhor modo de esquecer Greg, e se Ava já conhecia o tipo, podia estar segura de que não seria um assassino em série ou algum tipo de monstro. Talvez só tivesse que relaxar e deixar-se ir com a corrente.

Reggie se afastou da mesa e o DJ pôs uma nova melodia. A canção tinha um ritmo profundo e hipnótico, e uma melodia escura. Reggie fez gestos pedindo outra cerveja e deixou

⁸ National Association of Securities Dealers Automated Quotation Systems: Mercado bursátil americano onde cotam empresas relacionadas com as novas tecnologia.

seus quadris adquirirem o ritmo e rebolar junto com a música. As calças de couro negro que tinha pensado que seriam muito ajustadas para mover-se, permitiam dançar realmente bem. Ignorou aos olhares que seu traseiro atraiu de alguns homens no balcão e tratou de localizar suas amigas.

Danice obviamente também gostava do ritmo, porque aceitou um convite para dançar com um motociclista alto e corpulento, gritando que voltaria em seguida. Reggie a observou ir, invejando a desenvoltura de sua amiga no bendito clube. Quando sua cerveja chegou, levantou-a até os lábios e girou para encostar-se no balcão, perguntando-se se seria capaz de distinguir ao amigo de Ava entre a multidão.

Não o que estava diretamente em frente, decidiu ela, observando um bonito moço pálido gesticular com grande eloquência ao bando de jovens que o rodeava. Ava conhecia Reggie o bastante bem para saber que nunca se decidiria por um menino muito teatral. Como podia levar a sério alguém assim? Ele tiraria um par de algemas e ela teria que se perguntar se seu papai sabia onde as tinha conseguido. De maneira similar, desprezou a um punhado de punks meditaundos e a um par de tipos com aspecto de pensativo vestidos de couro. O gosto de Ava ia para algo muito mais sofisticado.

Tentando ignorar sua dor de cabeça, começou a pensar que o amigo de a Ava poderia tê-la deixado plantada, quando seu olhar golpeou o final do balcão e patinou até deter-se. O homem mais perfeito que ela já vira estava sentado ali nas sombras, com uma mão rodeando um copo de um líquido âmbar e os olhos fixados diretamente em seu rosto.

* * *

Dmitri Vidame consumia pouco a pouco seu único copo de uísque escocês, perguntando-se outra vez como se deixara convencer a assistir este pequeno e pretensioso jogo de simulação. O "Baile dos Vampiros" pouco se encaixava em seu pensamento normal quanto ao que constituía um bom momento, e francamente, os assistentes que enchiam a pista de dança do vasto porão do Mausoléu estavam começando a incomodá-lo.

"Veja-os", pensou, lutando para evitar que o desprezo aparecesse em seu rosto. "Se qualquer um destes meninos topasse com um autêntico vampiro, manchariam suas calças e iriam correndo para o colo da mamãe". Mal tinham cortado o cordão umbilical, e já se consideravam incompreendidos e atormentados. Pensavam que se sentiriam mais cômodos na escuridão do que ao sol; pensavam que sabiam o que significava estar sozinho e atormentado. O que Dmitri mais queria era lhes colocar algum bom-senso a bofetadas.

A verdade é que isso não era precisamente exato. Mais que uma pequena violência judiciosa, o que queria mesmo era ir para casa. Uma tarde tranqüila a frente de sua chaminé lhe parecia imensamente mais atraente do que outros cinco minutos rodeado por garotos presunçosos vestidos de "gótico". Inclusive uma das intermináveis reuniões politicamente carregadas do Conselho dos Outros, nos quais se sentava, soava mais atraente.

Resmungou em voz baixa e tomou metade de sua bebida de um gole. Tinha deixado Graham, seu bom amigo e companheiro de Conselho, convencê-lo a vir a esta sessão de tortura. Tecnicamente, supunha que estavam ali a negócios, procurando jovens vampiros que se acostumaram a freqüentar estes estabelecimentos Góticos e alimentar-se dos impacientes participantes. Os novatos se arriscavam à exposição com seu comportamento, e o Conselho

tinha decidido que necessitavam de uma advertência para detê-los. Não descobrira a nenhum deles neste bar, entretanto, e estava mais que preparado para ir embora. Assim que Graham deixasse de farejar ao redor da desalinhada e pequena loira que atualmente “interrogava”, Dmitri se despediria e sairia. Talvez se detivesse para uma dentada de caminho a casa, só para lavar o gosto daquele lugar de sua boca.

Tinha tantas coisas melhores que poderia fazer, refletiu, tentando de distinguir Graham na multidão movediça. Onde tinham se metido ele e a loira? O Conselho que governava a aliança de vampiros de Nova Iorque e as populações de licântropos estivera ocupado ultimamente, mas nem sequer aqueles problemas tinham mantido sua mente ocupada. Ele sentiu o aborrecimento arrastando-se sobre si e se perguntou se era o momento de renunciar a seu assento no conselho em favor de novas buscas.

Agitado, esperava com impaciência no balcão, tentado a simplesmente a se esquecer de se despedir, e abandonar à própria sorte Graham e sua bonita e tola garota. Alcançou seu copo outra vez, e a viu.

Ela se aproximou do balcão, deslizando-se imediatamente detrás de outras quatro mulheres, mas Dmitri não podia descrever a nenhuma delas. Via unicamente a ela, com seu rosto como uma visão e o corpo como um presente dos deuses.

A mulher parecia impaciente e um pouco nervosa, tristemente desconjurada entre a ridícula multidão que a rodeava. Em primeiro lugar, tinha a aparência de uma mulher em vez de uma menina. Ele podia ver que era jovem, talvez no final dos vinte, mas levava sua idade comodamente, como deveria uma mulher amadurecida. Sua pele, leite branco polvilhado com sardas de cor mel, parecia lisa e sem rugas. Ele a observou inteira, da raiz dos cabelos até seus generosos seios abraçados e levantados pelo cetim negro de seu espartilho; da elegante curva de seu ombro às pontas dos magros dedos. Sua cômoda calça de couro negro e botas altas negras cobriam todo o resto, abraçando suas curvas com carinhoso e fazendo seu corpo se endurecer.

“Senhor, ela é espantosa.”

Ele se sentia atordoado. Não reagia à mera visão de uma mulher a mais tempo de que podia recordar, mas reagiu a esta. Já podia sentir seu pênis endurecendo-se sob a calça, enchendo-se de sangue e calor, enquanto sua sensação de aborrecimento morria subitamente.

Ela sobressaía em contraste extremo, relevada contra o mar de igualdade repetitiva que a rodeava. Ela também se vestia toda de negro, mas não compartilhava nada mais com as outras mulheres no recinto. Sua pele iridescente resplandecia de formosura natural, e seu cabelo não tinha sido tingido de um negro plano e substância absorvente de luz. Ondeava sobre os ombros e caía pelas costas, em ondas de mogno polido. Quando voltou a cabeça, a luz o apanhou e ativou chamas dançantes através da superfície brilhante. Dmitri imaginou enterrar suas mãos nele, usar seu agarre para mantê-la quieta enquanto ele se impulsionava em seu corpo.

Ele queria aquele corpo, reconheceu; queria sentir as curvas pálidas e brancas contra ele, embaixo dele. Seu corpo fluía sob o tecido negro rodeado de metal rígido, em um reflexo da glória de Vênus. Os ombros suaves e graciosos que se curvavam para os seios generosos; e o espartilho acentuava a forma em que sua cintura de vespa se apertava sob sua plenitude tentadora. Seus quadris brilhavam desde esse estreito espaço, arredondados, exuberantes e

firmes, e suas pernas, embainhadas como uma luva nas suaves calças de couro, pareciam arredondadas, suaves e perfeitas para agarrar-se ao redor de seus quadris, ou lançá-las sobre seus ombros, ou as enredar firmemente com as dele.

Ele estava sentado ali no balcão, olhando fixamente e fantasiando e querendo-a, e enquanto o fazia, cedeu a seus instintos e deslizou ligeiramente dentro da mente dela.

Ela não o notou, tão absorta que estava em seus pensamentos, mas ele se sentiria assombrado se o tivesse notado. A maior parte das pessoas não notava sua presença mental, mesmo que ele não se mantinha silencioso como fazia agora. Poucas pessoas tinham algum talento psíquico, e menos ainda sabiam usá-lo. Ele não explorou profundo o bastante na mente da mulher para ver se o tinha; só queria conseguir uma percepção dela para decidir se algo mais que seu corpo formoso o intrigava.

Mais que intrigado, ele se encontrava encantado e inesperadamente entretido. Esta mulher possuía uma mente vívida e humor afiado.

“Olhe isso”. Ele ouviu a voz dela em sua cabeça, rouca, feminina e excitante. “O senhor veludo de imitação pensa que é o melhor, aí sentado com esses tolos palitos o adulando totalmente por sua camisa de poeta. Tem idéia do ridículo que é para um homem adulto levar as costelas ao ar e punhos de camisa de encaixe?”.

Ele a observou levantar uma garrafa a sua boca escorregadia e pintada, e seus olhos se estreitaram. Queria aqueles lábios abertos ao redor de seu pênis, e a violência de sua luxúria o surpreendeu. Esta mulher tinha um efeito inquietante sobre ele.

“E esse”, ouviu-a mofar-se. “Que ridículo! Passou mais rímel do que eu, e nem sequer verificou se tinha emplastos. Está fazendo gestos para mim? Seja realista, filhinho! Não estou disposta a responder a essa insultante chamada, nem sequer para um conselho sobre maquiagem, muito menos com o que anda procurando”.

A cabeça de Dmitri girou e seu olhar se cravou sobre o Romeu maquiado com rímel. Um rápido impulso mental fez o garoto cambalear para trás contra o balcão e colocou o medo a Deus nele... ou, ao menos, o medo ao Dmitri.

“Onde está o tipo que Ava convidou? Se eu tiver que esperar neste circo muito mais tempo, pode ir despedindo-se de suas possibilidades de transar. Não me importa o quanto que pensem que necessito isto. Eu me nego a transar com alguém que não consegue aparecer a tempo para consegui-lo”.

A raiva sombreou sua visão durante uma fração de segundo, e realmente sentiu que suas presas se alargavam, em previsão às feridas que infligiria a qualquer homem que se atrevesse a tocá-la. Mostraria a estes farsantes a fúria de um verdadeiro vampiro caso se atrevessem a colocar uma mão em cima do que Dmitri tinha intenção de reclamar para si mesmo. Sua mulher não transaria com nenhum outro homem, somente com ele.

Sua mulher.

Dmitri examinou o término possessivo com surpresa e provou a frase em sua mente. Em toda sua considerável vida, nunca havia sentido um sentimento de propriedade tão imediato com nenhuma mulher. Nunca tinha se visto tentado a conquistar e reclamar tão rapidamente. Mas neste caso, queria marcar a mulher para que o mundo inteiro soubesse que deveria manter-se afastado.

Quando viu a mulher girar-se para olhá-lo fixamente, controlou sem piedade suas emoções e moveu seu toque à borda de sua mente. Não pensava que tivesse notado sua

presença lá dentro, mas decidiu ser prudente e cauteloso. Na realidade, descobrira uma veia obstinada e independente nela. Não queria que lutasse contra ele. Ainda não.

Ele a sentiu contemplando-o, e encontrou seu olhar. O calor formou um arco entre eles, cortando através da multidão como se pudesse apagar todas as barreiras que os separavam. Ele não queria nenhuma barreira, queria-a exposta para ele, em corpo e mente, assim poderiam saciar-se com sua carne, seus pensamentos e seu sangue.

Ela era perfeita, e seria dele.

Capítulo Três

“Senhor, mas ele é delicioso”.

Incapaz de deixar de encará-lo fixamente, Reggie decidiu que mesmo que não fosse o amigo de Ava, ele seria o único homem ao que quereria atar em uma cama... muito, muito obrigado.

Ele se encostou ao balcão do bar com a preguiçosa graça e elegância de uma pantera, seu brilhante e espesso cabelo escuro tão parecido à pele de uma pantera. Coroava um rosto de uma sensualidade incrível. Ela não poderia chamá-lo de formoso, não com aqueles traços duros cinzelados, que pareciam ter sido cortados do granito, mas podia chamá-lo definitivamente de delicioso. De fato, simplesmente adoraria comê-lo inteiro.

Suas feições duras se igualavam seu corpo, ou o que ela podia ver dele do outro lado do salão. Tinha o elegante físico do enorme gato com o que o tinha comparado antes, com amplos ombros, pernas largas, musculosas e um estômago magro, plano. Sua roupa escura e informal agradou-a e chamou sua atenção para seu impressionante porte.

Ela se encontrou estirando o pescoço para tentar vê-lo por entre a agitada multidão. Um sorriso conhecedor encurvou sua boca sensual, e Reggie ruborizou. Suas bochechas arderam muito mais quando outro magnífico espécime de macho parou ao lado de seu homem misterioso e colocou uma mão em seu ombro; o recém-chegado aproximou a cabeça para ouvir o que o Senhor Apetecível tinha a dizer, e quando sua cabeça se voltou e seus olhos se encontraram com os dela, soube de quem estavam falando: dela.

OH, nossa. Pelo visto, realmente os homens extremamente formosos andavam em manadas, pensou ela, quando conseguiu dar uma boa olhada ao amigo do Senhor Tudo de Bom.

O segundo homem tinha o corpo magro e musculoso de um corredor, seu cabelo escuro cor chocolate que parecia necessitar um bom corte. Sua pele era mais escura que a do Senhor Uhlala, mas tinha o mesmo tipo de presença imponente e olhar autoritário.

Ela esperou a mesma onda de luxúria que a tinha golpeado no momento em que viu o primeiro homem misterioso, mas nada aconteceu. Seu cérebro apreciou ao amigo, parecia realmente atraente, mas não experimentou nenhum impulso de lhe arrancar a roupa e jogar seu corpo contra o dele. Voltando o olhar ao Senhor Magnífico, ela sentiu que suas mãos alcançavam seu zíper.

Através do balcão, seu homem misterioso riu em voz alta e ela ouviu o som mesmo sobre o alvoroço da música e a conversação. Também o sentiu. Vibrou no oco de seu estômago e a estimulou como uma carícia. Sua vagina se umedeceu.

Bem, Reggie, tranquilize-se, ela se instruiu, rompendo o contato dos olhos e olhando ao redor, procurando suas amigas. Talvez elas pudessem distraí-la de seu ataque hormonal. Danice ainda girava na pista de dança, desta vez acompanhada com um refugiado punk com um Mohawk⁹ Borgonha. Corinne tinha se aproximado deles e dançava com o tipo que Danice tinha deixado. Ao menos Ava e Missy estavam ainda com ela, e Ava não partiria até que seu amigo chegasse. Ela pensou que também poderia contar com Missy, mas justo quando a idéia cruzava por sua cabeça, um grupo de mulheres parou ao lado de sua mesa e lançou uma saudação balbuciada de prazer e surpresa quando viram Melissa Roper, sua velha amiga do colégio, aqui no clube noturno. Agradecida pela possibilidade de poder concentrar-se em outra coisa além do Senhor Tome-me Agora, Reggie sorriu e deixou que Missy a apresentasse às outras mulheres.

Sua pequena mesa de repente se converteu no lugar mais lotado do clube. As amigas pareceram atrair mais amigas, e o número aumentou de quatro a sete. Reggie retrocedeu para dar lugar quando elas começaram a abraçar Missy, saudando-a, e encontrou-se manobrando e afastando-se completamente da mesa. Um cotovelo lhe deu um pequeno golpe nas costas, e ela virou para fulminar com o olhar quem quer que não estivesse olhando aonde ia. Escaneou a multidão, mas ninguém parecia perto o bastante para ser o culpado. Suspirando, voltou-se para Missy e as amigas de colégio só para perceber que tinha perdido sua mesa completamente. De algum jeito, quando havia virado as costas, tinha sido arrastada na multidão e não podia ver nem sequer onde estavam em pé Missy e Ava.

Começou a zangar-se antes que outro pensamento a golpeasse. Se ela não podia ver suas amigas, elas não podiam vê-la também. Poderia fugir!

De repente, pareceu-lhe como se acabasse de sair da prisão. Agora só tinha que evitar ao guarda e alguns rastreadores antes de alcançar a porta principal e ser uma mulher livre.

Não perdeu tempo. Esquivando-se detrás de um homem alto em látex púrpura, começou a avançar passo a passo perto do balcão e para a entrada. Tinha percorrido possivelmente uns cinco metros antes que uma mão se fechasse ao redor de seu cotovelo e a detivesse.

— Certamente não está partindo, malishka?

Reggie balançou, parando sobre seus altos saltos de dez centímetros e se congelou. Sentia a cálida mão em sua pele e a sombria presença a seu lado, mas todo o resto desapareceu. Inclusive o som da música se dissolveu no fundo. Reggie recusou-se a reconhecer se algo mais palpitava.

A voz que lhe falou brandamente por trás não a surpreendeu tanto quanto a mão firme e quente que se deslizou para baixo, pelo suave cetim de seu espartilho, para colocar-se em uma posse íntima em seu quadril. Sua cabeça se ergueu e ela se encontrou examinando os intensos olhos escuros do estranho do final do balcão.

"Uau. De perto é ainda mais delicioso", foi sua reação inicial, seguida rapidamente por um rubor envergonhado quando ele sorriu com uma espécie de preguiçosa diversão, como se ela houvesse dito seu comentário em voz alta. *"Isso é impossível, Regina. Ele é só um homem, não um Psíquico. Então, acalme-se. E o que faz ele com as mãos em cima de mim, aliás? Sei que nunca o vi antes. Ele não é o tipo de coisa que uma moça esquece."*

⁹ Mohawk é um estilo de penteado mohicano, que consiste em barbear os lados da cabeça, deixando uma tira de cabelo notoriamente mais comprido no centro.

Ela calculou com este último pensamento que bem poderia qualificar para um grau MS, “Mestre da Subestimação”. O homem parecia o pecado ambulante. Facilmente media mais de um metro oitenta e três, provavelmente um metro oitenta e nove ou um metro noventa e três, seus impressionantes músculos ainda eram mais intimidantes de perto. O grosso cabelo escuro parecia negro sob a débil luz e caía em rebeldes ondas sobre sua frente. Ele necessitava um corte, e ela poderia se decidir a conseguir um título de cabeleireira para só ter uma desculpa para passar os dedos por aquele cabelo.

Seus olhos eram tão escuros que pareciam negros e quando sorriu tão perto dela, viu deliciosos lábios que pareciam desenhados em um rosto que parecia esculpido em granito.

Ela abriu sua boca para falar, mas ele apertou a mão em seu quadril, só um pouco, mas o suficiente para distraí-la do que estava a ponto de dizer.

— Esperava que me permitisse lhe comprar uma bebida — a voz rouca retumbou outra vez, e Reggie viu que o Sr. UmmUmm lhe lançava um divertido olhar com aqueles olhos negros, sedutores. Diversão e algo mais. Sob o brilho de humor, seus olhos pareciam vigilantes, intensos e ardendo com fogo. Reggie não se considerava o tipo de moça que deixava que homens estranhos a recolhessem em bares. De qualquer forma, não se lamentou muito quando levantou o olhar e, sem pensar, lambeu os lábios.

Os olhos do estranho arderam mais quentes, e a mão em seu estômago se moveu para atraí-la mais perto. A ação conseguiu tirar Reggie de seu atordoamento.

Ela tentou recuperar seu bom senso, algo com o que jamais tivera problemas antes que esse Alto e Escuro Pecador a tivesse virado para que o enfrentasse.

— Nunca deixo que homens estranhos comprem minhas bebidas. Nunca sabe se conhecerá o próximo Jack, o Estripador.

Sua boca se quebrou em um sorriso.

— Juro que não sinto carinho por becos escuros, nem por prostitutas. Mas se te faz sentir melhor, pode me comprar uma bebida em troca.

Ela pensou que poderia resultar em algo perigoso.

— Hum, suponho que deveria lhe agradecer a oferta, Sr... quem quer que seja, mas não acredito.

Ela tentou retroceder, reforçar suas palavras impondo alguma distância, uma espécie de pára-choque contra seu enorme atrativo sexual, mas o estranho a agarrou, apertando-a, e simplesmente riu dela.

— Dmitri. — Murmurou ele, com o olhar terrivelmente divertido que ela tinha notado antes em seu rosto. — Meu nome é Dmitri Vidame. E não tem que fazê-lo, realmente.

— Não o que?

— Agradecer-me.

Teve que lutar, mas Reggie conseguiu vencer seu desejo de derreter-se ante a vista de seu atraente e malvado sorriso, e em troca se obrigou a girar os olhos.

— Por se oferecer a “me deixar” comprar uma bebida? Esse não é o tipo de oferta que inspira agradecimentos e me permitir expressar minhas desculpas e minha gratidão nua.

Dmitri riu entre dentes, um som áspero que retumbou sobre seus sentidos como a língua de um grande gato.

— Não pensei que teria que fazê-lo. Simplesmente estava lhe dando a oportunidade de me expressar o obrigado de uma maneira convencional. Mas se prefere fazê-lo estando nus...

— Suas sobrancelhas se arquearam e o sorriso se fez mais profundo. — Seria grosseiro contrariá-la, não é?

Reggie se ruborizou. Embora tivesse sido ela a da idéia da coisa nua, de algum jeito a idéia lhe pareceu mais presunçosa nos lábios dele do que nos seus. Ela pigarreou e outra vez tentou retroceder. Outra vez a mão se apertou em seu ventre, mas desta vez foi afirmada por sua companheira. Ambas as mãos se deslizaram sobre a seda quente de seu espartilho e se colocaram possessivamente em seus quadris. Ele a atraiu ainda mais perto. Reggie olhou para baixo, para ver se de alguma maneira tinha sido ela quem se moveu sem aviso. Dmitri recuou até apoiar-se no balcão e sentar-se outra vez, atraindo-a até que ela ficou de pé entre suas pernas estendidas, perto o bastante para capturar seu aroma terroso e temperado. Ela respirou fundo, involuntariamente, saboreando sua fragrância, até que seu sorriso rompeu seu feitiço, e os olhos dela se abriram de repente.

Ela não percebera os tinha mantido fechados.

— Olhe, senhor Vidame, por que não me deixa voltar com minhas amigas e você volta com seu amigo. — Ela soltou a sugestão, somente para demonstrar que seus nervos tinham escapado de controle. Este homem poderia facilmente convertê-la em uma idiota mentirosa... se é que já não era muito tarde. — Vi conversavam antes...

— Misha.

— E certamente vocês dois têm algum projeto... né!? — Ela se deteve, recordando ao magnífico amigo.

— Não me chame de senhor Vidame, Regina — instruiu-o. — Me chame de Dmitri, pelo menos. Embora preferisse que me chamasse Misha. É um apelido. Um término carinhoso.

Disse isso como se quisesse fazer-se seu amigo. Reggie sacudiu a cabeça para limpar as teias que sentia a cobriam.

— Espere. Como é que sabe meu nome? Não acredito que o tenha ouvido de minhas amigas por cima da música.

— Pois sim, tenho uma audição excepcional, mas suas amigas lhe chamavam por esse apelido horroroso. Reggie é nome para um homem, não para alguém tão formosa como você. — Seus olhos vagaram sobre ela em franca apreciação. — E obviamente tão mulher.

Reggie se ruborizou com o elogio, o que só a deixou mais louca.

— Não tente me adular, cara. Já tenho bastante desse tipo de merda. De fato, já estou cheia desta conversa. Agora afaste suas mãos de mim.

Dmitri levantou uma sobrancelha e afastou as mãos de seus quadris, sustentando as palmas para cima e ela visse que já não a retinham.

— Sempre estive livre para ir, Regina. Se esse for realmente seu desejo.

Ela não confiou no ronrono aveludado de sua voz, nem na expressão divertida em seu rosto.

Deu um passo para trás.

Ou, para ser mais precisa, tentou dar um passo para trás. Imaginou-se dando um passo para trás. Pôde sentir virtualmente o impulso que enviou os sinais de seu cérebro a seus nervos e a suas pernas, mas seus pés permaneceram absolutamente imóveis. E como já tinha jogado peso para trás em vista daquele passo, quase caiu de bunda. Ela vacilou durante um momento, à beira de um embaraçoso tombo, e conseguiu estabilizar-se. Em vez de agarrar a firme madeira do balcão, suas mãos agarraram o sólido calor das coxas de Dmitri, encerrados

em uma suave sarja de algodão negra. Logo que ela se estabilizou, puxou as mãos para trás como se queimassem.

Mas elas só zumbiram.

— Que demônios está acontecendo?

Dmitri encolheu os ombros.

— Fiz o que me pediu, dushka. Tirei minhas mãos de você. Disse que era livre. — Ele se inclinou mais perto até que ela pôde sentir que seu fôlego roçar sua pele. — Você que não deve estar querendo me deixar.

— Tolice — disse Reggie, disfarçando sua crescente inquietação. — Fez alguma coisa comigo e quero saber que demônios é. Não, realmente, não me preocupa o que fez, só quero que o detenha e me deixe ir.

Ela apoiou as mãos com força contra suas pernas e empurrou, mas seus pés permaneceram pregados ao piso. Dmitri avançou e ela girou a cabeça, esforçando-se para escapar. Uma mão grande, masculina, tocou seu quadril e subiu sobre seus flancos, rodeando o exterior de seu peito até que se fechou sobre o queixo, e branda mas firmemente a fez enfrentá-lo. Ele obrigou seus olhos a encontrar os dele, capturando seu olhar e sustentando-a tão fortemente como sustentava seus pés no lugar. Ela sabia que ele o fazia. De algum jeito.

— De verdade? — Ele murmurou, acariciando com a boca sua bochecha, então a barba incipiente raspou contra sua pele. Sua outra mão deslizou ao redor de seu quadril para descansar na pequena curva das costas e levá-la mais perto. Suas coxas se apertaram, e ele a abraçou, mantendo-a presa e apertada, incapaz de escapar. Ela não conseguia afastar seu olhar do dele. Seus olhos escuros a retinham tão bem quanto suas mãos a apertavam com mais força, até que ela se perguntou se seria tão ruim se afogar naquelas brilhantes profundidades escuras.

“Realmente quer que te deixe ir?”

Indefesa, seduzida, ela sentiu que sua cabeça brandamente se movia de um lado ao outro: “Não”.

Dmitri sorriu outra vez, mas desta vez a expressão era perigosa, viril e predadora, mais que divertida. *“Acredito que não. Quer me pertencer, Regina, tanto quanto eu quero que seja minha.”*

Sua voz retumbou sobre e ao redor dela, até que se tornou a única coisa em seu universo, a única coisa além de suas mãos e sua pele e seus olhos escuros, tão escuros. Mesmo quando lhe falava, ela podia ver o jogo de desejo e satisfação em seus lábios. Lábios que nunca se moveram.

Reggie se congelou, seus olhos se arregalaram, os lábios se abriram e a respiração se interrompeu por um segundo.

— Oh, Meu Deus — sussurrou ela, ainda incapaz de se mover, mas igualmente incapaz de acreditar que tinha ouvido este homem falando dentro de sua cabeça, ou que o havia sentido segurando-a no lugar mesmo depois de soltá-la. — Quem é você?

Ele deslizou a mão de seu queixo ao pescoço, os dedos se enrolaram na suave seda de seu cabelo. E de alguma forma seus olhos sustentavam os dela, ainda mantendo-a cativa.

“Já disse isso, dushka, sou Dmitri Vidame. E serei seu amante.”

* * *

Reggie não conseguia recordar seus últimos minutos no balcão, mas recordava a sensação da palma de Dmitri sobre a pele nua entre suas omoplatas. Ela não se lembrava de ter despedido de suas amigas, ou ter pagado sua bebida, mas recordava as mãos em sua cintura enquanto ele caminhava atrás dela e a dirigia por entre a multidão para a porta principal.

Não se lembrava de ter subido em um táxi até sua casa, mas lembrava a força das coxas de Dmitri sob ela quando se sentou em seu regaço e descansou a cabeça em seu firme ombro. Ela recordava os dedos masculinos tomando seus seios através da pesada seda do espartilho, o toque brincalhão dos polegares golpeando sobre seus mamilos endurecidos. Recordava uma daquelas incríveis mãos ir à deriva por seu estômago e tomar possessivamente seu montículo, fazendo a carne zumbir e palpitar sob as calças de couro, mas não se lembrava ter deixado o táxi e subido a seu andar.

Sua memória não se preocupou em armazenar lembranças de ter subido no elevador ou caminhado pelo comprido corredor vazio para seu apartamento, mas nunca esqueceria a silenciosa e esmagadora presença do homem que caminhava a seu lado.

Ela não podia lembrar-se de ter aberto sua porta, mas lembrava a sensação do corpo de Dmitri, de seu calor quando se apertou por trás dela, impulsionando-a para o quarto escuro, fechando a porta detrás deles.

Ela não recordava nada mais até que acendeu o abajur de sua mesinha de cabeceira, e com ela se acendeu também sua consciência. Voltou em si em um salto e encontrou-se de pé, no meio de seu dormitório, com os mamilos e a vagina doendo com força e as profundidades quentes e escuras dos olhos dele, que ameaçavam tragá-la inteira.

— OH Meu Deus — disse ela, retrocedendo assustada. Uma onda de adrenalina a fez tremer, e apertou com força seus joelhos para impedir-se de cair. — O que fez comigo?

— Só o que você desejava, dushka — murmurou ele, caminhando para ela sob a tênue luz. — Só te agradecer.

Ela se afastou dele, sacudindo a cabeça.

— Você não é de verdade. Isto não pode ser de verdade. Deve ter armado tudo isso, porque ninguém pode fazer o que me fez.

— E o que é o que fiz com você, Regina? — *“Me fez rogar por seu toque”*.

Ela não fez caso de seu pensamento.

— Está me assustando. — Parecia uma resposta muito mais segura

Ele se aproximou, e ela se afastou. Eles dançaram esses mesmos passos até que ele a apoiou na madeira da porta do dormitório e Reggie não teve mais aonde ir.

Ele se inclinou mais perto.

— Não é medo o que faz que seu coração correr, milaya — Ele estendeu a mão, e ela se sacudiu para trás com seu toque, mas ele só roçou um cacho solto de cabelo em seu rosto e prendeu seu olhar com o dele. — Não é medo que faz seu fôlego correr rápido e sua boca secar. Não é medo que endurece seus mamilos e molha sua vagina. É desejo.

As coxas de Reggie se apertaram. Suas palavras a deixaram mais quente do jamais estivera em sua vida e ele nem sequer tocava.

— E não pode me fazer isto — disse ela, esperando poder encontrar as palavras certas e as fazer verdadeiras. — Isto não pode estar acontecendo.

Dmitri riu entre dentes, um som profundo, que retumbou em sua cabeça e em seu coração e profundamente dentro de sua vagina.

— Você se assombraria com todas as coisas que podem acontecer, milaya, se apenas confiar em mim.

Ela o desejou tanto que se assustou, e Reggie assustada era uma Reggie beligerante.

— Confiar em você? — Ela zombou, endurecendo suas costas e fulminando-o com o olhar. — Nem sequer te conheço! Só te encontrei por acaso em um bar. Pode ser qualquer um. Ou algo. Como se supõe que confiarei em você?

Ela se firmou em sua cólera e quase o esperou. Se ele se zangasse, talvez ela não quisesse arrancar-lhe toda a roupa e saltar sobre ele.

Ela se alegrou de que ainda podia falar com sua mente. Ao menos a consolava saber que apesar de toda essa energia estranha que ele tinha sobre ela, não a tinha convertido em algum tipo de zumbi sexual. Enquanto ainda pudesse reconhecer-se, seu medo deteria o pânico e o terror.

Dmitri sorriu, e não parecia um rugido de raiva.

— Você só procura uma desculpa, Regina. Enquanto diz isso, sabe em seu coração que esse ponto é discutível. Uma parte sua já confia em mim, ou eu não estaria aqui, nem me teria convidado para sua casa e a sua cama.

Ela notou a maneira em que sua voz conseguia fazê-la doer-se por ele.

— Convidei para minha cama!? Acaso fiz isso? É engraçado, porque não me lembro de dizer nenhuma palavra.

— Não necessito que me fale para conhecer exatamente seus desejos, dushka. Sei exatamente o que quer, já que é o que eu também quero.

"Com certeza, que me pôr debaixo e foder, e saber que meu cérebro explode é apenas consolador, cara."

— Realmente? Por acaso quer acabar com a fome no mundo, e um Jaguar 1968 para participar do British Racing Green¹⁰?

Apanhada em seus próprios pensamentos, abriu os olhos amplamente e abanou as pestanas.

— Deveria procurar não me contestar muito, Regina Elaina. — De repente, os sete centímetros entre seus corpos se converteram em nenhum, e ele afundou suas mãos em seu bumbum, amassando a carne através do couro que encaixava suas formas. — Poderia querer te castigar.

"*Sim, por favor!*" Reggie blasfemou e os sucos de sua vagina gotejaram só de pensar nisso. Em vez do medo, sua declaração só excitou seus mamilos e sua curiosidade E sua vagina. Não conseguia esquecer-se de sua vagina. Não importava com quanta força o tentasse.

¹⁰ O British Racing Green, também conhecido como BRG, é a cor dos automóveis de competição britânicos. O motivo do uso desta cor se deve a uma época, lá pelos anos 1920, em que as organizações que posteriormente formariam o que hoje é, estabeleceram uma norma na competição que obrigava o reconhecimento da nacionalidade de uma equipe pela cor de seus carros. Embora não exista unanimidade sobre o tom exato da cor BRG, aceita-se que é uma variante do verde, escuro e rico.

Seus lábios se separaram antes que ela pudesse pará-los e a deixaram, para seu horror, escutar quando sua selvagem língua inquiriu ao tigre.

— É mesmo? — Ela logo que reconheceu sua própria voz sob todo esse ronrono sedutor.
— E você gostaria de me castigar, Dmitri?

Os olhos cintilaram e suas mãos apertaram seu traseiro.

— Tanto como você gostaria de ser castigada, katyonak.

— E o que significa isso? — Esperava encarecidamente que lhe desse uma longuíssima explicação, assim então ela teria tempo para pensar em alguma rota de fuga.

— Katyonak?

— Sim.

— É um termo carinhoso. Significa “gatinha”

Algo em Reggie se derreteu, e desta vez não foi sua vagina.

— É assim como me vê? Como uma pequena gatinha inocente?

Ele levantou uma mão para a curva de seu rosto, baixou a outra até que seus dedos se deslizassem entre as bochechas de seu traseiro e a apertou contra seu ventre coberto por couro.

— Uma pequena gatinha aventureira — corrigiu ele, estalando um dedo sobre o couro liso, quente —, inclinada às travessuras. Suave e sensual e cheia de curiosidade, mas um pouquinho caprichosa.

Com uma mão em seu rosto e a outra tomando seu sexo através das calças de couro cada vez mais incômodas, Reggie se sentiu mais fortemente atada que se estivesse com grilhões de aço. Este homem tinha o controle completo de seu corpo, e o brilho em seus olhos lhe disse que ele sabia.

Ela tremeu.

— Tenho razão, katyonak? Ficou nervosa?

Ela tremeu outra vez e seu tremor contra ele levou um malvado sorriso a seus lábios. Ele apertou mais forte a mão contra ela, estendendo seus lábios para ele, separando-os sobre a costura na entreperna de suas calças. De repente, até o grosso couro não oferecia absolutamente barreira alguma.

Ele tinha a vantagem, e a usava. A mão que não tinha sepultado entre suas pernas se deslizou para baixo de sua mandíbula para fechar-se ao redor de sua garganta; não apertou, mas o rodeou e obrigou sua cabeça a ir para trás contra a porta. A posição a forçou a endireitar as costas para frente de maneira que o espartilho não teria podido e ela ficou ali, de pé, fixa entre seu corpo duro e a madeira, incapaz de olhar outra coisa que não fosse ele.

Dmitri olhou fixamente em seus olhos, e com o polegar acariciou a pele de sua garganta vulnerável, enquanto a outra mão começava a esfregar o sulco entre suas coxas, com uma pressão firme e constante. Ela parecia um brinquedo, colocado para seu prazer, dominado e controlado sob suas mãos, seus olhos e sua impressionante presença.

Então, por que infernos estava tão excitada?

Por que então tinha que lutar para impedir-se de gemer, para impedir que seus olhos fossem à deriva, para impedir que suas coxas se abrissem mais amplas para impulsioná-lo mais perto? Devia realmente desfrutar de ser tratada e usada como se fosse boneca inflável por um homem estranho?

— Não tem nada em comum com esses objetos inanimados, Milka. Uma boneca não desfruta da carícia de seu amante. — Seus dedos deslizaram, avançando entre seus inchados lábios, esfregando a áspera costura contra sua carne sensível, até que lhe deu um golpezinho em seu clitóris. Reggie segurou um gemido, mas não pôde controlar a maneira com que seus quadris rodaram ante seu toque. — Só uma mulher fica tão quente, tão molhada, tão deliciosamente perfumada.

Ele inalou profundamente, respirando-a. Reggie viu a maneira em que suas fossas nasais se dilataram e o calor que queimou em seus olhos, e se perguntou como cheiraria. Logo se perguntou em que diabos estava pensando. Ela se esticou, e os nervos a afligiram outra vez, não importando quão molhada sua vagina estivesse.

— Está tudo bem, Regina — murmurou ele, acariciando-a com a boca no sensível oco detrás de sua orelha. Ele bem poderia ter estado acariciado seu clitóris porque ante seu toque lançou um grito afogado e se sacudiu. — Quero te deixar nervosa. E quero te deixar molhada. Antes que a noite termine, quero te fazer muitas e muitas coisas, que só imaginou. E é o que também você quer.

Ela quis negá-lo, quis dizer que ele a aborrecia e que deveria deixá-la em paz. Mas ele deslizou os dedos mais para frente, fechando-se sobre seu clitóris. Quando ele os moveu, ela gozou.

Seu corpo se esticou e estremeceu contra a fria porta de madeira. Seus quadris se sacudiram com força contra a mão, e sua vagina molhou a entreperna das calças de couro com seus sucos. Ela estava ali de pé, aturdida e sem fôlego, sustentada não por suas débeis pernas de gelatina, mas sim pela mão em sua garganta e os dedos em sua vagina pulsante.

— Não era isso que queria, Regina?

Ela pensou em negá-lo. Ela tinha muita vontade de negar, mas sabia que ele podia sentir o modo em que sua vagina ainda revoava sob sua mão. Não podia mentir, mas tampouco queria admiti-lo; assim, manteve a boca fechada e em troca o fulminou com o olhar.

Ele sorriu e enroscou a mão até que seus nódulos cavaram no couro molhado, movendo-os de um lado a outros sobre seu sensibilizado clitóris. Ele dobrou os dedos, e ela gemeu.

— Não é isto?

— Deus, sim!

— Boa garota.

De repente, suas mãos desapareceram e ela retorceu-se desassossegada contra a porta.

— O que...?

Ela não teve tempo nem para piscar, e Dmitri estava a vários centímetros de distância, os lábios encurvados em um sorriso duro e mau. Ele parecia tão contente consigo mesmo. Se sua vagina ainda não palpitasse, ela ficaria tentada a limpar esse sorriso satisfeito de seu rosto.

— Paciência, dushka — murmurou ele, parecendo divertido com sua expressão furiosa. — Terá o que quer.

Seus olhos brilharam, e ela poderia ter jurado que sentiu suas mãos nela outra vez, roçando devagar sobre seus seios inchados e simultaneamente cobrindo sua vagina que gotejava, rodeando os pulsos e amassando o bumbum. Se ele não estivesse parado a alguns centímetros de distância, ela teria se sentido tentada a acreditar que tinha cem novas mãos.

Ela podia senti-lo tocando-a em toda parte. Memória sensorial, convenceu-se. Não importa que ele não a segure pelos seus pulsos.

— Terá exatamente o que anseia, Regina, mas só se fizer o que digo. Pode fazê-lo?

Ela vacilou, querendo dizer não, gritar, correr pelas colinas. Ao menos, isso é o que sua mente queria fazer. Sua vagina queria abrigar-se ao redor de seu pênis e ordenhá-lo até que ambos se acabassem. Mesmo assim, ainda estava em dúvida.

Mas então seus mamilos intervieram, seguido de suas coxas, seus braços, seu bumbum e finalmente, seus traidores lábios.

— Sim. Posso fazê-lo.

Ela acreditou ver um brilho de quente orgulho e prazer antes que sua expressão assumisse uma expressão de controle impassível.

— Boa garota. Neste caso, tire esse couro e suba na cama. Mas deixe o espartilho onde está.

Capítulo Quatro

Levou um minuto entender a ordem, mas uma vez que o fez, Reggie ofegou. Com dificuldade.

"Despir-me? Agora? Aqui?"

— Se despir — repetiu ele. — Agora. Aqui.

Ele se apoiou contra o poste ao pé da cama e a encarou.

Ela mordeu o lábio. Era o momento da verdade. Seu corpo queria a roupa a suas costas e Dmitri em cima. Sua mente a chamou de dez tipos de idiota diferentes. Sua curiosidade emitiu o voto decisivo. Quando teria outra vez esta oportunidade, sobretudo com um homem que a fazia sentir-se tão quente? Não podia voltar atrás agora.

Moveu as mãos para chegar ao fechamento de suas calças de couro, mas seus olhos foram ao rosto fixo nela. Só de olhar sua firme e autoritária expressão, seu rosto austero, irresistível, enviava um tremor sob de sua espinha dorsal. Ela não podia ler seus pensamentos, mas seu corpo não se preocupava com isso. Seus mamilos se apertaram sob sua coberta de seda, e ela devagar baixou o zíper.

— Poderia desejar tirar primeiro as botas — ele arrastou as palavras, olhando-a fixamente, mas sem se mover. — A menos que queira ter as calças ao redor dos tornozelos e não possa se mover. Não que a imagem de uma travessa colegial não tenha sex appeal. — Seus olhos cintilaram, a única rachadura em seu comportamento estóico. — Mas economizaremos esta cena em particular para outro momento. Primeiro as botas.

As imagens assaltaram sua mente como em uma emboscada. Ela se viu nua por completo, de joelhos, para confrontar as conseqüências de sua desobediência. Ele seria duro e inflexível, e ela tremeria arrependida, com o traseiro brilhante, rosado e quente pela surra. Um estremecimento a percorreu.

Dmitri notou. Seus olhos se acenderam, e ela sentiu a força de sua satisfação.

Suas bochechas se avermelharam ainda mais, e se apressou a lhe obedecer. Ela se agachou para tirar as botas e então compreendeu que tinha um problema. Dobrou-se em um ângulo de trinta e cinco graus antes que o espartilho a sacudisse de repente. Ela ficou quieta,

e de repente recordou um detalhe chave de seu guarda-roupa: o fato é que colocara o espartilho depois das botas e só poderia cumprir a ordem se tirasse o espartilho.

Ela se endireitou e clareou sua garganta.

— Hum, acredito ter um pequeno problema. — Dmitri arqueou uma sobrancelha. — Não posso tirar as botas enquanto uso o espartilho.

Ele não disse nada. Reggie suspeitou que ele soubesse exatamente qual era seu problema, mas o explicou de qualquer forma .

— Não posso me inclinar o suficiente. A menos que tire o espartilho.

Ao menos conseguiu falar

—Disse que podia tirar o espartilho? — perguntou ele com a paciência exagerada de um adulto a uma criança.

Ele fez com que Reggie se sentisse como uma colegial travessa, e ela rapidamente se instruiu antes que isto a pusesse em mais problemas. Ela encolheu os ombros.

— Disse que deixasse o espartilho onde está.

— Exatamente.

Ela mudou de postura.

— Mas já disse que não posso tirar as botas enquanto estiver com o espartilho. E não posso tirar as calças até que tire as botas.

Ele somente levantou sua outra sobrancelha, e Reggie se rompeu.

— Bem então! — Ela cruzou seus braços sobre o peito e o fulminou com o olhar. — Se não puder tirar as botas, tem que encontrar outro modo de entrar em minhas calças, machão.

Reggie saboreou seu desafio durante três milésimos de segundos. Até que ela viu o estreitar dos olhos de Dmitri. Sua mandíbula se esticou, e afastando-se do pilar de cama, deu um passo ameaçador para ela.

— Acredito que não te ouvi corretamente, Regina — ronronou ele. Desta vez sua voz soou mais como uma ameaça que um aviso de prazer. — Me respondeu? Se o tiver feito, fará bem em ter medo já que terá que ser castigada por isso.

Durante uma batida de seu coração, ela o contemplou ansiosa outra vez. Não só lhe daria uma grande satisfação emocional, mas também provavelmente seria o golpe de graça para que a colocasse sobre os joelhos e a surrasse até que pedisse piedade. E se ela o envolvesse nisso, então ela não teria nenhuma responsabilidade. Poderia até culpá-lo.

Ela tremeu. Dmitri andou até deter-se ante ela, seu peito pulsando contra ela, seu fôlego fez cócegas em seus cílios. Ele nublava sua mente com sensações. Seu estômago se voltou do reverso, e de repente, desafiá-lo era a última coisa em sua mente. Ela queria agradá-lo, queria ganhar sua aprovação e seu toque.

— Sinto muito — sussurrou ela.

Ele agarrou seu queixo com a mão, levantando seu rosto para que seus olhares se encontrassem.

— O que disse, Regina? Não pude te ouvir.

Ela lambeu seus lábios, agüentou outro estremecimento. Cada vez que exalava o fôlego, ela o cheirava, e seu aroma terroso, picante fazia sua vagina contrair-se.

— Disse que sentia muito. Não quis... responder-te assim.

Dmitri a olhou, contemplando-a como se medisse suas palavras e a sinceridade das mesmas e as pesassem contra sua ofensa. Seu polegar acariciou a sensível parte oculta de sua mandíbula até que sua respiração se fixou em sua garganta. Ele sorriu.

— Melhor — ele murmurou—, mas ainda não é uma desculpa apropriada. A quem pede perdão? A mim? Ao dormitório? Ao universo?

Ela mordeu o lábio e franziu o cenho.

— A você.

— E deveria, mas não poderia dizer que isto é uma desculpa. Quando diz a alguém que sente muito, deve se dirigir a ele corretamente.

O brilho em seus olhos lhe dizia que queria algo, embora ela não soubesse o que era. A sensação de suas mãos nela, sobretudo quando as deslizou em suas costas e apertando seus quadris firmemente contra sua ereção, a fazia querer retorcer-se. Sua vagina doeu e gotejou, e os mamilos se erguiam fortemente. Ela necessitava alívio, e se perguntou o que teria que fazer para consegui-lo.

Um pensamento lhe veio à mente.

— Faça-me o que quiser. — Ela se desprende e se ruborizou. — Quero dizer, devo... devo... devo te chamar... Amo?

Qual era o protocolo apropriado para esta situação? Emily Post tinha que acrescentar um capítulo.

Sua boca se curvou em um sorriso lento, quente, e a mão deslizou de seu queixo à nuca. Seus dedos se enrolaram em seu cabelo e começaram a massagear a base de seu crânio. Um calafrio viajou sobre a espinha até suas coxas apertadas.

— Já te disse como desejo que me chame — sussurrou ele. — Não se lembra?

Ela assentiu devagar com a cabeça e umedeceu seus lábios secos.

— Misha.

— Sim. Vai me chamar de Misha, Regina, já que não necessitará um aviso tão óbvio do que sou para você.

O que significava que seria seu amo. Parte dela se rebelou, mas outra, mais exigente se alegrou.

Ele se inclinou para frente e pousou um beijo suave em sua fronte. Então a liberou e retornou sua posição ao pé da cama.

— Agora, acredito que te disse que tirasse as botas.

Botas? Que botas? Ah, sim. Esse homem podia aturdi-la mais rápido que um estreitamento do cérebro. Ela sacudiu a cabeça e tentou chegar a seus pés. Encontrando-se de novo onde tudo tinha começado. Ela podia ser baixa, e com a limitação do espartilho, suas botas estavam fora de seu alcance.

Ela se endireitou e novamente clareou a garganta.

— Sinto muito, Misha, mas não posso alcançar minhas botas para tirá-las — disse, capturando seu lábio inferior entre seus dentes, e logo deu o passo decisivo. — Por favor, poderia me ajuda a tirar?

Ela viu sua aprovação e se sentiu absurdamente orgulhosa.

— Já que pediu tão amavelmente, dushka, estarei feliz de lhe ajudar — a chamou com voz dura. — Venha aqui e ponha seu pé na cama onde posso alcançá-lo. Ainda pode dobrar os quadris.

Ela obedeceu, cruzando até a cama e levantando seu pé esquerdo ao lado de sua coxa. A posição estendia suas pernas, expondo sua vagina sob o couro úmido, e ela agarrou uma indireta de sua própria fragrância. Ela viu Dmitri inalar profundamente, e tremeu.

Ele empurrou seu punho o suficiente para desenlaçar suas botas até as coxas. Suas mãos se moveram com enérgica eficiência, e ela não podia esperar para senti-las nela outra vez. Seu coração saltou quando finalmente pensou no momento em que tirasse suas botas e ela tirasse as calças, era capaz de sentir seu toque em sua exposta vagina. Tão somente pensá-lo a levou ao limite de suas forças.

Ela precisava distrair-se rapidamente.

— O que significa essa palavra? Essa pela que me chama.

Ele puxou seus cordões e deu um toque em sua coxa direita. Ela obedientemente trocou de perna, baixando o pé esquerdo e apoiou o direito na cama.

— Dushka significa “caramelo” ou “doce”. Milaya Milka significam “pequena garota doce”. — Ele terminou com sua segunda bota e lhe empurrou o pé ao chão. Seus olhos se encontraram com os dela. — Ainda não te provei, Regina, mas já sei que será muito doce em minha língua.

OH, Senhor. Seus olhos quase rodaram para trás em sua cabeça. O homem falava realmente de uma boa diversão.

Ele sorriu abertamente.

— Agora retorna onde estava e faz o que te ordenei. E desta vez, nada de protestar.

Reggie respirou fundo e assentiu com a cabeça. Seus joelhos cambaleavam como um pudim, então andou com cuidado até voltar para a mesma posição. Ela daria um espetáculo para ele, mas a idéia a excitava mais que ofendia. Não queria que ele se excitasse contemplando-a. Queria que seu corpo incitasse a sua luxúria. Queria ter essa viagem com ele.

Ela tocou as botas, afastando-as com a ponta do pé, tentando não imaginar a sensação de sua língua contra sua carne quente. Se não reduzisse sua imaginação, não agüentaria até que ele se dispusesse a fodê-la. Ela tinha irrompido em chamas do momento em que ele colocara uma mão nela.

Até seu olhar fixo ameaçava chamuscá-la. Sentia-o como uma onda de calor que lhe percorria a longitude de suas pernas e parava na curva de seu quadril, diretamente em seu zíper. Rapidamente, ela deslizou o para baixo e enganchou os polegares no cinturão de suas calças. Começou a baixar o pesado material, mas um estalo nervoso a parou. Não podia acreditar que realmente fazia isso, despir-se completamente para um homem que acabava de conhecer. Talvez devesse repensar...

Ele grunhiu.

Não falou, não estalou sua língua, não clareou a garganta. Ele grunhiu como um predador, e ela pensou que seus lábios encurvados emitiam só um grunhido.

Talvez devesse tirar a calça.

Controlando os nervos e a tentação de dar meia volta e partir, sobretudo porque calculou que a perseguiria, ela deslizou o couro sobre os quadris, pelas coxas; tudo o que podia inclinar-se. Largando os objetos que a limitavam com tanta graça como pôde reunir, deu-lhes uma patada para se afastar e se encontrou quase nua na frente dele.

Incapaz de evitá-lo por mais tempo, levantou seu olhar para encontrar o dele.

Seus olhos negros queimavam naquele momento. Começou nos dedos de seu pé e se deslizou ao longo de suas pernas nuas, fazendo cócegas sua pele como uma carícia. O calor a fazia tremer e ela imaginou como seus nervos se amotinariam quando finalmente a tocasse.

Ela o olhava nos olhos, querendo suas mãos, mas quando o olhar alcançou o triângulo entre suas pernas e a labareda de seu quadril, refrescou-a e fez renovar seu tremor.

— Tire a calcinha — pediu ele, sua voz mais enrouquecida que antes. Mais profunda. — E não coloque isso outra vez. Está em meu caminho, e te quero sempre disponível para mim, entendeu?

Ela assentiu. Não podia negá-lo quando suas palavras lhe enviavam uma rajada de umidade que transbordava de sua vagina. Ela ignorou das palpitações de seu coração e tirou a úmida tanga verde.

— Sim, Misha.

— Bom. Agora suba na cama. Esta é a segunda vez que tive que lhe dizer isso. Não me faça dizê-lo outra vez

Sua voz tinha sido neutra, mas Reggie leu nas entrelinhas. Ele queria obediência. Rapidamente e tremendo um pouco, ela cruzou os poucos passos até a cama e avançou lentamente sobre a colcha aveludada. Ajoelhou-se ali, sentando-se sobre os calcanhares, insegura do que fazer depois. Suas mãos revoaram, querendo cobrir seu púbis nu, querendo tocá-lo. Ao final, colocou-as ao lado do corpo.

Dmitri a observou dos pés da cama, os olhos escuros brilhando com a débil luz, sua expressão suave. Ele a enlouquecia. Sua despreocupação tinha gerado tal tensão dentro dela que a levava a um ponto de ruptura. Com cada fôlego seus mamilos doíam e sua vagina palpitava; as palmas de suas mãos pinicavam com a necessidade de senti-lo contra ela.

Queria que ele se dirigisse a ela, tocasse-a, tomasse-a. Tinha que fazer algo antes que ela perdesse a cabeça, até se aquela coisa significasse lançá-la de barriga para baixo e fodê-la fortemente sem nenhuma preliminar. Por Deus, a noite inteira com ele até agora tinha sido uma carícia. Ela queria começar a brincar.

Ele andou ao redor da cama e parou de pé na frente dela.

— Me olhe. — pediu ele. — E abra as pernas.

Ela mordeu o lábio e obedeceu, mas não havia nenhum modo que pudesse encontrar para olhá-lo enquanto o fazia. Ela olhou para baixo em vez disso, para a visão de suas próprias coxas pálidas e o vale escuro entre elas. Sua vagina gotejou como um grifo, e ela podia ver pequenas gotas de seus sucos adornando como contas de cristal os cachos entre suas pernas.

— Mais amplo.

Tremendo, e respirando mais rapidamente, ela obedeceu, trocando seu peso para manter o equilíbrio enquanto se estendia aberta ante ele.

Ele abriu a mão e pôs um dedo comprido contra a pele no interior de seu joelho. Enquanto o olhava, ele desenhava devagar o interior de sua coxa até que os dedos se enrolaram em seus cachos úmidos. Ele a roçou, e ela parou de respirar.

Um dedo deu um toque firmemente contra o interior de sua coxa.

— Mais amplo.

Ela abriu mais as pernas, estendidas por toda a cama, até que ele finalmente deixou de dar um toque. Ela pisava no chão com os pés, e os músculos em sua virilha e coxas tremeram para sustentar essa posição.

Deus, ela se sentia tão exposta. Seu tremor não tinha nada que ver com o frio. Ela não podia encontrar seu olhar, não podia olhar para outro lugar, a não ser à vista de seu próprio corpo, estendido lascivamente, amplo e nu para a apreciação dele. Sentia o ar fresco contra a carne quente, via o vermelho de seus lábios vaginais e o escuro, aceso marrom de seus cachos.

E ela viu sua mão, grande, forte e possessiva sobre ela.

— Muito agradável — murmurou ele enquanto as pontas de seus dedos giraram e se enrolaram em seus cachos. — Estou contente de ver que sabe se comportar por si mesma, dushka.

Seus dedos dobrados puxavam os curtos fios de seu cabelo e criavam pequenas espetadas de dor em sua pele. As sensações doces, agudas, fizeram sua vagina se apertar e forçou um gemido em sua garganta. Seus olhos foram à deriva e os fechou até que sua mão livre levantou-lhe o queixo e ordenou que o olhasse.

— Tem muito bom aspecto, Regina. — A mão deixou seu queixo e desceu de lado até chegar à pele descorada de seda e sua palma descansou no vale de sua cintura, apertado fortemente pelo espartilho. — Mas sabe por que os homens realmente adoram uma mulher de espartilho?

Sua voz parecia casual, até indiferente, mas a sensação das carícias de seus magros dedos por seu ventre fez Reggie tremer. Ela não conseguia concentrar-se. Mal podia se recordar da pergunta, mas ele claramente esperava uma resposta.

— Por que... — Sua voz saiu como um chiado, e ela clareou a garganta para começar outra vez. — Porque eles realçam sua figura?

Seus quadris se balançaram, avançando, tentando forçar seus dedos mais para baixo. Eles estavam perto de seu clitóris, mas ela não os queria perto. Ela os queria dentro.

Ele a evadiu.

— Não realmente — murmurou ele. — Sim, o espartilho realça sua figura, mas não mais que um bom sutiã e um apertado par de jeans. Não, há outros motivos. Motivos mais profundos.

Reggie tombou para trás com um gemido. O único motivo mais profundo com o qual ela se preocupava neste momento era a carícia mais profunda de seus dedos. Ele esperava que ela fosse capaz de seguir com a conversa quando as pontas de seus dedos descansaram a menos de dois centímetros de seu clitóris inchado e necessitado. Ele era malvado.

Seus dedos começaram a vagar, evitando seu clitóris, afundando-se abaixo pela curva de seu púbis para escovar delicadamente sobre seus lábios bem umedecidos. Este homem ainda a deixaria louca. Ela chupou o fôlego com um assobio e inclinou seus quadris mais alto. Ele só ampliou seu toque.

— Um homem vê duas coisas irresistíveis em uma mulher de espartilho — os dedos excitaram suas malhas sensíveis, enquanto seu tom soava como o de um professor em sua aula. Ela queria matá-lo.

Imediatamente depois que ela o derrubasse e o violasse.

— Primeiro, a restrição de seus movimentos torna impossível de aliviar-se sozinha com ele —seguiu ele, aparentemente inconsciente de seus violentos pensamentos. — Isto a coloca sob sua piedade, apela a seus instintos mais primitivos. O faz sentir-se poderoso.

Como Dmitri não podia sentir-se poderoso enquanto seus torturantes dedos decidiam se ela viveria ou morreria, Reggie não podia entendê-lo. A cada momento, ele ganhava mais controle sobre ela. Este homem a matava.

Uma fração de segundo mais tarde, sua mão mudou de lugar, e Reggie soube que tinha razão. Ele a mataria. Seus dedos exploradores pararam e se retiraram. Ela gemeu um protesto, mas seu gemido se fez grito quando o dedo voltou, separando suas dobras molhadas e afundando-se profundamente dentro de sua dolorida vagina.

Dmitri era um homem grande, de mãos grandes, e o grau de sua excitação combinada com o inchaço de suas malhas interiores bastou para fazê-la sentir que o dedo era tão grande como um pênis. Sentia sua vagina estirada e cheia.

— E segundo...

Ele ainda falava. Como diabos pode falar? Ah, Deus!

Sua mão livre deslizou ao redor de seu bumbum, empurrando seus quadris para frente e balançando sua pélvis contra sua mão. Seu clitóris roçou em seu pulso, e ela ofegou. Sua respiração ficou áspera, e ele se inclinou a frente, falando em seu ouvido até que ela sentiu suas palavras tanto como seus ouvidos.

— Segundo, isto lhe recorda que o corpo de uma mulher está mais formoso quando está amarrado e modelado por suas mãos.

Ela não pôde evitá-lo. Estremeceu, seu corpo inteiro se sacudiu por isso, e sua vagina alagou a mão de Dmitri de umidade. Ela gozou em um gemido comprido e alto, seu corpo se apertou ao redor da invasão de seu dedo. Ela não podia acreditar, apenas um dedo e gozava como uma estrela pornográfica. O que aconteceria realmente se tirasse a roupa e a fodesse?

Suas mãos liberaram seu apertão mortal da cama e alcançaram até tocar seu amplo peito, musculoso.

— Por favor, Misha — sussurrou ela. — Não vai tirar a roupa? Quero te ver. Te tocar.

— Talvez mais tarde, se continuar sendo uma menina boa — cortou ele, agarrando suas mãos e colocando-as contra a cama, ao lado de seus quadris. — No momento, seguiremos com meus desejos. Permanece assim, e feche os olhos.

Ela fechou os olhos e tentou de não se mover, mas quando ele deslizou a mão no meio de suas pernas e andou por ali, ela gemeu e se elevou para ele. Ela se sentiu privada sem seu toque, sem sua presença esmagadora a seu lado. O ar parecia vazio onde ele tinha estado de pé.

— Silêncio, dushka. — Que fácil para ele dizer isso.

Ela inspirou respirações superficiais, instáveis e escutou com ansiedade. Queria saber o que fazia. Sua mente divagou com as possibilidades, mas ele se movia silenciosamente, não lhe deixando nenhuma pista.

Ele parecia ter partido durante horas enquanto ela estava ali ajoelhada na cama, ofegando e exposta como uma oferta lasciva a um deus pagão.

Seus nervos zumbiram, mas antes que ela pudesse ter consciência de sua volta, ele escorregou sua mão em seu cabelo e o puxou, forçando suas costas no colchão em um conjunto impreciso de seda e pele. Seus braços foram arrastados por cima de sua cabeça,

amarrados com uma corda suave e sedosa, ligados a algo sólido e imóvel. Um segundo mais tarde, seu peso mudou, e ela sentiu suas coxas sendo abertas e os tornozelos amarrados com o mesmo tipo de corda, bem presa aos pilares de cama.

Ele fez tudo isto tão rapidamente que ela não teve tempo para ofegar um protesto antes que se encontrasse fortemente amarrada e assegurada à cama. Ela só estava ali, seu prato principal, até que o som de uma porta fechada a trouxesse diretamente de retorno à realidade.

Seus olhos se arregalaram.

— O que é isso?

Dmitri riu entre dentes.

— Claramente, não o que você pensava — ele a provocou, sustentando uma bolsa entreaberta onde ela podia vê-lo. Ele jogou um olhar agudo ao botão de seu jeans. — E mesmo que fosse, seria uma razão para desobedecer minhas ordens?

Seus olhos se fecharam, e ela sacudiu sua cabeça.

— Não, Misha.

— Foi o que pensei. — A ponta de seu dedo escovou a meia lua de seus cílios baixados. — Deve tentar mais, se deseja ser uma boa moça, milaya.

Ela o ouviu revolver dentro da bolsa e ficou rígida quando compreendeu que não a trouxera consigo. Seu estômago girou em um lento salto mortal quando recordou as brincadeiras com as quais suas amigas partiram do apartamento. Suas amigas mandonas e intrometidas.

Ah, Deus.

Ela deu um puxão nas suas ataduras, mas se mantiveram fortes. A corda que Dmitri tinha usado era suave contra a pele, mas em seus nós. Ou melhor, o homem sabia bem o que fazia.

Reggie não conseguia se decidir se teria talento para esse tipo de jogo, ou se deveria começar a gritar pedindo socorro aos vizinhos curiosos, ou dobrar os joelhos, manear o bumbum e gritar “Foda-me, homem!”

Por fim, ela simplesmente ficou imóvel e ouviu as batidas de seu coração. Tentou ignorar as imagens que se estrelovam em sua mente. Imagens dela atada e indefesa, enquanto aquele estranho sombrio e misterioso a montava e fodia devagar, chegaram a sua mente.

Depois do protocolo interminável, atormentador, ela escutou o golpe surdo da bolsa contra o chão de madeira e sentiu o pendente do colchão quando ele se moveu na cama ao lado dela.

— Agora pode abrir os olhos.

Reggie o fez, e não perdeu tempo em esquadrihar a cama e observar qualquer instrumento de destruição que ele tivesse tirado da bolsa. Dado sua limitada perspectiva — as ataduras a impediam de levantar mais sua cabeça — ela não podia ver nada. Cautelosa, voltou-se para olhar Dmitri. Ele parecia divertido.

— Se eu quisesse que visse o que fazia, não teria feito você fechar os olhos, não acha? — Sua boca se encurvou em um esboço de sorriso, e ele rastreou os dedos através de sua clavícula, deslocando-os para baixo até que eles se frisaram ao redor de sua coxa em um apertão afetuoso. — Agora sim quero que veja o que faço.

Ela viu. Viu aquelas mãos formosas, poderosas, alcançando a blusa de seu espartilho.

Ela as viu apartar as pesadas capas de seda para longe de seu peito, expondo os pequenos e duros mamilos. Estes se enrugaram com o ar fresco, e ela estremeceu quando ele os escovou com as pontas dos dedos, enquanto ele dobrava o tecido para baixo e a tirava de seu caminho. Ele repetiu a ação ao outro lado, fazendo que seus mamilos doerem e seu fôlego faltar. Quando terminou, o espartilho deixava seus seios exuberantes, sustentando-os altos e plenos, completamente expostos os seus olhos e mãos.

Ela os viu oferecendo-se a ele, pálidos e inchados, enrugados ante seu toque, mas quando seu polegar e índice se fecharam sobre o bico erguido, ela deixou de ver. Tudo que podia fazer era sentir. Dmitri apertou, seu toque firme, mas suave. Reggie suspirou e mudou de posição agitadamente.

Contra seu broto excitado, a pressão parecia uma carícia. Ela necessitava mais. Seus olhos começaram a fechar-se.

— Não — grunhiu ele. — Me olhe. — Ela lutou para obedecer. — Você gosta disto.

Ele parecia esperar uma resposta, de maneira que ela se obrigou a assentir com a cabeça.

— Mas não é suficiente para você.

Deus, tinha o que lembrá-la quão pervertida era? Ela se ruborizou, mas sacudiu a cabeça.

— Então não deveria repeti-lo. — Ele retirou a mão, e seu coração parou.

— Não, por favor — ofegou ela, arqueando as costas para lhe oferecer seus seios. — Por favor, Misha. Mais.

Ela sentiu seu silêncio durante a pausa, contando seus batimentos cardíacos, enlouquecidos como em uma corrida de automóveis. Ele deslizou a mão sobre seu mamilo, e ele repetiu o beliscão com precisão exata.

— Assim?

— Não — gemeu ela, sacudindo a cabeça. — Quero... mais. Por favor, Misha. — Sua voz reduzia-se a um sussurro. — Por favor. Mais forte.

Ele retirou a mão totalmente.

— Não penso igual. E claro, se você não for clara comigo, devo assumir que realmente não quer isto.

A perda de seu toque fez seu peito apertar-se de medo.

— Por favor, não me deixe assim — sussurrou ela, à beira das lágrimas. — Por favor, Misha.

— Por favor, o que? — Seu tom parecia cortês, mas aborrecido, e ela sabia que não lhe custaria nenhum trabalho vadiar.

Ela quis dar-lhe uns socos no rosto e se afastar, mas estava atada a sua própria cama, isto não era uma opção. Além disso, queria-o dentro dela tão desesperadamente que estava pronta para negociar.

Infernos, ela estava pronta para render-se.

Ela lambeu seus lábios secos, e respirou fundo.

— Misha, por favor, pode beliscar meus mamilos mais forte?

Ela ouviu seu silêncio, sentiu-o esticando-o para que durasse mais. Ele sabia que a torturava, e ela sabia que ele fazia de propósito.

— Acredito que não — disse ele repentinamente. — Penso que terei que te recordar qual é sua posição.

A vergonha e a cólera abriram os olhos de Reggie, e ela se sacudiu com força contra as amarras, franzindo o cenho furiosamente para ele.

— O que? Estar atada meia nua a minha cama não é um aviso bastante bom?

Ela sabia que parecia irritável, mas maldito fosse, ele a tinha feito suplicar só para rejeitá-la. Aquilo quase matou seu humor.

— Agora não — Ele voltou-lhe as costas e alcançou à bolsa que tinha deixado no chão. — Não esta levando isto muito seriamente, ou não me responderia, não é? — Ele sacudiu a cabeça e estalou a língua em admoestação. — Não, penso que antes de irmos mais longe, necessita um curso intensivo para lembrar-se tanto de seu lugar como suas maneiras.

Seu cenho não se desfez, não antes que ele se endireitasse e se voltasse para confrontá-la. Naquele ponto, sua expressão se deslizou diretamente de desafio ao estupor. Beirando o pânico.

Em sua mão esquerda, Dmitri sustentava um consolador impressionante. Na direita, um látigo negro, de couro, com caudas que repousavam em seu antebraço. Em cima deles, sua expressão permaneceu cortês e impassível.

— Agora, penso que estamos preparados para começar.

Capítulo Cinco

— Misha? Talvez devêssemos falar sobre isso primeiro...

Ele se aproximou mais para o lado da cama, até que a olhou diretamente de acima.

— Do que temos que falar, Regina?

"*Maldição*". O uso de seu nome não conseguiu tranquilizá-la. O que tinha acontecido com os apelidos carinhosos? Lutou para recompor-se.

— Só pensei... bom, isto não é... exatamente o que estava pensando... quando imaginei este momento.

— Pelo contrário — corrigiu ele —, isto é precisamente o que estava esperando. É assim que se imaginava se submetendo a um homem, não é?

Reggie franziu o cenho. Ele falava como se soubesse com certeza, como se lesse sua mente de novo. E ela o fizera tão bem ao simular que não tinha ocorrido.

"Deus! O que está pensando? Não pode ter acontecido. Coisas como essa simplesmente não acontecem! Isto não é um episódio de Expediente X".

— Não, não é assim — protestou ela, ignorando o protesto de sua consciência. Uma situação como esta requeria uma mentira judiciosa. Inclusive mentir como uma velhaca. — Pensei que seria...

— Exatamente como lhe apresentei — finalizou ele firmemente, cortando diretamente suas desculpas. Colocou os brinquedos na mesinha de cabeceira e sentou-se a seu lado, colocando a mão sobre a bochecha dela. — Não minta para mim, dushka. Sobre nada. Não tolerarei isso.

— Como sabe que estou mentindo? — Ela realmente não queria uma resposta, mas tampouco queria retroceder ao aterrorizante território que acabavam de abandonar.

— Conheço seus pensamentos, milaya. Tem uma mente muito forte. Vamos, não seja afetada ou aja como se te impressionasse — disse ele quando ela tentou parecer incrédula. — Sabia no bar, e mesmo assim permitiu que eu te trouxesse para casa. Sente-se tão atraída para mim como eu me sinto por você.

Justo. Como se ela fosse admiti-lo. A última coisa que necessitava deste homem era mais munição contra ela. Já a tinha tão quente que sentia como se seu sexo estivesse derretendo.

— Admitirei que notei algo estranho antes, e não posso negar que me sinto atraída por você, até por que deixei que me despisse e me atasse — concedeu ela. — Mas ainda não sei como pode afirmar que eu minto. Essas coisas são impossíveis.

— É bastante possível, como você bem sabe. — Ele soava impaciente. — Devo te mostrar quão possível verdadeiramente é, Regina Elaina?

"OH, merda!" Ninguém acrescentava seu segundo nome a menos que tivesse graves problemas. Reggie deu marcha ré rapidamente, o que era toda uma façanha, considerando que seus pés ainda estavam atados aos postes da cama.

— Isso não é necessário. Estou segura... — Calou-se bruscamente quando viu sua expressão. Contemplava-a fixamente, com os olhos entrecerrados, os lábios apertados em uma linha fina.

Preparou-se para uma onda de cólera. De alguma forma, tinha a sensação de que o temperamento de Dmitri podia ser explosivo, mas nada detonou. Em vez disso, viu-se fascinada pelas expressões mutáveis que apareciam em seu rosto.

Quando a severa disciplina se transformou em fome, seguida de uma divertida satisfação, decidiu que a cólera poderia ser uma opção melhor.

— OH, Regina, menina travessa! — Ronronou ele, apoiando-se perto dela e colocando um braço de cada lado. Baixou o rosto até que seu fôlego fez cócegas sua pele. — Não sabe que é perigoso zombar de um homem faminto?

Ela engoliu com dificuldade, com os olhos muito abertos e cautelosos enquanto fixava-os nos dele, a somente uns centímetros. Certamente que ele não podia saber o que ela imaginava.

— Nunca permitirei que outro te toque, milaya, mas posso te dar o que sonha. Você gostaria que realizasse suas fantasias mais escuras, Regina?

Ela começou a sacudir a cabeça, mas quando o primeiro toque raspou contra sua pele ficou congelada. Seus olhos se abriram impossivelmente e os lábios se separaram em um grito silencioso. Podia ver que os braços dele não se moveram. Suas mãos permaneciam apoiadas no colchão, aos lados de sua cabeça, suportando seu peso enquanto ele se inclinava sobre ela, mas mesmo assim sentia uma dúzia de mãos quentes e impaciente acariciando sua carne nua.

Dedos firmes se fecharam ao redor de seus mamilos contraídos, apertando e puxando carne rosada. Mãos subiam, deslizando-se por suas coxas, sobre o calor arredondado de seu ventre. Mais mãos invadiam sua vagina, apertando e rodeando o clitóris, separando seus lábios escorregadios e penetrando-a. Sentiu um dedo entrando dentro dela, logo dois, três,

estirando-a até estar incomodamente dilatada enquanto seu amante permanecia sem mover-se sobre ela.

As mãos fantasmas se multiplicavam, tocando cada centímetro de sua pele ao mesmo tempo. Amassaram seu traseiro, acariciaram e tentaram ao longo da fenda secreta, separaram suas arredondadas bochechas e esfregaram círculos eróticos ao redor de seu objeto de desejo.

Dedos invisíveis bombeavam constantemente dentro de seu sexo que gotejava, e Reggie soltou um grito. Sentia como se uma dúzia de amantes a acariciassem, cada um exigindo uma resposta de seus afligidos sentidos. Mas o único amante que podia ver permanecia duro e imóvel sobre ela, com os olhos negros ardendo enquanto a observava tremer à beira do orgasmo.

O medo brotou dentro dela. Não podia entender o que estava lhe fazendo, como podia fazê-la sentir estas coisas, e de repente não quis nada mais que escapar dele e do poder que exercia sobre ela.

— Não! — Gritou ela, tentando escapar das mãos invisíveis, mas estavam por toda parte, e as cordas de seda a mantinham presa para sua exploração.

Ela fechou os olhos e os apertou. *"Não são reais"*, disse-se, desejando desesperadamente que seus sentidos ignorassem o que sua mente não podia aceitar. *"É um truque. Ninguém está te tocando. Ninguém está aqui além de Dmitri. É um truque. Ignore-o e acabará"*.

Mas não acabou. Os dedos dentro dela empurraram mais rápido, o polegar sobre seu clitóris esfregou em círculos mais duros e apertados, e ela começou a chorar.

— Para — gemeu ela. — Por favor, pare.

As mãos se congelaram, não se retiraram, mas ficaram completamente quietas. O fôlego de Dmitri moveu o cabelo ao lado de seu ouvido, mas tudo o que podia ouvir era a batida palpitante de seu próprio coração e o som desigual de seu fôlego entrando e escapando bruscamente de seus pulmões.

Ela ouviu a voz dele retumbando tão perto de seu ouvido que seus lábios roçaram o sensível lóbulo.

— Por que deveria parar? — Perguntou ele, em voz suave, baixa e ronronante. — Isto é o que imagina, a altas horas da noite, quando acaricia sua própria carne necessitada. Isto é o que sente em sua mente quando esfrega seu pequeno clitóris e foi com seus dedinhos. Por que não me deixa te dar o que quer, Regina?

— Porque me assusta! — gritou-lhe ela, sem se importar que ele pudesse ter ouvido se tivesse sussurrado as palavras. Ele estava perto, mas ela estava chorando e seu próprio medo a zangava.

Abriu os olhos e girou a cabeça para fulminá-lo com o olhar, ignorando as lágrimas que se amontoavam em seus cílios e turvavam sua visão.

— Quer me ouvir dizê-lo, Misha? — exigiu ela. — De acordo, vou dizer. Estou me acovardando. Sou uma debilóide, uma galinha, uma covarde, que para começar nunca deveria ter se metido em uma situação como esta. Estou aterrorizada! É isso que queria ouvir? Não estou preparada. Não posso lidar com isto. Claramente não estou preparada para me render ao controle de alguém, sem importar quanto o ache atraente.

Ela soluçou, odiando não poder limpar as lágrimas, que ele pudesse vê-la chorando e vulnerável. Mesmo assim, ele não se moveu.

— Agora, se me desamarrar, marcarei uma consulta com um psiquiatra e você pode sumir de meu apartamento. Feliz?

— Agora estou muito mais. — Dmitri respondeu a seu olhar zangado com um sorriso e um beijo terno na ponta do nariz. Sentou-se e as mãos fantasmas desapareceram. — Disse que queria que fosse completamente honesta comigo, Regina. Isso inclui me falar de seus desejos e seus medos em igual medida.

— Nunca me disse isso. Disse para não mentir para você. Nunca mencionou a honestidade completa.

— Então, obviamente deveria havê-lo feito. Quero que seja completamente honesta, dushka, tanto contigo como comigo. Não é vergonhoso fantasiar com coisas que realmente não deseja ter, mas não tolerarei se mentir para mim. Entendeu?

Reggie assentiu com a cabeça e se moveu agitadamente. Ele ainda não tinha feito nenhum movimento para liberá-la.

— Bom, e o que está esperando? — exigiu ela. — Agora que acabei com toda sua diversão, não vai me desatar?

Pela primeira vez Reggie o ouviu rir. Soava rico e masculino, e completamente pecaminoso, como o bom chocolate.

"Acabo de comparar sua risada com uma comida? Depois de invadir minha mente e me fazer chorar? Deus, realmente preciso desse psiquiatra...!"

— Não acabou com nada, Milka. E não disse que terminei com você.

Seus olhos se arregalaram

— Ei, espera um segundo, colega. Neste país, quando dizemos "Para agora e me solte", o contexto implícito é "Ou chamarei à polícia e verei como seu lamentável traseiro apodrece no cárcere por violação". Talvez devesse ter explicado isso antes.

Dmitri somente lhe dirigiu seu sorriso malévolo.

— OH!, posso ler seu contexto perfeitamente bem. Agora feche sua bonita boca para mim, ok?

— Aargh!

Como exclamação não era particularmente eloquente, mas Reggie pensou que resumia bem sua frustração. Tentou pensar em algo um pouco mais descritivo e fulminante para gritar às costas de Dmitri, quando ele se inclinou para recuperar algo de sua esteira. Depois do último incidente, esperava uma donzela de ferro¹¹ ou talvez uma aguijada¹². Em vez disso, quando Dmitri se sentou sustentava dois cachecóis de seda ricamente coloridos em suas mãos.

— Não é um pouco tarde para isso? — perguntou, sem se importar que gotejassem veneno o suficiente de sua língua para envergonhar a uma serpente.

— Caso não tenha notado, já estou amarrada.

¹¹ Instrumento supostamente utilizado para a tortura e execução. Tinha a forma e o tamanho de uma pessoa e dentro estava cheio de pontas agudas.

¹² Vara larga que em um extremo tem uma ponta de ferro com a que os boiadeiros picam à junta.

— OH, notei! — Ele ficou em pé para ter uma melhor visão e baixou o olhar para ela com uma expressão de satisfação puramente masculina gravada em seu rosto. — É uma vista gloriosa, nenagyladnaya, uma que nunca poderia me cansar de olhar. Mas ainda não está no estado de ânimo apropriado para nosso tempo junto. Acredito que isto ajudará.

Reggie o teria fulminado com o olhar, mas aparentemente os ajustes de Dmitri a sua pequena cena incluíam usar um dos cachecóis de seda para lhe enfaixar os olhos. O objeto escuro de casimira cortava sua visão inteiramente, embora Dmitri examinasse com cuidado a posição do tecido dobrado ao longo de suas sobrancelhas e suas bochechas, e ao lado de seu nariz para estar seguro de que não havia ocos ou buracos que permitissem que a luz se filtrasse.

— Ai está. Como se sente, Milka?

— Simplesmente cega.

Dmitri riu entre dentes.

— Bom. Agora seja uma boa garota e permaneça completamente quieta para mim.

— Bem, dado que não posso alcançar o telefone para discar 911, suponho que não tenho muita opção, não é?

Reggie estava completamente disposta a lançar um grito arrepiante quando sentiu o toque do látigo de couro contra sua pele. O que saiu de sua boca se classificava em algum lugar entre um gemido e um grito afogado de pura surpresa. Mais do que pela picada do couro áspero, a pele de Reggie saltou pela sensação das plumas suaves e sedosas que acariciavam seu estômago.

"Sempre tem uma opção, milaya."

As palavras sussurraram através dela, menos um som que um conhecimento, e Reggie gemeu. *"Maldição, está-o fazendo de novo"*.

A pluma fez cócegas em seu estômago, debaixo da prega do espartilho, desceu pela dobra entre o quadril e a coxa e girou em círculos brincalhões para seu sexo dolorido, um centímetro cada vez.

"Como posso estar fazendo-o de novo se acabo de começar?"

"Para começar não sei o que está fazendo!"

Seus músculos abdominais se esticaram contra as sensações que a percorriam, e Reggie sacudiu a cabeça para esclarecê-la. A idéia de estar atada e a mercê de um homem estranho já a atemorizava o bastante. Estar atada e a mercê de um homem estranho com habilidades sobrenaturais poderia ser mais do que podia aceitar.

"Pode aceitar mais do que pensa, dushka. E o fará".

O toque emplumado se retirou o suficiente para deixá-la tomar fôlego, mas não o bastante para que pudesse recompor-se antes que voltasse, desta vez acariciando brandamente a parte inferior de seu peito. Entretanto, desta vez sentia diferente. Antes, a sensação tinha sido como um fantasma sobre sua pele, ia sem deixar rastro, como se tivesse estado sozinha (e não atada), teria se perguntado se o tinha imaginado tudo. Desta vez as plumas, embora com a mesma suavidade, pareciam deixar um eco de seu toque na pele sob seu seio esquerdo justo quando se moviam ao direito.

— O que está fazendo? — ofegou ela, com as costas arqueadas involuntariamente para pressionar a pele contra o toque fantasma.

Ele não respondeu... ao menos não verbalmente. Mas o seguinte que perfurou sua consciência foi o deslizamento quente e úmido de sua língua ao longo da pele onde a pluma tinha roçado.

— OH! O que...? — Ela se calou ante a sensação das plumas que faziam cócegas a sua boca. Quando se afastaram, ela se lambeu instintivamente os lábios. Sentiu a textura fina do pó durante uma fração de segundo antes que se derretesse contra sua língua, deixando-a com o gosto quente e doce do mel em sua boca.

"É quase tão doce como sua pele, Milka. Mas acredito que você já sabe disso".

Sua língua estalou em uma última e breve carícia contra a pesada curva de seu seio direito. De repente, baixou a cabeça e atraiu um mamilo tenso e escuro ao mais profundo de sua boca.

— Ah! — grunhiu enquanto o significado de sua vida se reduzia a esse único momento e a sensação de Dmitri sorvendo seu seio.

Sua boca parecia um forno contra sua pele, e ele sugou sua carne com puxões fortes e rítmicos. Ela tentou alcançá-lo, embalar sua cabeça entre as mãos, mas só conseguiu puxar com força as cordas de seda que a prendiam. Frustrada, gemeu ainda mais alto e se arqueou mais perto dele. Sua boca era maravilhosa — mais que maravilhosa —, mas a atenção a seus seios só fazia com que sua vagina pulsasse ao ritmo de sua sucção.

Seus dentes se fecharam ao redor de seu mamilo.

"Perfeitamente quieta, milaya. Seja uma boa menina para mim."

— Misha — começou ela, com sua voz ligeiramente suplicante. — Por favor...

"Não estou te agradando?" Inclusive em sua mente podia ouvir a nota divertida nas palavras dele, e franziu o cenho.

— Brincalhão.

Dmitri riu e afastou a boca de seu seio com um som oco. Deixou-a apenas o suficiente para desenhar um caminho através de seu peito até o outro mamilo. Apanhou-o com evidente avareza, e Reggie gemeu enquanto suas mãos se abriam e fechavam inutilmente sobre a cabeça.

"Estou brincando contigo, dushka?"

Uma mão forte e de dedos compridos começou a atender seu abandonado mamilo, acariciando a auréola áspera antes de tomar a ponta inchada entre o polegar e o indicador, e beliscar de maneira algo menos que suave.

— Ah! Sim, Misha. Por favor. OH...!

Ela sentiu a sua boca abandonar seu seio dolorido, sentiu a perda do calor quando ele se separou dela. Mesmo assim, seus dedos continuaram brincando com seu mamilo franzido, apertando e fazendo rodar o nó inchado.

Inclusive com a atadura nos olhos, podia sentir os olhos dele sobre ela. Seu olhar a tocava, acariciava-a como outra mão. Sentia-a sobre seu rosto e seu seio, e tremeu.

— Você gosta disso — murmurou ele em voz alta desta vez, mais como observação que como pergunta, mas ela não pôde amortecer seu gemido sem fôlego de resposta.

Seus dedos se apertaram ainda mais, enviando agudos agulhões de prazer e dor ao longo desse caminho único de sensações que corria de seus seios a seu sexo.

— Sim! — ofegou ela, lutando contra suas amarras, lutando por sentir mais dele. — Por favor, Misha, mais.

— Tão educada — murmurou ele. — Soa como uma boa menina, milaya. Realmente é uma garotinha boa?

Reggie mal podia recordar o próprio nome e ele esperava que respondesse perguntas?

— Sim... algo. O que quiser, Misha. Agora mesmo, por favor. Mais.

Seus dedos se suavizaram ao redor de seu seio, fazendo-a queixar-se de frustração. Estava fazendo de novo. Tinha-a posto tão quente e agora estava se afastando!

Esse pensamento ecoou em sua cabeça durante aproximadamente três milésimo de segundos antes que ele — e qualquer outro pensamento consciente que tivesse conseguido formular — saíssem voando de sua cabeça, postos a um lado pela sensação de seu dedo comprido e grosso que separava suas suaves dobras e a penetrava.

Era tão bom, muito melhor que as mãos fantasmas com as quais a tocara antes. Desta vez, o toque se sentia real, sólido e quente contra suas malhas molhadas. Não podia evitá-lo. Um grito baixo e penetrante brotou de seus lábios, e seus quadris se sacudiram bruscamente para cima para envolver seu dedo invasor tão profundamente como fosse possível.

— Misha!

Sua mão a golpeou bruscamente no flanco. Ela ouviu o golpe brusco antes de sentir o impacto, mas a ferroadada enviou seus quadris de volta ao colchão.

— Au!

— Disse duas vezes que não se movesse, Regina.

Sua voz soava firme e intimidante, mas de algum jeito Reggie não se sentia assustada. De fato, inclusive com seu áspero beliscão nos mamilos dela, e o firme açoite que acabava de lhe dar, Reggie não tinha medo.

"Porque confia em mim, dushka. Como deve." Suas palavras soaram ternas e pacientes, definitivamente um contraste com suas últimas ordens faladas e com suas maneiras aparentes. Reggie não pensava que era confiança o que sentia quando ele tinha apontado para ela esse taco de beisebol de silicone com um consolador, e certamente não tinha sido o que havia sentido quando ele a tinha afligido com esse truque das mãos mágicas.

"Um momento de pânico", desprezou ele. "Natural, na verdade. Não estava preparada para experimentar essa fantasia proibida. E os brinquedos não eram o que queria." Ele estalou seu polegar contra seu firme e pequeno clitóris para fazê-la ofegar, e inseriu um segundo dedo dentro de sua vagina escorregadia. "Isto é o que queria."

A largura dos dois dedos a estirou, recordando-a quanto tinha passado desde que fizera sexo. Sentia-se cheia e de algum jeito mais aberta e exposta do que estivera quando atada nua aos postes da cama.

— Isto é o que quer, não é dushka?

Ela não podia pensar claramente. Não podia sequer dizer a diferença entre sua voz em sua cabeça e em seus ouvidos. Já não importava. A única coisa que importava é que seguisse tocando-a. Que a fodesse.

— Não é, Regina?

Ele pontuou a pergunta repetida com um giro de seu pulso, enviando seus dedos mais profundamente dentro dela, roçando-se contra sua escorregadia e sensível carne interior.

— Sim!

Ela esperava que fosse a resposta correta, porque provavelmente era a réplica mais coerente que podia obter.

— Sim o que, Regina?

"OH, Deus, não me faça pensar! Faça-me gozar! Não posso pensar... Não posso... Ah! Uh!... mais". Seus dedos beliscaram seu mamilo firmemente e o levantaram, puxando com força o bico adornado com gotas. Um brilho de dor tentou registrar-se em sua mente nublada, mas se mesclou com o prazer e se converteu simplesmente em outro nível das sensações que a afligiam. Ela gemeu.

— Sim o que, Regina? — Moveu os dedos dentro de seu sexo, o caminho deslizante e suave por sua umidade. Curvando o dedo indicador, arranhou a unha cuidadosamente contra sua parede interior. — Sim, quer isto?

— Sim. Isto! Deus, Misha... — Sua cabeça voou até apoiar-se contra o travesseiro, seus músculos se apertaram e estiraram pelo prazer. — O que seja. O que você quiser Misha. Por favor!

Ela estava muito longe para sentir sua presença quando ele se inclinou perto dela, mas sentiu seu fôlego sussurrar contra seu ouvido.

— E se eu quiser que você suplique, dushka?

Sua voz rouca e ronronante a atravessou, e se combinou com as imagens eróticas de suas palavras para fazê-la sacudir-se e tremer abaixo dele.

— Sim, por favor! — sussurrou ela, com sua voz fazendo-se tão rouca e intensa como a dele. — Suplicarei. Farei qualquer, Misha. O que quiser. Mas por favor, por favor, fode-me.

Ela arqueou as costas, pressionando seu mamilo contra a palma e seus quadris contra sua mão, empurrando a vagina contra seus dedos. Seus músculos se apertaram, espremendo-os como se fosse seu pênis o que a enchesse.

— Misha, por favor, fode-me.

De repente, sentiu que seu peso se afastava dela, e não pôde suprimir um gemido de causar pena.

"Silêncio."

Antes que pudesse formular um protesto, sentiu as mãos dele sobre a seda que lhe cobria os olhos. O cachecol se soltou e caiu, e Reggie piscou para afastar a suave luz do abajur. Sua visão se focou o suficiente para distinguir o peito duro e musculoso de Dmitri e seus olhos se fecharam de novo quando ele baixou a boca na sua.

Era a primeira vez que ele a beijava, e Reggie soube que o momento permaneceria congelado em sua mente durante um longo tempo. Ele não esbanjou tempo cortejando sua boca, não mostrou nenhuma deferência à novidade da experiência. Devorou-a, seus lábios cobriram os dela, os dentes beliscaram, a língua invadiu. Beijou-a como se a tragasse, tomasse em seu interior, enquanto ela se preparava para tomá-lo em seu interior.

O beijo a fez sentir-se aborrecida por suas amarras. Desejava ardentemente que os braços estivessem livres para envolver seus largos ombros, que pudesse fazer correr seus dedos entre o cabelo suave e escuro. Desejava que suas pernas estivessem livres para envolvê-las ao redor de sua cintura e impulsioná-lo dentro dela.

"Por favor, Dmitri. Não posso esperar mais. Por favor, me foda agora."

Ele respondeu antes que ela finalizasse o pensamento. Sentiu a cabeça grande e redonda de seu pênis pressionar através de sua fenda e alojar-se na entrada de sua vagina dolorida.

Ela ouviu sua voz em sua mente.

"Abra-se para mim, Milka. Abra-se muito para mim como boas-vindas". E logo não ouviu mais nada. Nesse momento, sua vagina se converteu em toda sua existência. Seu mundo se centrou no canal suave e úmido entre suas pernas e no pênis grosso e duro que exigia entrada.

Ela sentiu o primeiro momento de vacilação, a tensão incrementada e o sentido de maravilha ante a capacidade de seu corpo de esticar-se para um homem, de tomar em seu interior e lhe dar prazer. Sentiu a sensação de estiramento e a breve duvida de que seu corpo o acomodaria ou não. Com Dmitri sentia-se justificada para perguntar.

Seu pênis pressionou duramente contra sua abertura e Reggie se congelou, esperando que aliviasse a sensação ardente. Sentiu um pop interno quando a cabeça violou sua entrada e esperou o embotamento de sensações que normalmente se seguia. Em vez, seu corpo se enrijeceu ainda mais quando Dmitri começou a forçar seu comprimento ainda mais profundo.

O eixo de seu pênis era ardente, liso e grosso, enquanto abria um túnel dentro dela tão grosso como sua cabeça. Em vez da sensação de estiramento se aliviar, fazia-se mais e mais intensa com cada centímetro que ele empurrava dentro dela.

Reggie gemeu e moveu os quadris, procurando um descanso da intensidade da sensação, mas Dmitri se mostrou desumano. Estendeu as mãos para agarrá-la pelo quadril, forçando-a mais alto e mais forte contra ele. Sustentou-a tão fortemente que ela sabia que seus dedos deixariam machucados onde se cravavam em sua carne.

— Uh! Não posso... eu... Ah! Dmitri, por favor. Mais não! — Sua cabeça se moveu como uma louca contra o travesseiro, seus olhos se fecharam fortemente, suas sobrelanceiras se contraíram pela angústia. Lutou contra as cordas que rodeavam seus pulsos como se pudesse elevar-se e afastar-se dele. Morreria se parasse, mas não sabia se poderia suportar que continuasse.

— Sim. Mais. Olhe para mim. — As palavras saíram forçadas entre seus dentes apertados.

Reggie lutou para obedecer. Puxou mais forte as cordas de seda para distrair-se enquanto tentando forçar a suas pálpebras a elevar-se. Quando tinha obtido duas ranhuras, espiou Dmitri sobre ela e quase os fechou de repente de novo. Seus olhos ardiam com calor e luxúria, e seus rasgos normalmente ásperos poderiam ter estado esculpidos em granito.

— Tome — grunhiu ele, empurrando outro centímetro em sua vagina angustiada. — Tome-o inteiro.

Reggie ofegou, retorcendo-se abaixo dele, usando seu agarre nas cordas para tratar de apartar-se dele.

— Não posso! Misha, por favor.

Ele apenas agarrou mais forte seu quadril e empurrou mais fundo.

— Inteiro.

E com uma estocada poderosa, sepultou todo seu comprimento em seu avaro sexo.

Ela gritou. Sentiu-se como se tivesse sido partida pela metade. Sentia-o tão enorme, muito maior que tudo que tivesse experimentado, e muito mais duro. Seu pênis a estirou até que pensou que não poderia suportá-lo, e seu quadril duro pressionou-se contra as suas e forçou-a a apoiar sua pélvis contra o colchão. Quando começasse a empurrar a mataria.

Ele começou a empurrar.

Em vez de destruí-la como ela tinha temido, o intenso prazer e dor da fricção desencadearam uma cadeia de reações em seu interior. Sua vagina se apertou ao redor de seu pênis, os músculos se apertaram contra as cordas e os mamilos se transformaram em brotos dolorosamente apertados que se esfregavam contra o amplo peito.

Em vez de tentar se afastar, lançou-se contra ele, elevando os quadris com força para encontrar seus impulsos, corcoveando grosseiramente sob ele enquanto escapavam de seus lábios sons que nunca antes tinha ouvido. Ela gemeu, ofegou, chiou e, durante todo o tempo, suplicou-lhe que a fodesse mais forte.

— Mais! Misha, por favor. Mais forte!

Ele grunhiu e a fodeu mais forte. Seu peso baixou sobre ela, pregando-a ao colchão e mantendo-a no lugar para seus impulsos. Seus braços se deslizaram sob ela e rodearam com força seus ombros, apertando com seu corpo contra seus palpitações impulsos.

O corpo inteiro dela se esticou. Seu pescoço se arqueou, afundando sua cabeça no travesseiro.

Ele se transformou em um contorno impreciso, que corria com ela para o orgasmo. Seu sexo palpitou ao redor dele e ele gemeu. Baixou a cabeça e ela sentiu que sua fronte pressionava seu peito. Um fino brilho de umidade cobria ambas as peles, e se roçaram tão ardentemente que soube que saltariam faíscas em qualquer momento.

Ele empurrou mais e mais forte, mais e mais rápido até que ela não teve esperanças de lhe seguir o ritmo.

Ela deixou de mover-se e, em troca, apoiou os pés contra o colchão e colocou seu quadril alto e com força contra ele. Seus embates se fizeram mais curtos e mais rápidos, e ele esfregava fortemente seu clitóris com cada movimento. A tensão se enroscava dentro dela, e se afogava com seu próprio fôlego.

Seu sexo o agarrou fortemente até que ele teve que liberar com força seu pênis de seus músculos ambiciosos.

— Goza para mim — grunhiu ele. — Agora.

Com um chiado ela obedeceu. Sua mente ficou em branco e ela jurava que seu coração parou. Sua vagina se contraiu com força ao redor do pênis. O prazer a rasgou, tão brutal como a própria união, espremendo-a de todo sentimento até que se paralisou sem forças sob ele.

Três curtos e fortes empurrões mais tarde ele a seguiu, gritando seu prazer ao teto enquanto a enchia com seu sêmen.

Reggie jazia imóvel, esperando que a consciência e as sensações voltassem para seu bem usado corpo.

"Meu Deus. Acredito que estou morta", refletiu ela, muito cansada para ficar nervosa por isso. "Me fodeu até me matar."

"Ainda não, milaya", riu ele entre dentes. "Mas sempre há uma próxima vez."

Dmitri jazia recostado de lado, olhando Regina dormir. Depois de seu intenso primeiro acoplamento, ele soltara rapidamente suas ataduras e a tinha tirado de seu apertado espartilho. Nua e esgotada, ela se tinha colocado perto, aconchegando-se, sua suave e cálida figura contra seu flanco e deslizando-se no sono tão facilmente como um bebê.

Isso tinha sido há algumas horas, e ignorar sua renovada fome por ela se fez quase impossível.

Ele tirou uma sedosa mecha de cabelo de sua bochecha, esfregando seus nódulos contra a superfície aveludada e suave de sua pele. Nunca tinha visto nada tão formoso como sua Regina, nua e atada, ou nua e orgásmica, ou nua e dormindo, com seus joelhos enroscados contra o peito e as mãos sob a bochecha.

Sentia uma intensa sensação de satisfação ao tê-la feito dele. Embora a caça tenha sido breve, ele não sentiu nada do aborrecimento que em geral se seguia a uma conquista. Em vez de sentir-se satisfeito dela, deu-se conta que possuí-la só aumentava seu apetite. Daí a enorme ereção que ostentava naquele mesmo instante.

Deslocando-se mais perto dela, Dmitri se aconchegou ao redor do corpo de Regina e a envolveu com o braço, descansando sua palma plana contra sua pélvis. Ele pressionou as costas contra seus quadris até que seu pênis se aconchegou entre as abas de seu bumbum.

Ela murmurou algo ininteligível e se moveu contra ele. Encontrando um ponto cômodo, afundou-se de novo no sono.

Dmitri saboreou a sensação de seu corpo entre seus braços.

Com o rosto fuçou seu pescoço, respirando profundamente seu aroma. Ela cheirava a mel e almíscar e desejo, o calor de sua pele levando o aroma apreciativo para seu nariz. Suficientemente boa para comê-la, e Dmitri de repente teve muita fome.

Com a língua riscou o contorno de sua orelha, saboreou o pequeno oco debaixo, e ela o recompensou com um murmúrio sonolento de prazer. Seus braços se apertaram mais fortemente ao redor dela, a mão em seu estômago inclinou sua pélvis para trás, contra ele, enquanto levantava sua perna com a outra mão e pôs sua coxa sobre dele. Ela suspirou e inclinou a cabeça ligeiramente, para lhe dar melhor acesso enquanto ele mordiscava seu caminho, descendo pela garganta para a quente e perfumada curva onde seu pescoço se unia com ao ombro.

— Misha...

Ela sussurrou seu nome em meio ao sono, e ele grunhiu, um estrondo baixo, possessivo de triunfo e luxúria. Ele tinha que tê-la de novo.

Deslizou a mão desde sua coxa até encaixá-la ao redor de seu seio. Ele apertou o peso suave, beliscando ao redor do mamilo e fazendo-o endurecer-se em uma rosada protuberância. Ela murmurou e se apertou para trás contra ele.

Ele arqueou seus quadris para frente, inclinando-os até que pôde empurrar brandamente o pênis contra sua entrada. Sua mão se deslizou para baixo, penteando através de seu cuidadosamente depilado monte até aprofundar em sua fenda. Os lábios de sua vagina se separaram brandamente para ele, e provou sua preparação com a ponta de dois dedos. Ela gotejou com a excitação, mais que pronta para sua posse. Ele moveu sua mão para cima até que esta se cavou em seu ventre, só a ponta de seu dedo médio separando-a e pressionando contra seu clitóris.

Ele beliscou um mamilo com força entre o polegar e o indicador, simultaneamente fazendo pressão em seu clitóris e penetrando em sua sensível vagina com o pênis.

Ele se deu conta do instante em que ela despertou, sentiu-a esticar-se ao redor dele e gemer, sua vagina se apertando enquanto as abrasivas paredes tratavam de relaxar-se o suficiente para aceitar seu pênis. Ele olhou seu rosto cuidadosamente, procurando sinais de verdadeira dor. Sua sobrancelha se arqueou, embora os olhos nunca se abrissem, e ela mordeu o lábio inferior, a pele ruborizando-se delicadamente. Ela não fez nenhum movimento para detê-lo, assim ele continuou, paciente mas inexoravelmente forçando seu pênis dentro dela até o punho. Ela gemeu.

— Tranqüila, dushka — sussurrou ele, beijando o lado de seu pescoço e esfregando pequenos círculos ao redor de seu clitóris. — Você pode agüentar. Devagar, devagar. Essa é minha garota.

Quando ele reduziu a velocidade até deter-se, sua vagina se esticou ao redor dele e se relaxou, abraçando seu pênis em um abraço sedoso, molhado.

— Misha.

Ele beijou sua têmpora e tocou com a língua a curva escura dos cílios que descansavam contra a bochecha. Ele apertou seu seio, e sua vagina mais perto dele e começou a mover-se.

Ele se moveu cuidadosamente fora e dentro dela, com golpes longos e suaves, amando a maneira em que ela se apertava contra ele, a estreiteza de sua vagina, como a de uma virgem, rodeando-o. Ele sabia que tinham se passado vários meses desde que ela tinha se deitado com algum pequeno inseto de homem, que tinha poluído sua mente como um vertido de petróleo. Ao ler seus pensamentos, soube que eles tinham deixado de ser íntimos muito antes de a relação terminar. Julgando pelo modo com que ela se fechava tão apertadamente ao redor dele, supunha que não tinha levado a outro homem a sua cama após.

O pensamento lhe deu um selvagem sentido de satisfação. Odiava que Regina houvesse alguma vez tomado a outro homem em seu corpo, mas agora se asseguraria que ele fosse o último que sentiria sua quente e acolhedora vagina.

Concentrando-se no prazer que lhe dava, Dmitri acelerou seus impulsos, impulsionando o pênis mais energicamente dentro dela. Ela gemeu, estreitando um braço ao redor de seu pescoço, sustentando-o perto dela. Ela girou a cabeça e separou seus lábios, procurando cegamente seus lábios.

Ele tomou sua boca como tomou seu corpo, com doce força, desumano controle e um entristecedor sentido de inexorabilidade. Ele adorava o sabor dela, doce e quente e picante, como mel e canela e o sabor único que tinha Regina. Ele provocou sua língua e lhe fez cócegas a seu paladar, impulsionando-a a brincar com ele. Ela respondeu impacientemente, chupando sua língua, arrastando-a profundamente dentro dela, assim como arrastava seu pênis para seu apertado calor. Dmitri gemeu baixo, o som como um grunhido, e empurrou os quadris mais fortemente contra ela.

Reggie arrancou sua boca da dele e girou o rosto para amortecer seus gemidos de prazer em seu travesseiro. Dmitri a tirou de debaixo dele e franziu o cenho.

— Não — sua voz retumbou, deslizando as mãos para seus quadris e fazendo-a rodar sobre seu ventre. — Não esconderá os sons de seu prazer de mim. Ouvirei cada fôlego e cada gemido que extraia de você. Entendeu?

Reggie apertou as mãos contra o colchão e gemeu, inclinando os quadris para tentar tomar mais dele.

— Sim, Misha — gemeu ela. — Entendi.

Ele grunhiu uma resposta, agarrou seu travesseiro e o dele, e levantou seus quadris para deslizar o apoio debaixo dela. Os travesseiros inclinaram seus quadris para ele, e os olhos de Dmitri se estreitaram em satisfação à vista de seu traseiro elevado para sua posse.

Ele empurrou mais rápido nela, apoiando seu peso ao longo de suas costas para fixá-la ao colchão. Seu impulso seguinte, profundo, se chocou com força contra sua nuca, e o controle de Reggie se rompeu. Ela gozou, gemendo e sacudindo-se baixo ele.

Dmitri se agarrou com força em seus quadris e agüentou seu prazer, o rosto sepultado na curva de seu ombro. Ele poderia ouvir seu pulso batendo freneticamente sob sua pele, podia cheirar sua excitação e seu prazer, e o rico aroma de sua vida, quente e vital.

A fome se agitou dentro dele, fazendo-o gemer. Ele tinha lutado contra seu desejo de prová-la durante o primeiro e furioso acoplamento, mas agora surgia à vida com o duplo de insistência. Ele tinha que marcá-la, tomar sua força vital para dentro dele até que ela nunca pudesse separar-se dele outra vez.

Resolvido, reduziu a marcha de seus movimentos dentro dela o suficiente para lhe permitir enfocar seus pensamentos nos dela. Ele entrou em sua mente muito mais brandamente do que entrou em seu corpo, menos seguro de suas boas-vindas. Ela não pareceu notá-lo, muito envolta nas sensações físicas para ocupar-se das outras. Isto fez as coisas muito mais fáceis para ele, enquanto corria um suave véu sobre sua consciência. Ele queria que ela permanecesse acordada no momento, mas que não recordasse o que estava a ponto de fazer.

Quando esteve seguro de que ela não se dava conta de nada mais que da sensação de seu corpo dentro do dela, acelerou seu ritmo, pressionando seus quadris mais fortemente contra ela.

Sua convulsionada vagina o deixou louco, e cedeu ante sua necessidade. Com os quadris martelando nela com selvageria animal, ele abriu os lábios contra a pele sensível na juntura de seu ombro e afundou suas presas em sua doce e pálida carne. Ele se alimentou, alheio a tudo exceto ao gosto de sangue em sua boca, a sensação de sua pele e sua carne e sua vagina quente e apertado.

Ele se nutriu dela como um homem morto de fome. O gosto dela o encheu, afligiu-o.

Mais doce que o mel, mais quente que sua paixão, seu sangue o alimentou como nada alguma vez o tinha feito. Ele se sentiu ébrio em sua essência, a vida nela embriagando-o como a vodca, mas mais doce, mais claro, mais puro. Temeu que nunca tivesse bastante dela, e o pensamento perfurou a névoa de sua luxúria. Ele retrocedeu, seu corpo apertando-se sobre o dela, enquanto seu sabor o afligia.

Ele gozou com um rugido, o grito enchendo o quarto e ressonando nas paredes. Ele bombeou seu sêmen dentro dela até que se esvaziou e paralisou, lutando para recuperar o fôlego.

Ela era gloriosa.

Quando recuperou o controle de seus músculos, Dmitri tirou seu cabelo da pele úmida de seu pescoço e beijou o ponto que ele tinha mordido com reverente ternura. Ela

permaneceu imóvel, e ele sabia que o véu sobre suas ações havia se sustentado. Ele murmurou seu nome.

— Regina.

Ela suspirou e se moveu, mas não deu nenhuma resposta. Tornou-se a dormir.

Dmitri riu entre dentes, inseguro de se deveria sentir-se adulado ou insultado. Brandamente separando seus corpos, ele franziu o cenho ante a perda do calor molhado que o rodeava. Ele poderia simplesmente ficar dentro dela para o resto de eternidade, Dmitri calculou que viveria uma vida muito feliz.

Uma olhada para o relógio lhe disse que a alvorada viria logo, e suspirou. Ele sabia que teria que deixá-la. Não podia pensar em nada mais atraente que permanecer em sua cama e abraçá-la pelo resto da noite e todo o dia seguinte, mas para ela não seria fácil adaptar-se a seu estilo de vida, e ele sabia que encurralá-la muito rapidamente, provavelmente a faria fugir. Ele nunca permitiria que isso acontecesse.

Sentou-se na cama e estirou os músculos que doeram agradavelmente ante seu esforço. Deveria deixá-la antes que a vista dela o tentasse a fazer a mais exercício.

Beijou-a meigamente na bochecha, sorrindo abertamente quando ela resmungou em seu sono e se aconchegou longe dele. Ele a tinha esgotado, e ela obviamente se negava a deixá-lo interromper seu sono para fazer sexo uma vez mais.

Ele não tinha intenção de despertá-la, sem importar que sua libido o impulsionasse a fazê-lo. Deixaria que dormisse no momento. Ele podia permitir-se tal generosidade, porque sabia que não se passaria muito tempo antes que a visse outra vez.

Tirando o cabelo enredado de sua bochecha, cavou sua mão em sua bochecha enquanto a olhava fixamente e deslizou sua mente dentro da dela. Voltou a comprovar seu véu e não encontrou nenhum rastro perdurável em sua memória que lhe dissesse o que ele era ou que se alimentou dela enquanto tinha feito amor. Tudo o que se ela recordaria seria a paixão e o prazer.

Teve que resistir ante o impulso de dar às lembranças prazerosas um estímulo extra, só para estar seguro. Em vez disso, lhe deu o pensamento de que ele a desejava tanto como ela o desejava, que ele não podia esperar para vê-la de novo. Moldou o pensamento até que tomou a proporção de uma lembrança, e ele pudesse estar seguro de que lhe prestaria atenção. Beijou-a outra vez mais e ficou de pé.

Tomou uns momentos para se ordenar, pondo os lençóis desordenados de novo sob o colchão e os alisando, colocando Regina dentro. Enrolou as cordas e a atadura que tinha usado nela e recolheu todos os outros acessórios de seu encontro. Não sabia que as amigas de Reggie a tinham provido com estas coisas; ele tinha tido uma impressão diferente dela, pensou, sorrindo de orelha a orelha. Ler sua mente fazia as coisas definitivamente mais fáceis.

Quando a habitação estava ordenada, colocou os jeans, pôs sua camisa sobre seu ombro e levou as botas para a sala de estar. Ele farejou o justo para encontrar um de seus cartões profissionais, o qual colocou no bolso ante de terminar de vestir-se e sair silenciosamente do apartamento. Agora que sabia onde trabalhava, seria capaz de controlá-la durante a semana enquanto ele dedicava sua atenção a limpar o caminho para sua relação.

Isto o fez chiar os dentes, o pensamento dos pequenos passos que teria que suportar enquanto trabalhava para vencer suas naturais suspeitas contra ele. Ele odiava o tempo que

tomaria, desejava fazê-la oficialmente dele, mas teria que ter as coisas resolvidas para que ninguém duvidasse que Regina era sua... nem sequer Regina.

Capítulo Sete

Reggie despertou na sábado pela manhã com uma canção no coração e dor entre suas coxas.

Abrindo os olhos de repente, sentou-se rapidamente em meio de sua grande cama e contemplou o quarto a seu redor. Era como se ele nunca tivesse estado ali.

Piscou, mas tudo parecia absolutamente normal. O quarto estava ordenado e brilhava com a luz que atravessava a torrentes as duas janelas com dobradiças. Não sabia o que tinha esperado ver, considerando que tinham limitado suas atividades à cama todo o tempo, mas deveria haver algo. Sem dúvida a noite mais assombrosa de sua vida lhe deixaria alguma espécie de aviso.

Então se espreguiçou, e descobriu exatamente onde estava o aviso; espreitava em seus músculos, em cada um deles. Sentia dor do pescoço até os pés, remanescentes tanto das ataduras como do sexo entusiasmado. Pondo seus braços novamente aos lados, rodou os ombros para relaxar os músculos tensos e distraidamente esfregou os pulsos. Não tinham nenhuma marca, nenhum sinal das cordas que a tinham mantido quieta e estendida para Dmitri, mas ainda podia senti-las contra sua pele. Entretanto, sim, encontrou marcas em seus quadris, impressões escuras que mostravam onde os dedos dele tinham pressionado sua carne enquanto a mantinha quieta e a fodia.

Deus! Que noite!

Com um suspiro sentido, Reggie balançou as pernas para um lado da cama, ficou de pé e não pôde evitar fazer uma careta de dor. Coxeou como um vaqueiro bêbado, entrou em banheiro contíguo e abriu a ducha quente.

Uma vez que o jorro de água relaxou o pior de seus músculos doloridos, lavou seu cabelo com xampu e ensaboou uma esponja vegetal com seu sabão preferido com fragrância a madressilva. O aroma familiar fez com que as lembranças chegassem a torrentes.

Amo seu aroma, milaya. Como mel, almíscar e mulher quente e molhada.

Inclusive no calor da ducha, a lembrança a fez tremer. Perguntou-se o que se passaria quando realmente o visse outra vez. O homem teria sorte se não lhe desse uma rasteira e o derrubasse chão...

Ficou congelada. Parecia estranho, mas sabia que, em efeito, encontraria-o outra vez. Apesar do fato de haver despertado sozinha em sua cama, sem um fio de cabelo e sem uma mínima prova que demonstrasse que Dmitri Vidame sequer existia, nunca duvidou que ele voltaria para ela. Sua mente tentou racionalizar, dizendo que não sabia onde ele vivia, a que se dedicava, ou inclusive se esse era seu verdadeiro nome, mas não lhe importava. Sabia com fé inquebrável que seu tempo com Dmitri tinha sido mais que uma aventura de uma noite.

Agindo em piloto automático, já que sua mente estava ocupada com outra coisa, terminou de tomar banho, envolveu-se em uma toalha de banho e se dirigiu à cozinha.

Estava faminta. Pelo visto, ser fodida até quase desfalecer por um homem misterioso com poderes psíquicos realmente podia abrir o apetite.

Pinçou procurando algum alimento enquanto o café se preparava. O cereal não serviria esta manhã. Tinha na mão dois ovos e um litro de leite quando o telefone soou, e é obvio, quando conseguiu deixar tudo sem quebrar os ovos, sua secretária eletrônica se ativou. Reggie ia agarrar o auricular, mas afastou sua mão rapidamente quando ouviu a voz no alto-falante da secretária eletrônica.

— Reggie, sou eu, Ava. Se estiver aí, responde. — Pausa. — Vou assumir que está esgotada e ainda dormindo, mas se não ter notícias suas antes desta tarde, vou chamar a polícia. Me chame.

A secretária eletrônica fez clique, emitiu um assobio e deixou de gravar quando a chamada terminou.

Reggie resmungou e resmungou outra vez quando viu a luz que titilava rapidamente indicando que tinha mais mensagens esperando. Respirando fundo, apertou play. Todas as mensagens eram de Ava.

Bip.

— Será melhor que tenha uma maldita boa razão para escapar do clube, Regina Elaina McNeill! — Ava devia ter ligado de seu celular ontem à noite, porque de fundo Reggie podia ouvir o ruído do clube. — Só espere que ponha as mãos em você!

Bip.

— Bom, te concede uma vingança ligeiramente menos dolorosa. Missy acaba de dizer que te viu partir com alguém muito bonito. É obvio, não temos maneira de saber se não é um assassino em série até que ligue e nos avise que esta bem!

Bip.

— O clube fecha dentro de pouco e nenhuma chamada. Onde está? Será melhor que esteja bem, ou te matarei eu mesma.

Bip.

— Perguntei ao garçom, já que ninguém teve notícias suas, e ele disse que foi com um homem chamado Dmitri, e nos garantiu que não era um psicopata maníaco da tocha. Mais é melhor ter razão, e é melhor ligar logo que desperte. Boa noite.

Reggie girou os olhos e golpeou o botão de apagar. Sabia que suas amigas só queriam assegurar-se de que estivesse bem, mas sua atitude irritava, sobretudo depois de que elas a tinham metido nesta situação, em primeiro lugar. Se não fosse por seu acordo, Reggie nunca teria ido aquele clube, e muito menos teria ido com um completo estranho, tivesse ou não, o atraente sexual de um deus.

Jogou uma olhada ao relógio e fez alguns cálculos rápidos. Um sábado, às onze, Missy estaria no parque com seus sobrinhos e revisaria as mensagens de seu celular em exatamente meia hora, justo antes de levar aos meninos a almoçar. Chamaria a si mesmo “prudente” era melhor que chamar-se “covarde”, Reggie descartou a idéia de chamar a Ava e marcou o celular da Missy. Quando a mensagem terminou e a secretaria de voz emitiu um assobio, Reggie falou.

— Olá, sou eu. Tenho uma pilha de mensagens de Ava em minha secretária eletrônica. Só queria lhes avisar a todas que estou bem. Ontem à noite foi colossal, mas tenho uma

tonelada do que fazer, assim pode ser que não fale com vocês até na segunda-feira. Dê um abraço a Nicky e a Beth de minha parte. Adeus.

Depois de pendurar o telefone, tirou a Ava de sua mente e se concentrou nas coisas realmente importantes. Como a comida.

Uma hora mais tarde, fortificada com uma omelete e café, e vestida decentemente com jeans descoloridos e um Top de tecido, Reggie cumpriu com sua mentira e ficou a limpar seu apartamento. Ao não ser uma completa folgada ou um homem solteiro, fez-se bastante rápido.

Quando o telefone soou uma hora mais tarde, quase não o escutou sobre o rugido surdo do aspirador.

— Alô? — Sabia que soava ofegante, mas isso é o que acontece quando alguém liga no dia da limpeza. Teriam que suportá-lo.

— Reggie?

Não. A que poder superior tinha irritado esta semana?, perguntou-se Reggie enquanto se aprofundava na cadeira que estava a seu lado e inspirava profundamente.

— Olá, Greg.

— Esperava te encontrar em casa. Como está?

"Diz isso porque te apanhei pedindo um relatório completo a sua assistente administrativa durante a hora do almoço? Ou não pode pedir um relatório a alguém que usa uma tanga?"

— Estou bem, obrigado.

— Bem, bem. — Soava um pouco nervoso, o que fez do dia de Reggie um pouco mais brilhante. — Escuta, sei que provavelmente não esteja de tudo encantada comigo estes dias...

"Caramba, acha mesmo, Einstein?"

— Não seja tolo.

— Mas realmente gostaria de te ver. Crê que há alguma possibilidade de que possa considerar se encontrar comigo para tomar alguma coisa, em algum lugar?

Uau. Isso a deteve em seco. Covarde Greg, o Imbecil Maravilha queria vê-la outra vez? Para que? Realmente pensava que queria ouvir suas patéticas explicações de novo? Pensava que faria a mais leve diferença, se finalmente se desculpasse? Se rogasse perdão? Se ficasse de quatro, como o cão imoral que era? Bom, talvez esse último pedacinho ajudasse. Definitivamente desfrutou da imagem.

— Que dia tinha em mente?

— Esta noite?

"O que? Não lhe ocorreu que ela talvez pudesse ter outros planos num sábado de noite? Só porque não os tivesse não era razão para assumir nada."

— A menos que já tenha planos.

— Bom, de fato tenho uma coisa planejada — mentiu, seu tom decididamente frio e aborrecido —, mas talvez possa te dedicar uns vinte minutos aproximadamente, se chegar cedo. Digamos, seis e trinta? Deixe-me olhar em minha agenda.

Fez uma grande atuação folheando a agenda que tinha ao lado do telefone, esperando que o som das páginas se transmitisse pela linha telefônica. Deslizou seu dedo pela lista de atividades que tinha registrado ali, e tentou parecer despreocupada.

— Sim, acredito que posso te encaixar ao redor das seis e trinta, mas tenho que...

As palavras ficaram presas na garganta quando seu dedo chegou ao final da página e deslizou através da letra desconhecida. Escrito com traços em negrito sobre a página branca, leu: “Capitão Jack, às 20:00h. Ponha o vermelho.”

Dmitri. Não precisava conhecer sua letra para saber quem registrara a si mesmo tão casualmente em seu itinerário. Em sua vida.

— Seis e trinta é perfeito — disse Greg, tirando-a repentinamente de seu estupor. De fato, sua voz soava quase aliviada e emocionada ao mesmo tempo. — Poderíamos nos encontrar nesse lugar perto da sua casa. Capitão Morgan?

— Capitão Jack — corrigiu ela, aturdida.

— Exato, esse. Te vejo às seis e trinta. — Ele fez uma pausa. — Obrigado por aceitar isto, Reg. Agradeço que tenha arrumado tempo para falar comigo depois do que aconteceu.

Reggie murmurou algo que nem sequer ela entendeu e pendurou o telefone com dedos adormecidos. Sua mente já tinha desalojado Gregory e estava ocupada desempacotando as malas de Dmitri e colocando suas sapatilhas sob a cama. Pelo visto seu pressentimento na ducha tinha sido correto. Veria Dmitri outra vez, e mais cedo do que tinha pensado. Como esta noite.

Ponha o vermelho.

Sentindo-se incômoda, como se alguém a olhasse da esquina, Reggie deixou cair o aspirador e se dirigiu a seu armário. Procurando dentro, revolveu bem no fundo e tirou uma capa para roupa que estava fechada. Suas mãos rasgaram a cobertura de plástico negro e acariciou o material aveludado do vestido que ocultava.

Curto, ajustado e impenitentemente carmesim, na realidade nunca usara o vestido. Comprara-o para as festas do ano passado; tinha planejado usá-lo para dar emoção à sua relação com Greg, mas isso foi A.L. “Antes de Lisette”. Em troca, tinha-o guardado no fundo de seu armário como outra má lembrança. Tinha esquecido que o tinha, até que Dmitri o recordou.

Ponha o vermelho.

Ele se referia a este vestido; ela não tinha nenhum outro em vermelho. Com seu cabelo mogno, estava acostumada a pensar que a cor destoava, então o evitava por regra geral. O conteúdo desta capa de roupa era a exceção. Mas como sabia ele sobre isso? A capa tinha estado fechada e ainda escondida onde ela a colocara, da última vez.

“O homem lê sua mente, e você se pergunta como sabia que tinha um vestido vermelho?” Perguntou-se a si mesma, logo respondeu com um frustrado, “tentava não pensar nessa coisa de ler a mente”.

Desabando-se na cama ao lado do vestido vermelho, Reggie gemeu. Ela estava acostumada a ter uma vida agradável e normal. Honestamente. Trabalhava em uma agência publicitária, passava o tempo com suas amigas, saía com um analista financeiro e nunca tinha deixado que ninguém a compromettesse. Mas então seu noivo mostrou ser um traidor come-merda, suas amigas se converteram em infernais harpias do sexo, e ela se enganhou

com um homem que lia sua mente e que a persuadira a representar “Os Perigos Pornográficos da Paulina”¹³.

Ao menos o trabalho ainda estava normal.

— Sim, sou eu que estou perdendo a prudência. — Suspirou, admitindo-o finalmente em voz alta. Provavelmente deveria resignar-se a viver em uma cela acolchoada.

“*Nada tão drástico. Talvez apenas algemas revestidas em veludo.*” A voz que ronronava dentro de sua cabeça soava tão familiar e tão impossível que Reggie ofereceu a única resposta lógica. Gritou. “*Silêncio, milaya, ou alguém pensará que está sendo assassinada.*” Sua voz, impossível como soava, riu dela do interior de sua mente, e Reggie se perguntou como se supunha que isso devia convencê-la de sua prudência. “*Talvez só pensem que seu companheiro de ontem à noite veio a te visitar outra vez.*”

— Muito gracioso — disse Reggie bruscamente, fulminando com o olhar o ar vazio que Dmitri não ocupava. — Onde está, e por que decidiu converter minha vida em um episódio de A Dimensão Desconhecida?

Ele riu entre dentes. Sentiu como se seu cérebro vibrasse.

“Estou em casa, milaya. E estou aqui contigo. Sentiu minha falta?”

— Não tanto como de minha prudência.

“Não está louca, Regina, só um pouco enfocada no que crê que é real e imaginário. Desfrutarei abrindo seus olhos a novas... possibilidades.”

— Pode parar com isso? Com o duplo sentido. Ou era um triplo sentido?

“Era uma promessa.”

Reggie girou os olhos, saiu de um salto da cama e enfrentou o ar vazio, já que Misha ainda não estava ali, e grunhiu:

— Chega, companheiro. Saia de minha cabeça e fique fora! Vamos discutir isto pessoalmente, usando ruídos e cordas vocais e toda classe de excêntricas convenções sociais. O que quer que seja que tenha planejado para esta noite pode esperar até que me dê alguma resposta. Agora, parta!

Ele partiu com uma risada, mas partiu. Reggie experimentou o abandono da presença em sua mente como uma retirada física, e lutou por não apertar suas coxas, juntando-as.

— Idiota. — Disse, resmungando o insulto, e carecendo de certo russo arrogante para espancar, fechou com um golpe a porta do armário. — Isso é o cúmulo. Os homens são só porcos. Todos os homens. Cada um deles, sejam os lascivos, obcecados com o sexo, os que perpetuam as fantasias lésbicas, os que olham esportes, os que comem com os olhos os seios grandes ou os que fodem à secretária.

Furiosa, esteve muito perto de consignar Dmitri ao mesmo ardente fosso de aborrecimento no que Greg tinha caído, mas não pôde fazê-lo. Não ainda, de qualquer forma. Sentia-se obrigada a dar ao homem um pouco mais que dezoito horas para demonstrar que valia a pena. Greg usava a etiqueta de “causa perdida” estampada na frente, mas poderia ser capaz de salvar Dmitri.

¹³ Refere-se aos Perigos de Paulina. Um musical biográfico de 1947 sobre a estrela do cinema mudo Pearl White. A atriz foi a protagonista de uma série de filmes nas que encarnava a uma heroína chamada Paulina, que estava sempre a ponto de cair nas garras dos criminosos.

Com esse pensamento em mente, um sorriso lento e malvado se estendeu pelo rosto de Reggie e um plano floresceu em sua consciência. Talvez esta noite finalmente pudesse fazer Greg pagar, e se Dmitri se sentisse incômodo... bom, essa seria a cereja do bolo.

Olhou outra vez o vestido de veludo e uma idéia encheu sua mente. Uma idéia muito malvada, muito travessa e muito perigosa.

Com cuidado, voltou a pendurar o vestido no armário, e abriu amplamente a porta para revelar o espelho de corpo inteiro que pendurava no painel interior. Deu um passo para a cama, assegurando-se que se mantinha à vista de sua imagem refletida.

Se Dmitri estava tão decidido a bisbilhotar em sua mente, bem que poderia assegurar-se de que ele encontrasse algo que valesse a pena. Quando a parte posterior de seus joelhos se chocou contra o colchão, fechou os olhos e se concentrou.

A princípio não sabia o que fazia. Só manteve os olhos fechados e a mente em branco, concentrando-se pulso rítmico de sua respiração, inalar, exalar. Quando o último pensamento corriqueiro deixou sua mente, jogou uma olhada mental ao redor para ver o que poderia encontrar.

Encontrou rastros de Dmitri em toda parte, lembranças atrasadas de seu tempo junto a ele. Examinou essas lembranças, mas lhe pareciam desconectadas e inúteis. Vacilou um momento, sem estar segura do que procurava, até que o encontrou.

No limite de sua mente, encontrou um pedaço dele esperando, um pedaço fresco onde ele havia tocado sua memória, uns poucos minutos antes que lhe ordenasse partir. Ela tocou esse pedaço e descobriu que sentia como sua pele, quente e suave e formigando com energia.

Com um silencioso agradecimento aos seus anos de meditação e aulas de ioga, Reggie agarrou esse pedaço com suas mãos mentais e o moveu entre elas até encontrar a corda que o unia a sua fonte.

A corda a conduziu por uma passagem desconhecida, um que nunca antes tinha visto, e quando seus pés deram um passo no corredor mental, soube que Dmitri o colocara recentemente, conectando sua mente com a dela. Sabia que ele não teria sido tão descuidado para deixá-lo a menos que quisesse que ela o seguisse. Não poderia tê-lo encontrado sozinha, já que não era o Sr. Fenomenal Psíquico como algumas pessoas, mas com o rastro a seguir, avançou vacilante pelo caminho que conectava sua mente com a dele.

Ela tinha preparados alguns planos realmente grandiosos e engenhosos para aproximar-se sigilosamente e organizar uma emboscada mental, mas no instante em que sua mente se deslizou na dele, ouviu como ria.

"O que é tão engraçado?" ela franziu o cenho.

"Você, Milka. Não poderia se aproximar sigilosamente de uma manada de elefantes surdos, muito menos de mim. Não tem meus poderes, e não pode esperar usá-los contra mim."

Ela escutou a voz dele em sua mente, retumbando divertida, e decidiu revelar sua arma secreta.

"Não preciso me aproximar sigilosamente de você", pensou ela. "Tenho outras coisas que posso usar contra você com muito mais eficácia."

E com isso, ela abriu seus olhos, olhando fixamente ao espelho e tirou os jeans. Sentiu como ele inalava, sentiu a calma repentina de sua presença mental. Sabia que o que ela via enchia sua mente e, portanto, enchia também a dele.

Como ele ordenara na noite anterior, não usava calcinha sob o jeans. Quando os desceu por seus quadris e os deixou cair ao chão, expôs-se a sua vista compartilhada. Ela o sentiu enrijecer-se, e embora não pudesse ver onde estava ele, e não pudesse sentir seu corpo como sabia que ele sentia o seu, ela sabia que tinha toda sua atenção.

Sorrindo com malvada satisfação, passou as palmas ao longo de suas suaves coxas, unindo o dorso das mãos e deslizando-as entre as pernas. Seus indicadores fizeram cócegas nos sensíveis lábios de sua vagina, e estendeu mais as pernas enquanto acariciava a sensível superfície interna das coxas.

Ela insistência em cada sensação, só para torturá-lo. Já que não estava ali em pessoa, ele não podia interferir, não podia evitar que ela fizesse exatamente o que queria, e desfrutou do controle.

Retirando as mãos de entre suas pernas, deixou-as deslizar-se sobre a curva suave do estômago e sob o curto top de tecido. Agarrando a prega com as mãos, tirou a camisa e lançou-a ao chão, ao lado de seus jeans descartados. Parada em frente do espelho, usando só um sutiã transparente e um sorriso amplo e malvado, Reggie deixou que seu amante visse tudo.

Nunca antes ficara de pé nua na frente de um espelho, sentindo-se tão sensual. Em geral, estava muito ocupada catalogando seus defeitos e não podia ver a imagem completa. Desta vez, tinha os pensamentos de Dmitri enredando-se com os seus, e podia ver-se do modo que ele a via. Viu que a figura que ela considerava que tinha 9 quilos de sobrepeso, tinha as curvas amadurecidas e exuberantes de uma deusa pre-Rafaelita. Seus quadris rogavam receber o peso de um homem, as coxas em sujeitar-se firmemente ao redor dele. Sua cintura se via diminuta em contraste com o quadril cheio, e seios que se sobressaíam pesados e orgulhosos de seu peito. Dmitri amava a visão dela, e isso a fez formosa ante seus próprios olhos.

Antes que ele pudesse assumir o controle completamente, Reggie afastou o olhar de seus seios e o pousou em suas mãos, enquanto estas desprendiam o broche da frente de seu sutiã e deixavam que o material transparente caísse. Com sua mente cheia de Misha, deslizou as mãos pelo torso e encaixou os seios em suas palmas.

Transbordava de suas próprias mãos pequenas, mas recordou a sensação de Dmitri tocando-a, e suspirou. Seus dedos roçaram os mamilos eretos, fazendo a carne se franzir com mais força. As cristas apunhalavam suas palmas, e se moveu para agarrar cada mamilo entre os dedos. Apertou, aumentando gradualmente a pressão, até que o apertão se convertesse em um beliscão e o beliscão a fizesse gemer. Suas pálpebras desceram, mas manteve os olhos abertos, não querendo que Misha perdesse nem um momento sua imagem.

“Imagina se estivesse aqui comigo” pensou ela, pesando os seios em suas mãos e encontrando seu próprio olhar no espelho. Quase podia ver a sombra negra e tênue dos olhos dele por trás dos seus próprios. *“Imagina se me tocasse outra vez, o bom que seria.”*

Ela ouviu seu grunhido e sorriu.

Seus dedos se fecharam com força ao redor dos mamilos, e estremeceu-se. Uma mão permaneceu agarrando firmemente um mamilo ereto, mas deslizou a outra para baixo, pelo centro de seu peito até a vagina. A carne úmida se abriu para lhe dar as boas-vindas, e deslizou os dedos profundamente entre as pernas, acariciando seu clitóris e cavando entre seus lábios inchados.

“Lembra como me sentia, Misha? Estava molhada assim quando me tocou? Porque aqui dentro parece com um rio.”

Seus dedos se moveram, pressionaram mais profundo e encontraram sua entrada. Rodeou a sensível carne com a ponta de uma unha e tremeu novamente..

“Deve ter sido por isso que fui capaz de te tomar. Foi tão grande, durante um minuto pensei que não entraria, mas te desejava tanto. Precisava te sentir dentro de mim. Assim.”

Pressionou dois dedos juntos, encaixou-os em sua entrada e os conduziu profundamente em sua vagina.

Ela o ouviu gemer.

“Deus! É tão bom, mas não tão bom como seu pênis.”

Seus olhos estavam fixos em sua imagem no espelho, incapaz de afastar o olhar de sua mão sepultada profundamente entre as pernas pálidas. Entretanto, não podia ver bem o bastante, por isso retirou os dedos brevemente e subiu à beira da cama, estendendo seus joelhos amplamente e expondo sua vagina empapada ao espelho.

“Krasavitsa”, gemeu ele. “Linda.”

Sua mão voltou para a vagina, separando as dobras empapadas para revelar seus segredos interiores ao espelho e a seus apreciativos olhos. Descobriu que a visão a fascinava. Nunca tinha se examinado desta maneira, nunca se estendera a frente de seus próprios olhos e observado como se mostrava para seu amante.

Sua vagina, vermelho escuro e gordinha pelo inchaço, brilhava com seus sucos. Sobressaía-se em contraste erótico contra seus dedos pálidos e magros, quando os passava ligeiramente sobre a carne úmida, sentindo a textura suave e escorregadia.

“Acha que sou linda?”

Seus dedos se separaram, formando um V, e se deslizaram entre os lábios, fechando-se como uma tesoura ao redor de seu clitóris pequeno e firme, e puxando-o brandamente. Uma corrente de sensações fez com que seus olhos se fechassem durante um segundo, mas um grunhido de Misha a fez abri-los outra vez.

“É magnífica, Milka, como bem sabe. Mas te adverti sobre me provocar.”

Ela sorriu e passou as pontas dos dedos por sua entrada, recolhendo os sucos que fluíam e usando-os para aumentar a lubrificação.

“E o que fará comigo, Dmitri? Vai conduzir à submissão com sua mente?”

Seus dois dedos deslizaram para dentro facilmente, e ela apertou a vagina ao redor deles, sentindo suas próprias contrações internas.

“Assim se sente quando aperto seu pênis, Misha? Suave, apertado e escorregadio?”

Ela bombeou com seus dedos algumas vezes e gemeu, olhando o movimento pelo espelho. Sua mão ficou escorregadia e brilhante com o suco de sua vagina.

“Humm, com razão você gosta de me foder. A sensação é tão boa.”

O osso de sua mão se esfregava com força contra o clitóris a cada impulso de seus dedos, até que seus quadris se balançaram para frente a cada golpe. Sua outra mão se elevou para massagear aos seios doloridos, e seus olhos se fecharam. Não necessitava do espelho quando a imagem de sua própria mão acariciando sua vagina tremeu se gravou em sua mente.

Caiu para trás sobre a cama e plantou os pés na beira do colchão, usando a inclinação para empurrar mais forte contra os dedos que a penetravam. Deslizou um terceiro dedo para

dentro e ofegou, roçando o mamilo franzido com suas unhas enquanto dava prazer a si mesma.

“Deus, Misha, quero você aqui comigo! Preciso de você. Preciso de você dentro de mim.”

Sua cabeça caiu para trás, golpeando contra os ombros enquanto seu corpo inteiro se arqueava do colchão, como um arco esticado. Empurravam com força e descuidadamente em sua vagina, suas unhas roçando as sensíveis malhas internas, enquanto com o polegar pressionava com força, fazendo rápidos círculos contra seu clitóris.

Seu fôlego se deteve, seus músculos se estiraram e sua mente se estendeu para ele e seu orgasmo explodiu. Gozou gritando seu nome, com os olhos fechados com força e os dedos sepultados profundamente em sua apertada vagina.

— Misha!

Os espasmos a sacudiram durante um longo tempo até que, dolorida e ofegante, desabou em sua cama. Descansou ali por vários minutos, ofegando, enquanto seus pulmões lutavam por recordar seu trabalho. Enroscou-se de lado com os dedos ainda entre suas pernas, cavadas protetoramente sobre sua carne sensível.

“*Aí está*”, pensou sonolenta, um sorriso curvando seus lábios. Sentiu a contínua tensão dele e soube que sua exibição o tinha excitado furiosamente.

“Agora sabe que não é o único que pode jogar aqueles pequenos jogos mentais. Talvez tenha mais cuidado de quem escuta às escondidas, na próxima vez.”

“A única coisa com que tomarei cuidado, Regina”, resmungou ele, articulando cada palavra claramente como se falasse entre dentes, “é em me assegurar que consiga exatamente o que merece. Se me provocar assim, deve estar pronta para arcar com as conseqüências.”

Reggie aconchegou a bochecha no travesseiro e bocejou delicadamente.

“Conseqüências, tontoquências”, pensou ela. “Não poderia me machucar mesmo que quisesse, seu grande molenga. É muito cuidadoso para fazê-lo.”

“Não disse que as conseqüências seriam dolorosas, milaya. Só que tivesse certeza de que elas virão.”

“Sonha com isso.”

E ela o fez. OH, menino, sem dúvida o fez.

Capítulo Oito

Contemplando o conteúdo do armário, coberta só com uma toalha e seu andrajoso penhoar e com uma taça de vinho na mão, Reggie planejou seu ataque. A primeira e crucial etapa implicava caminhar até o bar esta noite e fazer com que Greg se engasgasse com a própria língua. Talvez pensasse em pedir a alguém que lhe fizesse a manobra do Heimlich, mas só se estivesse se sentindo generosa generosa. E só se não entrasse em conflito com qualquer plano que Dmitri tivesse preparado para eles.

Contemplou seu arsenal com olho crítico. Parte dela queria ignorar o vestido vermelho, só porque Dmitri tinha ordenado que o usasse, mas quando revisou seu guarda-roupa, pensou que poderia ser sua única alternativa viável. Além disso, imaginou que depois da

pequena atuação que tinha realizado em frente ao espelho, adular ao homem que queria fazê-la pagar poderia não ser uma má idéia.

De qualquer forma, sua natureza obstinada a fez procurar em seu armário uma última vez. Sua habitual coleção de vestidos para atrair homens não era provocante o suficiente, sem mencionar que Greg tinha visto quase tudo o que ela tinha. Se só tivesse reagido ante a ruptura indo às compras, estaria preparada, mas em troca, escondeu-se em seu apartamento como um ermitão. Agora estava pagando o preço.

Sua mão direita se esticou para jogar uma olhada entre os cabides, desprezando conjuntos potenciais, enquanto que sua mão esquerda aproximava a taça aos lábios para dar um bom gole de vinho. Normalmente, Reggie não se considerava uma grande bebedora. As noites de garotas eram a exceção a seu comportamento mais que a regra, mas esta noite havia sentido a necessidade de um pouco de coragem líquida antes de enfrentar a próxima confrontação.

— Aborrecido. Aborrecido. Já o viu. Horrível.

Resmungando contínuos comentários enquanto rejeitava objetos, Reggie finalmente alcançou o final do armário. Ficou com apenas uma opção.

— Maldição.

Sentou-se na beira da cama e olhou com o cenho franzido a porta aberta do armário, como se pudesse intimidá-lo para que criasse uma roupa nova e excitante que pudesse usar. Não aconteceu. Percorreu com a vista toda a barra do armário uma vez mais, tentando ver se tinha passado algo por alto, ou se em sua cabeça surgia de repente alguma idéia para combinar de maneiras novas a roupa e criar um conjunto tão sexy que tirasse o fôlego. Não teve sorte.

Reggie esvaziou sua taça de vinho, indignada, e a deixou a um lado. O destino decretava que devia usar o vestido vermelho, e ela sabia como render-se com dignidade. Ou algo parecido.

Tirou o vestido do armário e enganchou o cabide sobre o reverso da porta. Quando tirou o plástico, o rico brilho da seda aveludada captou a luz e pareceu respirar. Sua mão se estendeu para tocá-lo, atraída pela luxuosa promessa do tecido. Tinha pagado uma fortuna por essa coisa, mais do que queria recordar, mas naquele momento, decidiu que tinha merecido cada centavo.

Levando-o com ela ao espelho de corpo inteiro da porta, Reggie o sustentou contra seu corpo, acariciando o tecido luxuoso. Tinha que dar crédito ao homem; tinha um gosto fabuloso. Tirando a bata, colocou o sutiã e meias altas até a coxa, antes de ceder e colocar o vestido.

Suspirou ante a sensação do pesado veludo contra sua pele quando finalmente colocou o magnífico objeto. Lutou durante um minuto com o fechamento até que este subiu justo por debaixo de suas omoplatas, e contemplou os resultados no espelho de corpo inteiro.

— Maldição. É perfeito.

* * *

Exatamente as seis e trinta e cinco, Reggie entrou pela porta do clube noturno Capitão Jack e inspirou profundamente. Bom, tão profundamente como podia sem que o vestido se rompesse e ela desse aos freqüentadores do bar um espetáculo melhor que o do clube de stripers rua abaixo. Sentiu o peso de apreciativos olhares masculinos que se deslizavam

sobre ela, apesar de normalmente ser inconsciente desse tipo de atenção. Esta noite sentia, e era fabuloso.

Sabia que fazia muito tempo que não se via tão bem, talvez nunca se viu tão bem. O vestido apresentava sua exuberante curva como uma oferenda, juntando seus generosos seios e levantando-os até que parecessem em perigo de sair do decote. A cunha apertada acentuava a pequenez de sua cintura e abraçava a curva de seus quadris, até que todos os olhos eram atraídos pelo contraste. Sua pele parecia brilhar contra o veludo carmesim e a seda mogno de seu cabelo, que tinha permitido cair em ondas rebeldes pelas costas. Suas pernas estavam envoltas em meias negras e transparentes que chegavam até a coxa, cuja borda superior mal conseguia ficar escondida sob a prega do vestido, e seus pés finos desapareciam em um par de sapatos negros com salto agulha.

Em conjunto, Reggie se via extraordinariamente sexy, e não era a única pessoa no bar que o pensava. Que lástima que Dmitri não tivesse chegado cedo o bastante para ver sua magnífica entrada.

— Reggie! O que está fazendo aqui?

Automaticamente voltou-se ante o som de seu nome, mas quando viu quem a tinha chamado, amaldiçoou silenciosa e criativamente. Missy e Corinne estavam sentadas em uma das mesas pequenas e redondas perto do bordo da barra, e a saudavam com entusiasmo. Maldita sorte!

— Garota, depois dessas mensagens que Ava te deixou, pensei que nos evitaria como à peste. Mas olhe para você! — Corinne se afastou e fez uma verificação completa de sua amiga. — Está ardente!

— Absolutamente. O que te inspirou? — Os olhos do Missy se arregalaram. — Vai se encontrar com o tipo da outra noite de novo? Onde está? Podemos conhecê-lo?

Reggie se moveu, incômoda.

— Nos conte cada pequeno e sujo detalhe — exigiu Corinne. — Nem sequer pude ver o afortunado, mas ouvi o rumor de que faz com que magnífico soe como um insulto.

Reggie lutou por encontrar alguma desculpa para evitar responder as perguntas e se dispunha a gritar “Fogo!” a todo pulmão quando uma mão posou em seu ombro.

— Reggie, muito obrigado por aceitar te encontrar comigo. — As três mulheres se voltaram ante o som da voz de Greg. Ele não fez caso das amigas de Reggie e tomou-a pelo cotovelo. — Consegui uma mesa tranqüila contra a parede onde podemos conversar.

Reggie congelou-se e se perguntou a que poder supremo poderia ter ofendido o suficiente para pô-la nesta situação. *“De todos os bares em todos os clubes de todo o mundo, minhas amigas tinham que vir justo a este”*. A situação chegava a um nível mais alto de dor irônica devido a que as mulheres sentadas a seu lado odiavam Greg com veemência, até mais do que Reggie tinha sido capaz de odiá-lo. Isso demonstrava sua lealdade, mas não pressagiava uma reunião agradável.

— Ah, hoje em dia aprendeu a guardá-lo dentro das calças o tempo suficiente para conversar, Gregory? — Corinne sorriu com satisfação, sem sequer tentar esconder seu desprezo.

— Gregory sempre foi bom para conversar, Corinne — disse Missy. Perto de Greg, até a pequena e doce Missy se crispava e se tornava mordaz. — Tem problemas apenas em dizer a verdade.

Greg fulminou às amigas de Reggie com o olhar, mas ao menos uma vez, manteve a boca fechada e não se deixou arrastar a uma briga. Em vez disso, concentrou-se em Reggie e assinalou uma mesa ao fundo do bar.

— Vamos?

Reggie arriscou-se a dar uma rápida olhada a suas amigas e registrou suas expressões "*Reggie, tem que dar algumas explicações!*" Teriam que esperar até mais tarde, porque não ia renunciar à oportunidade de ter Gregory Martin arrastando-se a seus pés em um lugar público. Havia algumas coisas às quais uma garota simplesmente não dizia não.

Ela aceitou com um murmúrio, enviou às amigas um olhar de "*depois eu conto*", e deixou que Greg a guiasse à mesa. Manteve a cabeça bem alto, os ombros eretos e acrescentou um rebolado extra a seus quadris, quando seu passeio entre a multidão a obrigou a caminhar na frente dele. Deixe que o imbecil babe, porque nunca mais ia pôr um dedo sobre ela.

O engraçado era que não sentia os olhos do Greg sobre ela. Em vez disso, sentiu a sensação quase tateante do olhar de alguém mais. Reggie olhou ao redor, esperando ver Dmitri à espreita em algum lugar entre as sombras. Não estava ali, mas poderia jurar que seus dedos deslizaram sob seu cabelo e acariciaram sua nuca.

Ela desprezou a sensação, atribuindo-a a sua imaginação, ao menos até que sentiu que a distintiva pressão de uma mão acariciava seu traseiro e apertava um glúteo afetuosamente. Ela saltou uns vinte centímetros e olhou ao redor, mas ninguém estava nem remotamente perto para tê-la tocado. Franziu o cenho, e um tremor a percorreu.

Gregory notou seu tremor quando puxou-lhe uma cadeira, e franziu o cenho.

— Está com frio?

— Não — disse ela. Olhou cautelosamente ao redor outra vez, antes de deslizar-se na cadeira e voltar sua atenção ao homem frente a ela. Sorriu timidamente e bateu os cílios para ele. — De fato, está calor aqui. Não acha?

Greg franziu o cenho.

— Na realidade, acho que está bastante confortável. Mas não me surpreenderia que estivesse congelando nessa coisa.

Essa coisa? Não tinha esperado que Greg se referisse à roupa mais sexy que jamais usara como uma coisa. Deveria estar tendo uma reação completamente diferente, uma que implicasse a perda de controle de um músculo fino. E talvez ofegar.

Não o viu ofegar, mas sim sentiu que o fôlego de alguém rodeava seu ouvido e que uma língua quente e áspera a tocava para brincar com o lóbulo de sua orelha. Ela se voltou tão rápido que quase caiu da cadeira.

"Cuidado, dushka. Não vai querer se machucar por ser descuidada."

"Maldição, Dmitri", disse fumegando. "Não pode se aproximar sigilosamente das pessoas assim. É descortês!"

"Ah, sério?" ronronou ele. "Tão descortês como excitar seu amante e logo abandoná-lo insatisfeito enquanto você dorme para se recuperar do orgasmo?"

Ela sentiu sua mão deslizar-se para cima por sua coxa e abrir caminho entre suas pernas, cobrindo sua vagina depilada e, entretanto, o único homem o suficientemente perto para tocá-la era Gregory, que nervosamente triturava um guardanapo de coquetel com duas muito visíveis mãos. Em outras palavras, não a estava tocando.

"É tão descortês como isto, Regina?"

“Dmitri, agora não.”

Ela mudou de posição, supondo se suas mãos não estavam realmente ali, não podiam afetá-la a menos que ela o permitisse. Simplesmente fingiria que não sentia nada.

— Você está bem, Reg? — Greg franziu o cenho, encarando-a de maneira estranha. — Talvez essa coisa que está usando seja realmente muito apertada.

— Chama-se vestido, Gregory, e dificilmente é indecente. — Ela ignorou o modo em que os dedos imaginários entre suas coxas tinham começado a entrelaçar-se com seu cabelo púbico, e se concentrou em Greg. As pontas dos dedos deslizaram-se pela borda superior do sutiã, chamando a atenção à maneira em que cavava seus seios e enfatizava suas generosas curvas. — Alguns homens acham que fico muito sexy nele.

Ela deixou a mão ao nível do ombro e passou os dedos sobre sua pele nua de um lado a outro. A sensação foi agradavelmente estimulante, mas não tão estimulante como os dedos que capturaram seus mamilos.

“*Misha!*” pensou ela, seus olhos se abrindo amplamente enquanto suas coxas se apertavam com força ao redor da mão que deslizava de seus cachos úmidos até as pétalas fortemente fechadas de sua vagina. “*Aqui não!*”

— Provocadora seria uma palavra melhor — Greg franziu o cenho, a voz afastando sua mente do toque fantasma de Dmitri e a devolveu à realidade. — Nunca pensei que estivesse envolta nessas coisas exibicionistas, Reg.

Ela escutou a risada Misha.

— E eu não sabia que você tinha um caso com sua secretária — disse Reggie bruscamente, blasfemando sua hiperativa imaginação e seu amante psíquico sexualmente obcecado. Ela lançou outra olhada ao redor do lugar, segura de que Dmitri devia estar bisbilhotando em algum lugar próximo, mas ainda não podia vê-lo.

Franzindo o cenho, deu-se volta e chamou a atenção do garçom (o que não foi difícil, já que tinha os olhos fixos em seu peito) e assinalou a garrafa de cerveja na mesa do lado. Se as coisas aconteceriam assim esta noite, definitivamente necessitava de um gole, ainda que se convertesse em uma alcoólica.

— Suponho que ambos precisávamos aprender um pouco mais sobre o outro.

“Eu sei muitas coisas sobre você, dushka. Devo enumerá-las?”

Reggie escutou a suave ameaça nessas palavras e fez um esforço desesperado em fixar sua atenção em Gregory. A bola de lodo nem sequer teve a graça de parecer incômodo ante seu comentário. Apenas encolheu os ombros e pinçou em seu bolso, procurando um cigarro. Reggie sempre tinha odiado que fumasse, e ela se sentiu melhor que ele mantivera esse pequeno hábito tão repulsivo. A fez sentir-se superior. E menos propensa a fazer algo estúpido, como ser agradável com ele.

“Acredito que posso garantir que estará muito ocupada para prestar muita atenção a esse moço, Regina. Demonstro-lhe isso?”

Antes que sua mente pudesse formar uma resposta coerente, os dedos dele se moveram do meio de suas pernas. Ela teve tempo para uma exalação de alívio antes que suas coxas fossem descruzadas e abertas amplamente sob a mesa, e os dedos fantasmas fossem substituídos por uma língua igualmente invisível. Dentes invisíveis mordiscavam seu dilatado clitóris, e a voz rouca e sensual de Dmitri falou dentro de sua mente.

“Não está pensando nele agora, está Regina?”

“Quem?”

Dmitri riu entre dentes em sua mente, mesmo enquanto sua língua a acariciava avidamente entre as pernas, estendendo seus sucos ao longo de sua fenda e bebendo gulosamente o excedente.

As mãos de Reggie se agarraram com força à beira da mesa, e apertou os dentes para evitar ficar vesga. Apenas sua total força de vontade e o medo a humilhar-se em público a impediu de exteriorizar os gemidos que se acumulavam constantemente em sua garganta.

— Bom, o caso é, Reg — prosseguiu Greg, alheio à tensão em seu rosto e ao apertão na beira da mesa que deixava seus nódulos brancos. — Sinto... Tenho sentido... Desde que deixei o apartamento, tenho sentido... Como se algo me faltasse. Como se deixei uma parte de mim.

Reggie não escutava uma maldita palavra do que ele dizia. Em vez disso, ouviu a malvada voz de Dmitri sussurrando em sua mente, dizendo todas as coisas que queria fazer a seu corpo, com seu corpo, dentro de seu corpo. Ela escutou o som desigual da respiração dele e o ruído surdo e instável do batimento de seu próprio coração. E, sobretudo, sua mente ouvia o som molhado e faminto da língua de Dmitri e seus lábios sorvendo ruidosamente de sua molhada vagina.

“Misha!” suplicou ela. “Não pode. Ah, Deus, não pode fazer isto aqui!”

A língua trabalhou com mais força sobre sua carne, rodeando seu clitóris e estimulando seu centro palpitante. Os dentes roçaram os lábios inchados, e ela sentiu seus dedos pressionarem contra sua abertura, exigindo rendição.

— Justo no outro dia — seguiu Gregory —, finalmente me conta de que tinha feito algo realmente estúpido. De fato, acredito que cometi o engano maior de minha vida.

O engano maior da vida de Reggie tinha sido provocar Dmitri. Agora sabia, sabia em cada tenso músculo de seu corpo enquanto empreendia uma guerra desesperada e silenciosa para impedir que o prazer se notasse em seu rosto ou em sua voz. Se deixasse que seu autocontrole escapasse um pouco que fosse, se retorceria no chão e rogaria para ser fodida até que acabasse sendo vítima de uma violação grupal ou uma nova paciente em Bellevue¹⁴.

“Misha, não posso! Não faça isto, por favor.”

Ela baixou a cabeça, fechando os olhos com força enquanto os dedos fantasmas penetravam profundamente em sua vagina, curvando-se para frente para esfregar com força o ponto sensível na parede anterior de sua vagina. Ela seguiu até que se desmoronou e suplicou.

— Pare!

Gregory o interpretou completamente errado. Até acreditava que ela se lembrava de sua existência.

— Não, espera. Deixe-me terminar. — O homem loiro estirou o braço através da mesa, agarrou sua mão e lhe deu um suave apertão.

— Reggie, preciso de você...

“Eu te necessito mais, dushka”, sussurrou Dmitri. “Necessito que goze agora. Goza para mim, Milka. Quero ver”.

“Sim! Ah, Misha!”

¹⁴ Hospital Psiquiátrico de Nova Iorque

Reggie inclinou a cabeça, mordeu a bochecha até que doesse e lutou para manter-se completamente quieta enquanto seu corpo se enrijecia com a força de seu clímax. Obrigou-se a não levantar o rosto, porque não havia maneira de que fosse capaz de controlar seu rubor ou olhar nos olhos de Greg. A experiência a excitou além de algo que tivesse experimentado jamais. Qualquer que olhasse seu rosto saberia o que lhe passava.

"Acalme-se, milaya. Não permitirei que ninguém veja seu prazer. Esta é uma imagem reservada só para meus olhos. Não se preocupe. Sempre cuidarei de você".

Ela pôde controlar sua respiração bem a tempo para ouvir as últimas palavras de Gregory.

—... para me devolver o anel de minha avó.

Seus olhos se abriram de repente.

— O que?

Era impossível que tivesse escutado corretamente. Evidentemente, o excesso de sexo tinha fritado seu cérebro, mas se pudesse concentrar-se em estar furiosa com Gregory, não faria nada precipitado ao Dmitri. Como tramar e executar diabolicamente seu assassinato.

— O anel de minha avó — repetiu Greg, com tom impaciente. — É uma relíquia de família. Ela queria que o desse a minha esposa. Nunca deveria ter lhe dado isso depois de seu funeral.

Reggie se afastou dele como se repentinamente tivesse desenvolvido chagas que percorriam todo seu corpo. Se tão somente o destino fosse assim tão amável...

— E agora quer que lhe devolva o anel? De que demônios está falando? — De todas as maneiras para arruinar o brilho pós-transa, esta tinha que estar entre as mais miseráveis. — Quem demônios acha que é?

Greg a olhou como se lhe faltassem alguns parafusos.

— Reg, era o anel de minha avó. Ela queria passar a seus filhos e netos. Obviamente, não vou tê-los os contigo. Acredito que o justo é que me devolva o anel.

Ele soava quase como se tratasse ser lógico sobre todo o assunto. Lógico! Se não tomasse cuidado, ela lhe tornaria impossível gerar. Com ninguém. Simplesmente estava farta de toda a espécie masculina. Fazia com que estivesse mais decidida a vê-los morrer.

— Muito bem, Greg Martin, eu te darei algo — sussurrou entre dentes. Desceu de um salto de sua cadeira, ignorando as mãos invisíveis que baixaram sua bainha até parâmetros legais, e plantou as mãos nos quadris.

— Te darei um inferno de maldições por ser o imbecil insensível e imaturo que é. Sei do que se trata realmente tudo isto! É aquela secretária, não é? Ou é alguma outra menina insípida que compra suas adulações e suas mentiras exatamente como eu estava acostumada a fazê-lo. Mas é tão superficial que não se dá conta de quão vulgar é isto! É tão cretino...

— Por que, por seguir adiante? — Sua expressão foi de vulnerável e conciliatória a mordaz em menos tempo do que ela levou a apertar os dentes. — Essa é a verdadeira razão pela qual está se comportando como uma cadela delirante sobre isto, Reg. Está com ciúmes porque eu segui enfrente e encontrei uma nova relação, e você nem sequer pode conseguir um homem quando se veste como uma puta de rua.

A essa altura, as pessoas começavam a notar sua discussão. Uns minutos atrás, nenhum deles tinha notado que um invento de sua imaginação a estava comendo, mas Reggie estava muito zangada para se importar. Sem mencionar Greg, que não amainava sua ira

tentando de fazê-la ver como era patética. É verdade que ao menos a metade de sua cólera deveria ser dirigida à Dmitri, mas ele permaneceu fora de vista e Greg estava ali parado, vendo-se muito acessível.

— Você deveria saber sobre putas, tendo em conta com quantas deve ter fodido! — Grunhiu ela, dando um passo para frente até ter que inclinar sua cabeça para cima para olhá-lo. — Para sua informação, a metade dos homens neste bar mataria para ir para casa comigo esta noite, assim não me diga que não posso conseguir um homem, Gregory Ansel Martin!

—Sobretudo, não quando seu homem poderia considerar semelhante comentário insultante.

Capítulo Nove

Dmitri deslizou o braço ao redor de Regina, em uma repetição da noite anterior no clube Godo e fulminou com o olhar ao pequeno e arrogante homem que estava parado na frente deles. Podia sentir o calor da cólera de sua mulher, enquanto estava parada rígida e distante sob seu abraço, mas o primeiro era o primeiro.

— Ouvi muito sobre você, Sr. Martin. Nada de bom. — Tinha lido sobre este inseto de homem na mente de Regina. As lembranças dela o tentavam a reparti-lo a golpes, com violência e permanente, para ensinar ao homem uma lição, mas não queria perder tempo. — No futuro, sugiro que se abstenha de insultar Regina. De fato, sugiro que se mantenha muito longe dela. Está claro?

Ele deu um toque na mente do loiro, só o suficiente para ver que seu caráter era tão repugnante como tinha esperado. Também viu o idiota pensando em resistir a ele, uma idéia que Dmitri esmagou sem piedade. Com seus olhos estreitados, estendeu-se um pouco mais profundo na mente do Martin e se meteu, criando pressão como uma mão fechando-se sobre a garganta do humano. De onde Reggie estava parada, ele sabia que parecia tranquilo e controlado, mas sua mensagem se afundou lentamente na consciência de Martin. O humano observou Dmitri com medo e horror crescentes.

— Perguntei se me entendia, Sr. Martin.

Ele expulsou a pergunta com um tom que soava como um ronronado, mas se sentia como uma ameaça. Pela extremidade de seu olho, viu o tremor de Regina. Greg tremia também, mas por uma razão completamente diferente.

— Sim. Claro. Como quiser, homem. Tenho que ir.

E com essa eloqüente estocada se despediu, o degenerado Gregory Martin girou a cauda e correu. Muito longe, de fato.

Reggie o olhou voar com um sorriso que falava muito menos de humor e muito mais de matança. Uma matança realmente sangrenta. Dmitri mal teve tempo para vigorizar-se antes que ela girasse esse sorriso para ele.

Parecia mais um grunhido.

— Nunca estive tão furiosa em toda minha vida — vaiou ela, dando um passo para ele até que estiveram pés contra pés. Ela teve que esticar o pescoço para elevar a vista para ele,

mas nem sequer pareceu notá-lo. — Que merda acreditava que fazia? Como te ocorre me fazer isto em um lugar público!

Os olhos de Dmitri se estreitaram para refletir os dela enquanto ele lutava contra sua própria fúria.

Soube dos projetos dela no instante em que despertou, mas uma vez que a labareda inicial de raiva tinha passado, ele rira de sua nervura vingativa. Era coisa de confiar em sua Regina para que tomasse uma oportunidade que qualquer outra mulher teria usado em uma reconciliação e usá-la para converter a um homem crédulo no nó de sua vingança.

O que não gostava era de pensar que ela negaria o prazer que lhe dera e o nó com o que ela o tinha amarrado essa tarde com seu pequeno espetáculo na frente do espelho do dormitório.

Ele acabara de acordar, saboreando o primeiro brilho da volta da consciência quando sua imagem o golpeou. Sabia que ela tinha encontrado sua nota, tinha-a visto em seu dormitório pensando no vestido que pedira para colocar em seu encontro com Martin. Sua cólera inicial mal tinha recuado, quando a tinha incomodado com comentários tolos e ameaças vazias. Ele nunca tinha suspeitado o que lhe faria.

Partiu quando ela o pediu, e tinha andado contente à deriva no mundo irreal entre o sonho e a vigília quando ela o tinha atraído ao caminho entre suas mentes. Ele recordou seu prazer ao saber que ela procurava. O sentimento tinha durado só até que se despojara de sua roupa.

Até agora, horas mais tarde, seu corpo ainda palpitava com a lembrança. Seu pênis tinha estado duro desde que se levantara, e ela tinha a coragem de castigá-lo por excitá-la, para realizar outra de suas fantasias secretas?

— Eu não lançaria pedras em seu lugar, Regina — grunhiu, seus olhos faiscando para ela, sua mandíbula encaixada. — Deveria estar agradecida de que tenha permitido que viesse. Ou talvez, teria preferido que eu te deixasse faminta e dolorida durante *quatro horas* enquanto eu marcava encontro com outras mulheres.

Ele agarrou sua mão e a forçou a abrir sua palma contra sua virilha. Sua ereção palpitava contra o tecido de algodão apertado que o cobria.

— Teria gostado disso, Regina? — grunhiu. — Teria gostado?

Ela examinou seus olhos, e deve ter visto algo ali que a assustou, porque um pouco da fúria se afastou de sua expressão, e se abrandou. Moveu a mão e moldou seu pênis, acariciando a grossa longitude através do tecido.

— Não, suponho que não — confessou, sua voz um pouco mais gentil.

Antes que ele pudesse tomar sua admissão por rendição, ela aumentou seu aperto até que a mão em seu pênis se tornou tanto uma ameaça como uma promessa.

— Mas, ainda assim, não acredito que seja uma desculpa para o que me fez. — Seu olhar se concentrou no dele, e o tom sério de sua voz se emparelhou com sua expressão. — Não me agrada o sexo público, Misha. Prefiro que o que compartilhamos permaneça privado daqui para frente. Entendeu?

Dmitri assentiu com a cabeça gravemente. Sua Regina tinha força e coragem. Ele a admirou ainda mais.

— Entendi, dushka.

— Bom. — Seus lábios se abrandaram em um sorriso, e os olhos cintilaram com humor. — Agora posso dizer quão perfeito foi ver o que fez ao Greg. Nunca fiquei tão contente.

Dmitri riu entre dentes. Na verdade, parecia recordar vários momentos da noite anterior quando ela tinha parecido estar muito contente.

Reggie elevou a vista para ele, e seus olhos se estreitaram.

— Não me olhe assim, macho — advertiu ela. — Só porque esclarecemos o assunto não quer dizer que não tenhamos outras coisas sérias sobre as quais falar. Espero que esteja bem acordado e planejando permanecer dessa maneira até que eu tenha terminado de fazer de você uma nova pessoa.

— Acalme-se, dushka — murmurou ele; as ameaças furiosas e vazias dela o divertiam. Seu pequeno gatinho podia ser tão feroz. — Falaremos tanto quanto queira, mas estou seguro de que preferiria fazê-lo na intimidade. Ou me equivoco?

Reggie grunhiu.

— Penso que não. Venha. — Ele colocou o braço ao redor dela e a girou para a porta, mas não chegaram muito longe.

— Bem, mas o que temos aqui?

A interrupção veio de Ava, uma figura que ele tinha conhecido em sua maior parte quando examinara cuidadosamente os pensamentos de sua Regina. Ela estava de pé frente a eles, bloqueando sua passagem à porta.

— Reggie, querida, não vai me apresentar a seu novo amigo? — A voz de Ava, baixa e melódica, sua expressão doce e o sorriso quente, deixaram Reggie furiosa. Dmitri podia ler a inquietação de sua amante em sua mente e seu corpo.

— Hum, claro — resmungou. Dmitri seguiu o olhar dela, que ia de sua amiga do clube noturno e ao telefone celular que estava em cima da grade entre eles.

“Foqueira” ouviu que Reggie pensava.

— Ava, este é Dmitri Vidame. Dmitri, esta é minha amiga Ava Markham.

— Prazer — murmurou Dmitri, agarrando a mão de Ava e inclinando-se ligeiramente sobre ela. Os olhos da morena se estreitaram ao notar o gesto.

— Com certeza é — disse ela, seu tom desdenhoso. — Parece que deixou uma verdadeira impressão em nossa amiga, considerando que a conheceu ontem à noite.

A boca de Dmitri se contraiu. Mesmo sem ler sua mente, podia sentir o impulso protetor irradiando da magra figura de Ava. A amiga de Reggie era bela, com uma aparência escura ligeiramente exótica, que irradiava confiança, sexo e dinheiro. Estava parada sobre seus saltos italianos de quase quinze centímetros, e ele sabia que seu vestido de couro negro tinha etiqueta de algum desenhista exclusivo. Ava era o tipo de mulher pela qual Dmitri haveria se sentido atraído no passado, forte, agressiva e apaixonada, mas Dmitri tinha descoberto recentemente uma decidida preferência pelas suaves e encantadoras ruivas.

— Eu sou o que foi impressionado, Srta. Markham. Estou seguro que compreende que sua amiga é uma mulher notável.

Reggie deu um passo para frente como se queria lhes recordar sua presença.

— E tem uma célula cerebral ou duas e trabalhando juntas, sem mencionar com uma língua na boca — bufou ela, fulminando com o olhar aos dois. — O que há com vocês?

— Não há nada mal, Reggie — disse Ava, apertando os lábios e levantando o queixo. — Eu simplesmente tinha curiosidade de conhecer o homem que tinha conhecido no clube ontem à noite. Não é próprio de você se encontrar estranhos. Em geral, tem mais bom-senso.

Dmitri sufocou um sorriso.

— Vi que Regina tem o bom-senso perfeito. Assim como muitas outras... intrigantes qualidades.

Incapaz de resistir, ele colocou sua mão no quadril de Reggie e se removeu, o suficiente para entreter-se vendo a reação de Ava. Ela não o decepcionou.

— Estava acostumada a ter um perfeito bom-senso — cuspiu Ava, seus olhos escuros gelados enquanto fulminava com o olhar a mão de Dmitri. — Mas vi muito pouco disso neste momento.

Dmitri sentiu que Regina ficava rígida sob sua mão.

— E o que se supõe que significa isso? — exigiu Regina, cruzando os braços sobre o peito e fulminando com o olhar a amiga.

— Isso significa que há algo seriamente errado com você, Reg — Ava igualou seu olhar furioso com um olhar furioso próprio.

Dmitri podia ler a preocupação sob o ataque zangado, mas não acreditou que a Regina importasse o motivo.

— Não há nada errado comigo, Ava. E até se o houvesse, não seria de maneira nenhuma assunto seu. Sou uma mulher adulta. Posso cuidar de mim mesma.

— Então demonstre-o, não deixando que um cretino tome liberdades em público como se fosse um pedaço de carne!

Dmitri não tinha planejado estar entre as duas mulheres — não tinha vivido todo esse tempo fazendo coisas tão estúpidas — mas tampouco ficaria ali parado, vendo Ava insultar a sua Regina. Ficou rígido ao ouvir suas palavras e tocou sua mente, procurando uma entrada.

— Dmitri não toma muitas liberdades, mas mesmo se o fizesse, o que te importa isso? — Regina continuou. — Talvez eu goste que ele tome liberdades! Talvez não me importe o que pensa de mim ou dos homens com os que saio!

“Homem”, corrigiu Dmitri, enviando o pensamento firmemente na mente de Reggie, dividindo brevemente sua atenção entre as duas mulheres. “Saiu só com um homem, Regina. Eu.”

Viu Regina girar os olhos, e engoliu um sorriso, voltando sua atenção uma vez mais a Ava. Ela tinha uma mente surpreendentemente forte, com amparos naturais impressionantes. Sondou rapidamente, procurando alguma debilidade, mas não levou muito tempo para compreender que não podia deslizar-se silenciosamente em sua mente em meio a um lugar público. Ela requeria mais força, o que significava que sua melhor estratégia seria retirar-se.

Dmitri volta-se para longe de Ava e apertou o quadril de Regina brandamente.

— Acho que deveríamos partir, dushka — murmurou. — Não acredito que sua amiga aprecie nossa companhia.

Regina enviou um último olhar furioso a Ava e deixou que Dmitri a impulsionasse para a porta.

—Talvez tenha razão, Dmitri. Podemos partir se estiver pronto.

Ava quase gritou.

— E talvez você esteja fora de si! Escutou a si mesma? Soa ao tipo de imbecil idiota que sempre odiou. Conhece este homem há vinte e quatro horas, e já o deixa te controlar como se não pudesse pensar por si mesma! Qual é seu problema?

Regina ignorou sua amiga e caminhou tranqüilamente para a porta, sem olhar para trás. Dmitri a conduziu com a mão no quadril, mas ele não tinha completamente seu autocontrole. Pouco antes que saíssem da área do balcão, olhou por cima de seu ombro para Ava. Muito conscientemente, deixou que sua máscara de cortês controle escorregasse e lhe mostrou um vislumbre das coisas que ele guardava por dentro.

Ele não acreditava que o enfrentaria outra vez.

* * *

Reggie tinha deixado de lado a conversa com Dmitri a respeito de sua bisbilhotice mental e suas tendências ditatoriais. Três minutos depois de entrarem em seu apartamento ele a deixou nua, estendida e coberta, com o rosto para baixo sobre o colchão enquanto ele a torturava carinhosamente, introduzindo os dedos em seu úmido calor. Nesse momento, dizer que não gostava quando ele tentava de controlá-la parecia um pouco hipócrita. Quase se odiou com o modo em que ele podia fazê-la ofegar.

— Misha! — Ela ofegou seu nome como uma palavra mágica, e firmou as mãos contra a cama, empurrando os quadris contra ele. A mão que descansava no desnível de suas costas e a sustentava no lugar pressionou firmemente para mantê-la quieta.

“O que você quer, dushka?”

Ela ouviu sua voz, não importando com quanta força ela tentasse bloqueá-lo. Ela podia rodear seus pensamentos com um arame mental, mas de algum jeito Dmitri podia passar diretamente e nunca sentir um arranhão. Suas defesas se desmoronavam ao redor dele, e o pensamento a aterrorizou. E se Ava tivesse razão? Poderia simplesmente jazer de costas e deixar que Dmitri a convertesse em um pequeno e monótono brinquedo sexual?

Ele tirou sua mão de seu calor pegajoso, e ela gemeu.

“Me diga, milaya. Quero ouvir o que me dizia.”

Ele queria fazê-la rogar, e uma parte de Reggie gritou em protesto, mas a exigente carne entre suas pernas afogou a rebelião.

— Você, Misha. Eu quero você.

Seu sussurro se converteu em um assobio sobressaltado e logo em um gemido de prazer, quando Dmitri recompensou sua confissão com um golpe quente de língua entre suas coxas. Ela tremeu e teve que fechar os joelhos para manter-se direita. Dmitri tinha escorregado para ajoelhar-se detrás dela, e a segurou com as mãos nos quadris, prendendo-os firmemente à cama enquanto ele a conduzia lentamente fora de raciocínio.

“Você é tão doce, dushka. Doce, picante e deliciosa.”

Ela o sentia mil vezes mais intenso que seu fantasmagórico toque no bar, e quase a matou ouvi-lo falar com sua rouca voz mágica, enquanto sua língua bebia de sua vagina e fazia pequenos círculos ao redor de seu clitóris. Seu fôlego se transformou em indefesos ofegos. Arqueou as costas sem controle, inclinando os quadris para lhe dar melhor acesso a sua dolorida carne.

“Isso. Boa garota” ele cantarolou, as mãos escorregando de seus quadris a suas coxas, agarrando-os e forçando-os a abrir-se mais. Sua língua a pressionou mais firmemente, e ele

manteve suas mãos afirmadas em cima de seus joelhos, sustentando-a tão aberta se fosse uma barra extensora.

Reggie pressionou a fronte contra o colchão e apertou os olhos com força. Queria aproximar-se mais, queria afastar-se. Sua boca se alimentava dela, bebia sua doçura e a pressionava mais e mais rápido para o clímax. Ele pareceu sentir exatamente o momento, quando suas lambidas de brincadeira se tornaram insuportáveis, e a língua apertou-se mais forte contra ela. Aproximou-se mais e encontrou seu clitóris. Saudando o inchado nó com um movimento rápido de língua, ele o tomou brandamente entre seus dentes e chupou. A sensação a privou de sua capacidade de raciocinar, a capacidade de estar de pé. Seu corpo coxeou e tremeu. Dmitri agarrou suas pernas e firmou seus ombros contra a parte de trás de seus joelhos, fixando-a contra a cama.

Ela tentou pedir-lhe que a fodesse, que entrasse nela e a montasse com força, mas não podia falar. Tudo o que podia fazer era gemer e gritar e rezar pedindo piedade. Não lhe deu nada.

Ele beliscou ligeiramente seu clitóris, enviando uma bola de prazer e dor através dela. Ela gritou, o som um pouco mais que um tremor do ar.

"Diga-me, dushka".

Ela não podia falar, mal podia pensar, mas Dmitri a ouviria.

"Necessito que me foda. Por favor, foda-me Misha!

Ele a beliscou outra vez, acalmando a picada com sua inteligente língua.

"Não. Diga que me pertence. Diga que é minha. Diga que não haverá outro homem que te tocará".

"Sim! Deus, sim! Ninguém mais. Sou sua. Eu te pertenço, Misha!"

Dmitri grunhiu sua satisfação e empurrou três largos dedos profundamente em sua gulosa vagina. Era tudo o que Reggie necessitava.

Ela gozou, seu corpo inteiro tendo e trêmulo. Suas costas se arquearam, os quadris se apertaram contra ele e sua mente ficou em branco e vazia. Não sabia nada além de Dmitri e o prazer que a atravessava. Nem sequer soube da aguda picada de suas presas ou seu áspero grunhido de prazer, quando seu sangue mesclado com seus sucos se deslizavam docemente por sua garganta.

Capítulo Dez

Reggie despertou na manhã seguinte um pouco pensativa.

Dmitri a mantivera muito ocupada na noite anterior, como que para impedir que pensasse nas coisas que Ava havia dito no bar, mas recordava-as agora. De fato, foram os primeiros pensamentos em sua cabeça quando abriu os olhos sob luz do sol da manhã. Quando ele não estava ali para nublar seus pensamentos com luxúria, Reggie podia confessar que realmente parecia agir de maneira diferente ao lado de Dmitri. De algum jeito, ele trazia à luz coisas dela que tinha tentado com força fingir que não estavam em seu interior... só para começar.

Reggie se considerava uma mulher forte, independente. Mantinha a si mesma, pensava por si mesma, agia por si mesma. Acreditava que as mulheres deviam ter os mesmos direitos e oportunidades que os homens e nunca deveriam permitir-se ser tratadas como se não os tivessem. Se a pressionassem, teria se autodenominado uma feminista moderna, uma mulher que apreciava aos homens, mas não os necessitava para completá-la ou guiá-la, ou lhe dizer o que fazer.

Então, por que se sentia tão bem quando Dmitri tomava o controle? Assustava-a que o temperamento dele e suas tendências ditatoriais a fizessem sentir-se tão segura e apreciada. Deveria estar em guarda contra sua atitude, não suspirando de alegria quando ele tomava o controle e arrumava a ela e a sua vida para que se acomodassem a ele. Quando sentia seu corpo contra o dele, tudo tinha perfeito sentido, mas agora, à brilhante luz do dia, ela tinha que pensar que Ava podia ter um ponto. Talvez devesse reear a personalidade autocrática de Dmitri.

Ela ruminou o assunto enquanto se arrastava da cama e colocava seu penhoar.

Novamente, seus músculos doíam em um gráfico aviso da noite anterior, embora desta vez pudesse acrescentar a falta de sono a seu problema. Não só o demandante apetite de Dmitri a tinha mantido acordada, mas também uma vez que ele se permitiu dormir, ela tinha flutuado em alguns sonhos realmente inquietantes.

Tinha sonhado que estavam de volta ao Mausoléu, só que desta vez dançavam juntos, completamente nus na lotada pista de baile. O sonho tinha sido tão verdadeiro que havia sentido a textura de sua pele contra a dela, a superfície fresca do chão de madeira sob seus pés.

Em seu sonho ele a rodeava e guiava, tal como o fazia na vida real. Balançaram-se a um ritmo lento, hipnótico, enquanto as pessoas ao redor deles seguiam um ritmo de música frenética que ela não podia ouvir. Não faziam caso de outros, totalmente envolvidos um no outro enquanto dançavam. Mas o baile tinha mudado, e do modo metamórfico dos sonhos, no instante seguinte ele tinha estado pressionando-se dentro dela.

Fizeram amor ali na pista de baile. Ela sentira que as mãos de Misha se deslizavam para baixo pela curva de seu traseiro e a levantava, e ela tinha abrigado as pernas ao redor de sua cintura e descido para o pênis que a esperava.

Ninguém no sonho prestou alguma atenção enquanto Reggie e Dmitri faziam amor no meio da pista. Os clientes do clube se formaram redemoinhos ao redor do casal, em muito calor e cor, mas tudo em Reggie tinha sido capaz de concentrar-se nos profundos e negros olhos de Misha. Ele era cuidadoso enquanto empurrava dentro e fora dela, até que se havia sentido enjoada e quente, e tremia à beira do orgasmo. Em seu sonho, tinha seguido olhando-o fixamente até que ele abriu a boca, e ela pôde ver seus dentes caninos alargar-se e afiar-se até que se converteram em presas. Quando ele baixou sua cabeça e afundou os dentes em sua garganta, a dor quente e penetrante a tinha levado a borda, e se tinha deslocado, sua vagina bebendo gulosamente seu sêmen enquanto a boca dele consumia com fome o sangue dela.

O sonho se desvaneceu lentamente, da mesma maneira que o orgasmo, mas as imagens ficaram com ela toda a noite. Inclusive depois de despertar, ainda podia sentir sua boca sugando em sua garganta e seus dentes sustentando-a no lugar enquanto ele se alimentava.

Isto é o que conseguia indo a clubes Góticos e fantasiando com vampiros, repreendeu-se, dirigindo-se à cozinha a fazer o café da manhã. Um psiquiatra provavelmente adoraria uma transcrição desse sonho, mas Reggie o tinha sonhado na última hora a noite anterior, esgotada pelo sexo e a tensão persistente de sua confrontação com a Ava. Aparentemente seu inconsciente pensava que poderia haver algo de verdade na acusação de sua amiga, de que o controle de Dmitri sobre ela podia ser pouco saudável além de só incrível.

Ela colocou uma fatia de pão na torradeira e estava medindo o café quando alguém golpeou energicamente na porta principal. Franzindo o cenho, pôs a cestinha de destilação automática em seu lugar, apertou o botão e cruzou para a porta. Verificando pelo olho mágico, suspirou e apoiou sua testa contra a fresca madeira. A Inquisição tinha chegado.

Abriu a porta e se afastou para deixar passar a suas amigas à sala de estar. Ela ia já de caminho ao dormitório antes que a porta se fechasse detrás delas.

— O café se está fazendo, e há donuts no congelador. Já que vou ao terceiro grau¹⁵, maldita seja se for fazê-lo nua.

— Mas aposto que terminou nua ontem à noite! — A brincadeira de Danice e o som de risadas a seguiram todo o caminho pelo corredor.

Quando saiu novamente do dormitório, ainda com os pés descalços, mas agora vestia jeans e um Top tecido de cor vermelha, seu apartamento cheirava como uma loja de comestíveis preparados da maneira judia e soava como uma revisão Chippendale.

Suas amigas tinham rejeitado a diminuta cozinha e tinham posto o café, a fruta e as torradas na mesa de centro. Alguém tinha desenterrado a manteiga, o queijo cremoso e dois sabores de geléia, e Missy estava colocando uma frigideira cheia de ovos mexidos, quando levantou o olhar e viu Reggie.

— Alguém parece bem exercitada — Ela sorriu abertamente.

Corinne colocou uma porção de ovos em um prato, acrescentou a metade do pão que Reggie tinha torrado e a serviu.

— Sente-se. Coma. Converse.

— Com a boca cheia?

— Não se faça de espertinha conosco, senhorita Thang — advertiu Danice. — Tem uma história para nos contar e não partiremos até que a ouçamos.

Reggie não estava segura de querer falar de Dmitri naquele momento. Soltando um suspiro teatral, sentou-se em uma poltrona e equilibrou o prato em seu regaço.

— Era uma vez...

Ela se moveu pouco antes que uma fatia de laranja lhe golpeasse a frente.

— Tente outra vez, Reg. E desta vez salta diretamente à parte do sexo quente.

A ordem de Corinne derrotou a estratégia de sabichão, mas Reggie não queria compartilhar os detalhes das duas noites anteriores com suas amigas, sobretudo não com Ava. Não importando quão próximas estivessem, não podia sentir-se cômoda pintando um quadro das experiências mais eróticas de sua vida.

¹⁵ “third degree” originalmente, em interrogações policiais significava tortura, logo passou a denominar uma dura e intensa interrogação, para obter informação ou uma confissão. O termo “Terceiro Grau” faz uma irônica referência ao ritual Franco-maçom à prova que se realiza para converter-se em Professor Maçom.

E ainda não queria abrir a discussão com Ava sobre suas ações a respeito de Dmitri. Em vez de lhes responder, encolheu os ombros e moveu os ovos ao redor do prato.

— É mais ou menos isso. Tivemos sexo quente. Ele foi para casa.

Um coro de gemidos e queixas ressonou pelo apartamento.

— Um pouco menos que um conto para despertar — Ava se apoiou contra o braço de sua cadeira, diretamente de frente a Reggie, e tomou uma taça de café com suas mãos de manicura.

— Falamos a respeito de ver você e seu Dmitri juntos, dois dias depois. Acredito que procurávamos um pouco mais de detalhes sobre sua... relação, Regina, nomes carinhosos, posições, dimensões.

— Duas noites do sexo assombroso é igual a uma relação?

As demais riram, e Reggie se ruborizou tão vermelha como sua blusa, mas ainda mantinha um respeitável e convincente cenho franzido.

— Se quiserem detalhes, chamem um número noventa e nove.

— Por que deveríamos fazê-lo quando a temos aqui mesmo? Grátis, mais barato que cinco com noventa e nove o minuto.

— Mas não estou aqui para satisfazer seus interesses lascivos.

— É obvio que está — Ava bebeu a sorvos seu café e observou Reggie por cima da borda. Seu olhar fixo se fechou no pescoço de Reggie, e seus olhos se estreitaram. — O que é há em seu pescoço, Regina?

— O que é o que?

A mão de Reggie foi reflexivamente ao ponto que capturava o interesse de Ava, mas não sentiu nada.

— Bem, isso é o que chamo de prova — Danice queria ver e saltou para tirar a mão de Reggie. Contemplou o pescoço de sua amiga tanto tempo e tão atentamente que Corinne riu.

— O que está procurando?

— Sinais de presas — respondeu Danice, sorrindo abertamente. — Queria ver se Reggie talvez conseguiu um vampiro de verdade.

Reggie se ruborizou quando recordou de seu sonho.

— Não incomode — resmungou, afastando a sua amiga.

— Parece-me uma variedade de jardim de dentadas amorosas — disse Missy. — Não exatamente sofisticado, mas estou segura que isto lhe acrescentou algo ao momento. Certo, Reg?

Reggie se moveu incomodamente e pôs a mão com força sobre a contusão. Tinha notado a marca ontem pela manhã enquanto se vestia, o que era estranho, porque não podia recordar o momento em que Dmitri a tinha marcado. Ainda tinha que lhe dizer que parasse com essa atuação de vampiro, sobretudo depois de seu sonho.

— Bom, por isso fomos lá, não é verdade? Supunha-se que eu conseguiria minha Fantasia com um tipo vampiro. Parece que o fiz. Quem é a próxima?

— Não tão rápido, Reg — disse Danice, levantando uma sobrancelha e cruzando seus braços sobre seu peito. — Não se tirará isto tão facilmente. Parte da Fantasia era compartilhar as notícias com suas amigas, e proporcionar uma completa avaliação. Ainda queremos detalhes.

— Não acredito que Reg tenha que nos dizer algo que não quer — interrompeu Ava. Surpreendeu a Reggie por sua defesa, mas nesse ponto, Reggie teria se alegrado de receber ajuda do Genghis Khan e as hordas Mongóis.

— Obrigado, A...

— Porque não acredito que a aventura de Reggie conte como sua fantasia. Ainda tem que preocupar-se disso.

Reggie ficou pálida.

— O que? Mas não pode me inventar outra Fantasia. Quero dizer, eu já tenho minha Fantasia. Quero dizer, Dmitri era...

— Não era parte do jogo — declarou Ava. — Eu tinha a alguém que se ocuparia de suas duas fantasias, Regina, mas não ficou o suficiente para encontrá-lo. Portanto, perdeu sua Fantasia.

— Não perdi nada! Dmitri e eu...

— Não me importa se seu novo amigo levava posta uma capa negra, presas plásticas e te fez chamá-lo "amo". Ele não era sua Fantasia, então não conta.

A camisa de Reggie empalideceu ao lado de suas bochechas ardentes.

— OH, Meu Deus! Ele o fez! — Danice ficou de pé e fez um pouco do baile da vitória frente do sofá. — O homem de Reggie realizou todas suas fantasias, e nem sequer nos envolvemos. Isso, moça!

Seu apetite se foi; Reggie deixou seu prato na mesa e observou a sala para ver se havia espaço para esconder-se.

— Uau, Reg! É tão perfeito! Nenhuma de nós foi capaz de conseguir nossas fantasias sem um pouco de ajuda. E você vai e nos faz voar da água — Missy sorriu abertamente e lhe fez um sinal com os polegares. — Suponho que não necessitará nossa ajuda depois de tudo.

— Não nos precipitemos, Melissa — Ava pôs sua taça vazia a um lado. — Reggie pode ter obtido que um par de suas fantasias se realizassem, mas isso não era um Fantasia oficial. Todas tivemos encontros fora de nossa Fantasia, e não importa o que acontecesse a elas. São só as Fantasias organizadas que contam. Depois de tudo, não podemos comprová-lo com Dmitri, e como podemos saber que Reggie não mente sobre o S&M só para nos tirar de cima?

Reggie viu as demais levarem Ava a sério e tratou de cortar o assunto, mas a outra mulher se lançou diretamente sobre ela.

— Não direi que é impossível que Reggie pudesse dizer a verdade — seguiu Ava —, mas não temos nenhum modo de sabê-lo de maneira certa. Então, digo que desprezemos estas fantasias e comecemos desde o começo. Reggie obterá uma nova Fantasia.

Reggie a contemplou, assombrada e aterrorizada.

— OH, não!

— Sabe, Ava poderia ter razão — concordou Danice, sorrindo abertamente. — Deve ser seu dia de sorte, moça, porque está acima outra vez.

— De acordo. Não pode perder outra chance — disse Corinne.

— Olhem, garotas — começou Reggie, tentando raciocinar com elas, enquanto a idéia de sexo com qualquer homem além de Dmitri fazia com que seu estômago se revolvesse. — Apreço o que tratam de fazer aqui, mas realmente não é necessário. Dmitri...

— Dmitri o que? — perguntou Ava, sua voz suave, mas longe de ser gentil.

— Disse que Dmitri não te controlava, Regina. Era verdade?

— Sim, mas estou... envolvida com ele. Não posso fazer isto. Ava, você mesma o disse a semana passada. Sou monógama. Agora que estou envolta, não posso dormir com alguém mais.

Ava parecia determinada.

— Duas transa não significam que esteja envolvida, Reggie. Não me importa quão bom esse tipo seja na cama. A menos que terminasse sua entrevista em Las Vegas frente de um juiz de paz, não está exclusivamente envolvida. Nem sequer disse quando o verá outra vez.

Reggie franziu o cenho. Por uma parte ela queria golpear a Ava, mas havia um brilho de inquietação dentro dela que a fazia perguntar-se se acaso sua amiga tinha razão. Talvez deixasse Dmitri controlá-la. Talvez devesse ter um golpe de independência enquanto ainda pudesse.

Tentou ignorar o modo com que suas vísceras se retorciam frente à idéia.

— Bom — cuspiu. — Dêem um pouco de papel, e lhes darei uma nova fornada de fantasias.

— OH, não — Os olhos de Ava cintilaram. — Depois da vez passada, não confio em você. Fiz com que Missy trouxesse suas fantasias originais. Tiraremos alguma dali.

Reggie contemplou os papéis na mão de Ava durante um minuto, logo jogou uma olhada a suas amigas. Olharam-na com espera.

— Ainda penso...

— Não pense, Regina. Só sente-se ali e seja uma garota boa enquanto lhe encontramos uma Fantasia.

Reggie deixou cair sua cabeça contra o respaldo, e apertou os olhos com força. Depois de Dmitri, não estava segura de que alguma de suas velhas fantasias funcionasse. Sentia-se como se ele as tivesse realizado todas.

"Deus, pareço uma viciada" pensou, assustada de quão profundamente Dmitri a afetava. "Acredito que realmente poderia ter que fazer isto. Nunca agi desta maneira por um homem em minha vida. E realmente nem sequer o conheço..."

— OH, OH, mas é uma garota aventureira, Regina McNeill — Reggie ouviu a satisfação da voz de Ava e decidiu que não queria saber o que tinham elegido.

— Estou segura de que um afortunado homem que conheço vai amar a noite que passarem juntos. De fato, acredito que vocês dois poderiam ver a ópera sob uma nova luz.

A lembrança dessa fantasia alagou sua mente com imagens eróticas, e Reggie sepultou seu rosto entre as mãos com um gemido. Cada uma das imagens em sua cabeça pintava Dmitri como esse homem afortunado. Que pena que pudesse representar a fantasia com alguém mais.

Capítulo Onze

Pela primeira vez em sua vida, Reggie experimentou a manhã da segunda-feira com uma sensação de profunda gratidão e alívio. Mal podia esperar para chegar a seu escritório e descobrir o dilúvio de papelada e crise que a esperavam. Ao menos talvez então fosse capaz de pensar em outra coisa que não Dmitri e essa estúpida Fantasia Arrumada.

Resultou não ser assim. OH, teve um dia atroz. Na pequena agência publicitária onde trabalhava, na sexta-feira se tinha divulgado que tinham conseguido uma importante conta nova com um varejista de eletrônica no auge, e na segunda-feira pela manhã, Reggie se inteirou que ela tinha sido atribuída para dirigir seu primeiro projeto e armar um logotipo e uma imagem corporativa novas. A equipe de vendas e administração estava eufórica com o êxito, e o departamento de arte se cambaleava ante a impossível data limite nova. Isso deixava a Reggie para alisar todas as plumas agitadas e obter um milagre de sua equipe de desenho.

Mas mesmo enquanto atendia e devolvia chamadas telefônicas, revisava notas de reuniões, escrevia correios eletrônicos e convencia a um grafista temperamental para que não renunciasse no ato, sua mente seguia desviando-se para Dmitri. Sentia-se quase como um novo viciado que acabava de descobrir seu vício e não podia tirar a lembrança desta de sua mente. Só que, no caso de Reggie, as lembranças também estavam em sua boca, em sua pele e abatendo-se no ar ao redor dela.

Pouco tinha dormido ontem à noite, muito envolta no descobrimento de que o aroma de Dmitri tinha permanecido em sua cama. Ela se envolveu nos lençóis que tinham sua distintiva e embriagadora fragrância, e se abraçou ao travesseiro em que ele se deitou. Sua vagina tinha palpitado e doído, e se sentira vazia depois de duas noites de excesso erótico, mas não se quis arriscar a que Dmitri a visse enquanto ela gozava outra vez. Tivera que entrecruzar seus dedos ao redor do travesseiro que sustentava para lhes impedir de extraviar-se entre suas pernas.

Em qualquer outra situação, estaria envergonhada por sua obsessão, mas não tinha sido capaz de evitá-lo. Havia sentido que ficaria louca se não pudesse ter ao menos o aroma e a lembrança dele para envolvê-la. Adormecera com o eco das mãos dele acariciando sua pele.

E tinha despertado aterrorizada.

Nunca em sua vida se comportou assim com um homem. Inclusive em suas poucas e faltadas relações, tinha visto seus amantes como companheiros, como homens com os quais compartilharia sua vida. Eles a complementavam, mas havia sentido completa sem eles. Com Dmitri, sua ausência em sua vida, inclusive por uma noite, tinha sido o inferno. Sentira saudades dele como um membro amputado, com a mesma dor e incredulidade e a fantasmagórica sensação de sua presença. Necessitava-o, e a idéia a assustava muito.

— Olá! Terra chamando a Regina.

Reggie voltou de repente para a realidade com um audível “pop” e girou para a voz de Sherry, enquanto a outra mulher tratava de chamar sua atenção.

— Perdão, Sher. O que acontece?

A assistente administrativa, que Reggie compartilhava com os outros dois Chefes de Projeto, girou os olhos.

— Espero que tenha tido umas férias mentais agradáveis, porque Banks diz que precisa ver as notas do relatório anual de Entretenimento Alienígena faz cinco minutos.

Reggie suspirou, empurrou sua cadeira para o arquivo metálico ao lado de seu escritório e tirou a pasta apropriada. Charles Banks sempre queria algo faz cinco minutos, mas dado que ele era o dono da agência, supôs que poderia agradá-lo.

— Aqui. — Deu a grossa pasta para Sherry. — Diga-lhe que a fotografia está no laboratório neste momento. Mike prometeu que a teríamos para as três.

— Genial. Obrigado. — Sherry girou para partir, recordou algo e fez uma pausa na entrada. — Ah, quase esqueci. Tem uma chamada na linha quatro. Um homem.

— O que ele quer? — A última coisa que Reggie precisava tratar era um artista desconhecido que apregoava seus talentos.

— Perguntei, mas disse que era um assunto pessoal.

Dmitri.

Durante um fabuloso instante, a idéia fez com que seu coração se acelerasse e que seu estômago saltasse. Logo a realidade se instalou, e compreendeu que ele não tinha maneira de saber onde trabalhava ela e, portanto, não tinha maneira de conseguir seu número. Dando à desilusão e ao alívio a possibilidade de desacelerar seu pulso, respirou fundo e preparou seu habitual discurso de “nos envie uma amostra e o chamaremos”.

— Olá? Fala Regina.

— Olá, Regina. Fala Marc Abrahms. Ava Markham me deu seu número.

"OH Deus, ele deve ser o Acerto."

— Ah. Hum, olá.

— Escute, sei que estas no trabalho, assim não te atrapalharei — disse ele. Bem, ao menos ganhou alguns pontos por maneiras. — Mas Ava mencionou que é fanática por ópera, e pude conseguir um camarote privado para o Turandot na quinta-feira de noite. Espero que possa me acompanhar.

"Te acompanhar; Transar. Para que discutir sobre semântica?" Ao menos estava sendo delicado sobretudo o assunto, mesmo se isso não impedisse que a cara de Reggie se voltasse de uma peculiar cor magenta escura. Ele poderia ter ido direto ao ponto e perguntar quantas camisinhas trazer.

— Hum, bem...

— Ava me falou muito de você — ofereceu ele com sua agradável e suave voz. *"Sim, como o fato de que sou uma conquista garantida"*. — Realmente tenho vontade de te conhecer em pessoa.

"Claro que sim". Seu comentário só fez com que se ruborizasse mais, mas realmente não havia uma maneira cortês de sair da situação. Agarrando com mais força o receptor, Reggie respirou fundo e disse.

— Claro. Na quinta-feira me parece bom.

— Grandioso. — Ele realmente parecia feliz de que ela aceitasse. Depois do que Ava deve lhe teria dito, acreditava que eu tinha opção? — Se nos encontrarmos com antecedência, as seis, podemos jantar antes do espetáculo. Parece-te bem?

Reggie assentiu com a cabeça, deu-se conta que ele não podia vê-la, e se apressou a tranquilizá-lo.

— É perfeito. Espero ansiosamente.

"Como a uma endodontia".

— Eu também. Foi agradável falar contigo, Regina. Cuide-se.

Reggie pendurou o telefone com um nó do tamanho do Brooklyn retorcendo-se em seu estômago.

Não queria passar a noite da quinta-feira com um estranho, mas precisava exercer sua independência, para demonstrar a si mesma que não precisava de Dmitri, sem importar como sua mente, coração e corpo gritavam por ele.

Não estava totalmente segura de poder obrigar-se a representar a fantasia da ópera com esse tal Marc. De fato, quanto mais pensava nisso, mais incômoda a idéia a deixava. Sua pele quase se encolheu, e o cabelo da nuca arrepiou-se. Se não soubesse que seu escritório era privado e estava vazio exceto por ela, teria olhado ao redor para ver se a estavam observando, de tão forte que era sua inquietação.

Movendo-se em sua cadeira, suprimiu o impulso de olhar por sobre seu ombro e com clareza escreveu o encontro com o Marc em seu calendário de escritório. Como se fosse possível que o esquecesse.

Esperou que seu desconforto se aliviasse, mas pelo contrário, anotar o encontro só fazia que seu ilógico sentido do presságio piorasse. Raciocinar consigo mesma não parecia ajudar, já que nem sequer sua mente consciente podia afastar completamente a idéia de que ver qualquer outro homem que não fosse Dmitri contava como alguma classe de traição, como se estivesse enganando-o.

— OH! Não seja ridícula — murmurou para si mesma, atirando seu lápis e alcançando a pilha de provas publicitárias que tinha que examinar. — Não prometi ao Dmitri uma maldita coisa, e ele nem sequer teve a decência de ligar depois de desaparecer outra vez no meio da noite. Isto não é enganar. Seja racional, Reg.

Mas não havia nada racional sobre o sentimento que lhe dizia que, embora seu discurso podia ser lógico, era também muito, muito incorreto.

* * *

O sabor dela o obcecava. Se pudesse ter sonhado com isso, o teria feito, mas em troca evitou o sonho tanto como fora possível a fim de conservar seu sabor em sua língua. Dmitri sabia que nunca se cansaria dela.

Teve que se obrigar a sair de sua cama na segunda noite; sua cabeça lhe dava voltas e seu pênis doía. Ela o intoxicava, e ele sabia que nunca seria capaz de deixá-la ir. Regina era sua companheira, a única mulher com a que poderia passar uma eternidade e nunca aborrecer-se.

O conhecimento o assombrou e ressonou através dele quando se deslizou para seu descanso justo antes do alvorecer. Ela ocupou seus últimos pensamentos até que dormiu, e sua imagem apareceu no instante em que se abriu caminho para a consciência. Sua Regina. Sua mulher. Sua companheira.

Pensou nela quando deixou sua cama e baixou a seu escritório.

Não ir para ela imediatamente se fez um exercício de disciplina. Suas presas e seu pênis se estiraram e endureceram com apenas pensar nela, mas tinha passado a maior parte do fim de semana entre seus braços, e até os vampiros tinham trabalho para fazer. Além disso, se esvaziasse seu escritório esta noite, Regina teria tempo para recuperar-se de suas demandas das duas noites passadas e logo estaria descansada e pronta para ele outra vez.

Localizando-se detrás de seu escritório, registrou-se no computador e começou a trabalhar.

No transcurso de sua longa vida, tinha desenvolvido um talento para assuntos financeiros, e com pouco mais para ocupá-lo durante os anos, começou a ver os negócios como um jogo. Como o xadrez, tudo se reduzia à estratégia e a batalha, dois conceitos com os quais Dmitri se sentia muito cômodo. Ele substituiu corporações e fusões para objetos e

cheques e fazia que tudo circulasse segundo seus planos e seus caprichos. Tinha-o feito um homem extremamente rico.

Esta noite usava os negócios como distração. Impedia-lhe de meter-se outra vez na mente de Regina, um hábito que sabia que ela odiava, mas que lhe dava tanto prazer. Adorava escutar seus pensamentos, apreciava seu senso agudo de humor e o entristecedor sentido da honra e amor subjacente em tudo sobre ela.

Ela o fascinava.

Antes de poder afundar-se completamente em seus pensamentos sobre ela, seu telefone soou.

— Vidame — respondeu automaticamente.

— Assim, não terminou respirando madeira este fim de semana. Começava a me perguntar isso

— Que amável de sua parte preocupar-se. Estou seguro que por isso chamou.

Graham riu.

— Bom, realmente queria perguntar se seu sanduíche era tão saboroso como se via, mas de algum jeito não acredito que me vai dizer isso.

— Os Lupinos são famosos por seus agudos instintos...

— Isso é o que pensei — o homem lobo riu entre dentes. — Assumo que passou a noite passada com sua pequena hors d'oeuvres, já que não te vi no clube.

Graham possuía um clube privado no Upper East Side de Nova Iorque, chamado Vircolac. Dmitri tinha sido membro por mais tempo do que Graham estava vivo, mas claro, o clube tinha sido baseado no século dezoito. Graham o tinha adquirido à antiga. Tinha-o herdado.

— Por que persiste em se referir aos humanos como opções do menu? — perguntou Dmitri, ignorando a pergunta tácita de seu amigo. — É um pouco horripilante.

— Horripilante? Você é o que os usa como alimento, e me chama de horripilante?

— E você os usa como entretenimento. Isso significa que eu deveria me referir a eles como bolas de tênis quando falo contigo? Ou prefere Frisbees?

— Touché. Claramente sua amiga te impressionou.

— Ela é minha companheira.

Silêncio.

— Disse isso a alguém? — Graham soava cauteloso e ligeiramente aturdido.

— Não. Não houve tempo.

— Sim, dou-me conta. — Fez uma pausa outra vez, e Dmitri pôde ouvir quando o pensamento lhe ocorreu.

— Disse a ela?

Dmitri riu.

— Surpreende-me que te ocorresse perguntar.

— Bom, os humanos tendem a ter... reações interessantes a todo o assunto dos vampiros, sem mencionar uma oferta de matrimônio de um. A maioria deles não sabe nada sobre os de seu tipo. Como ela encarou isso?

Desta vez Dmitri fez uma pausa.

— Ainda não sei.

— Então não lhe contou. O que significa que tampouco a converteu.

— Não. E não o farei a menos que ela o peça.

— Bom, se você diz — O ceticismo envolvia a voz do homem lobo. — Posso comprar um ingresso para estar lá quando lhe dê a primícia?

— Sabichão. Deveria tomar cuidado comigo, ou terei que soltar a suas amigas sobre você.

Graham se burlou.

— O que? Essas repugnantes mulheres humanas me darão uma patada nas acnes ou algo assim?

Dmitri sorriu abertamente e contou a seu amigo a história da Fantasia Arrumada. A informação que tinha extraído da mente de Regina ainda conseguia assombrá-lo. Nunca tinha conhecido humanas com uma imaginação tão fértil. Descreveu a natureza básica do clube, como ele e Regina se conheceram, e fez uma pausa para esperar a reação do Graham.

— Uau. Suas amigas parecem... divertidas. Se eu encontrasse a uma fêmea humana tão aventureira, poderia romper minha regra sobre sair com elas.

O sorriso de Dmitri se tornou malvado.

— Poderia te arrumar uma entrevista com uma delas.

— Morda a língua, sério. Estava brincando. Não me deito com humanas.

Mas Dmitri sim. Na noite anterior se deitou várias vezes com uma humana extremamente intrigante, e mal podia controlar sua impaciência por fazê-lo outra vez.

Depois de pendurar o telefone, obrigou a sua mente a concentrar-se no trabalho e rapidamente descobriu os resultados de sua falta de atenção no último par de dias. Qualquer homem que comandasse um império tão grande como o de Vidame Internacional não podia permitir-se tirar férias inesperadas. Tinha muito que fazer se ia ficar à corrente.

Trabalhou toda a noite e até entrada a manhã. Fez uma pausa umas vezes para esticar-se, mas não se incomodou em comer. O sangue que tinha tirado de Regina na noite anterior o sustentaram por mais tempo que qualquer outra que tivesse provado, e ele saboreou a prova adicional de que ela estava destinada a ser sua companheira. Ela poderia sustentá-lo indefinidamente, alimentando-o tanto em corpo como em alma.

Embora sua energia decaísse umas horas depois da alvorada, o momento em que normalmente estaria perdendo-se no sonho, trabalhou até que tivesse completado todos seus assuntos urgentes. Até fez planos adiantados, a fim de liberar mais tempo para passar com Regina. Finalmente, justo antes do meio-dia, deixou a um lado o último de sua correspondência, cedeu à tentação, e se conectou com ela.

Desta vez manteve seu toque ligeiro, sabendo que sua intrusão a tinha zangado no outro dia. Deslizou-se na beira de sua mente, mantendo sua presença velada dela enquanto ele simplesmente se recostava e saboreava o contato. Ao menos até que descobrisse o que ela tinha estado fazendo essa manhã.

Com precisão desumana, Dmitri tomou a borda de sua memória e examinou a conversação com suas amigas, assim como a chamada telefônica que tinha atendido em seu escritório só uma hora antes. Quando descobriu o resultado daquelas conversações, sua expressão se endureceu, e se retirou de sua mente, tomando um último pedaço de informação com ele quando se foi.

Regina tinha aceitado um encontro com outro homem.

Vou matá-lo, decidiu. Vou matá-lo enquanto ela olha, e logo lançarei seu corpo aos chacais e a encerrarei com chave na torre do castelo que comprarei em uma ilha remota no Mar do Norte, e a foderei até que entenda as consequências de sair com outros homens.

E quanto à Sra. Markham, refletiu em tom grave. Ela é uma mulher que necessita que lhe ensinem a meter-se em seus próprios assuntos.

* * *

Na segunda-feira era um dia muito bom para Ava. Tinha roubado uma modelo nova e muito sexy de um de seus competidores e a tinha feito assinar com sua agência. Tinha negociado um trato multimilionário com um perfumista notoriamente miserável para que seus modelos fossem as representantes exclusivas de sua nova campanha publicitária, e Marc Abrahms tinha contado que Reggie aceitara ter um encontro com ele.

Também tinha averiguado algumas coisas muito interessantes sobre o novo amigo de Regina. Como o fato de que Dmitri Vidame possuía uma corporação bilionária chamada Vidame Internacional que monopolizava muitíssimas seções. Ou que Vidame não tinha família, embora seus antepassados supostamente tivessem vivido em Nova Iorque desde princípios do século dezoito. Cada pequena coisa que averiguava a fazia suspeitar mais sobre o homem, e estava decidida a descobrir todos seus segredos antes que pudesse machucar a sua amiga.

Em conjunto, quando Ava se aconchegou sob seu edredom pouco depois de meia-noite, sentia-se notavelmente satisfeita.

Dmitri quase lamentava romper suas pequenas e felizes ilusões, mas ela se colocara em assuntos que não eram de sua incumbência. Tinha que aprender a lição, e seria ele quem lhe ensinaria.

Esperou com paciência até que ela ficasse adormecida — o que não tomou muito tempo depois de sua jornada trabalhista de quatorze horas — e se deslizou casualmente em seu subconsciente.

Em outra época, sua mente o teria fascinado. Ele tinha observado no bar a outra noite que Ava se parecia mais às mulheres com as que se implicou no passado. Agora, podia ver a verdade disto tão mental como fisicamente. A amiga de Regina possuía uma mente brilhante e criativa, e a determinação de ferro de um ditador militar. Nunca ninguém tinha conseguido desenterrar tanta informação sobre ele em um período tão curto de tempo. Sua perspicácia impressionou inclusive a ele, e fez uma nota mental para incluir sua agência entre seus investimentos.

Ainda assim, enquanto revisava sua mente, a sensação desconhecida dela só aprofundou sua fome pela Regina. Esta mulher, por mais complexa e formosa que fosse, deixava-o frio, enquanto que Regina o prendia fogo.

Ele se apressou com sua tarefa, ansioso por terminar para poder enfocar sua atenção outra vez em sua nova companheira, que ainda exigiria uma boa quantidade de habilidade e delicadeza antes que se acostumasse à idéia de ser dele.

Quando se retirou dos pensamentos de Ava trinta minutos mais tarde, estava esgotado. Manipular a mente da mulher tinha requerido mais esforço do que tinha antecipado, e temeu não ter sido tão cuidadoso como queria, mas tinha preparado bem o terreno. As suspeitas de Ava Markham sobre ele tinham sido relegadas, e ela se perceberia que suas preocupações comerciais tinham prioridade sobre todo o resto em sua vida, ao menos durante os próximos

dias. Calculou que isso deveria lhe dar bastante tempo para assegurar as coisas com Regina, e uma vez que ela admitisse sua conexão com ele, sabia que nem sequer Ava poderia interpor-se entre eles. E só para estar seguro de que ela se mantinha afastada até que ele domasse a Reggie, faria com que Graham e sua manada a vigiassem. Os homens lobo faziam uma excelente vigilância.

Ele saiu do apartamento tão silenciosamente como tinha entrado. Esperava agora poder ficar fora de todas exceto de uma mente, porque tinha que conservar sua força para a noite da quinta-feira, quando o encontro de Regina se desviaria ligeiramente do que ela esperava.

Tirando seu telefone celular do bolso de seu casaco, fez os acertos.

* * *

Retorciam-se juntas no tapete persa, brilhos de pele como nata e cacau na luz vacilante. Uma cascata de cachos pálidos e loiros acariciavam um mamilo da cor das trufas de framboesa. Uma mão, magra e escura, deslizava-se entre coxas pálidas e sedosas e desaparecia na atraente e úmida caverna que ocultavam.

Natalie gemeu, sua boca cheia com um mamilo escuro e apertado, e estendeu as mãos até roçar seus magros dedos sobre os lábios franzidos de seu amante. Simone abriu a boca, introduziu os dedos profundamente e chupou, cantarolando seu prazer.

Com sua mão livre, Natalie estendeu a mão, percorreu através dos suaves e às vezes áspero tecido da manta até que seus dedos se fecharam ao redor de uma fresca coluna de cristal sinuosamente curva. Sua boca se torceu em um sorriso malvado, retrocedendo para o mamilo da Simone até lavar o franzido bico com a ponta de sua língua. Tirando seus dedos da boca de seu amante, ela se colocou ao lado da outra mulher de modo que seus quadris pudessem balançar-se contra os dedos da Simone que a fodia enquanto ela tinha acesso livre a vagina de sua amiga.

Raspando seus dentes ao redor de um escuro mamilo, apanhou o outro entre seu dedo indicador e o polegar e brandamente apertou enquanto empurrava o consolador de cristal entre as coxas da Simone.

Simone tremeu ao sentir a pressão do cristal frio e acetinado contra sua acalorada vagina. Gemendo, introduziu dois dedos no gotejando centro de Natalie e um momento depois a estirou com três. Girou seu pulso, colocando sua mão com mais profundidade, justo quando ela levantava seus próprios quadris em busca de uma maior sensação.

Grunhindo baixo, Natalie fechou seus dentes com mais força ao redor do mamilo da Simone e aumentou a pressão de seus dedos. Deslizou o consolador daqui para lá pela fenda de sua amante, sua umidade crescente e deslizando-se através da Lisa superfície do cristal. O brinquedo se esquentou lentamente, absorvendo o calor do corpo da mulher quando Natalie o rodeou ao redor do embelezado clitóris e o moveu contra o bordo da tremente vagina. Sua expressão revelou seu grau de excitação, quanto desfrutava jogando com a carne feminina e sensível com suas mãos e boca.

Os quadris da Simone se elevaram.

—OH, Natalie! —gemeu, sua cabeça golpeando-se contra o tapete. — Ma cheriè, baisse-moi! Foda-me! Por favor!

Natalie riu entre dentes e suavizou seu toque, correndo o suave cristal sobre a torcida vulva da Simone, evitando deliberadamente seu clitóris e sua demandante vagina.

— Cadela! — vaiou Simone e enroscou seu corpo em um movimento ágil e rápido obtendo que seu mamilo saísse da boca da outra mulher e sua mão livre sujeitasse o montículo da Natalie. Ela deslizou dois dedos profundamente, agarrando o clitóris da loira entre eles e fazendo como que cortava até que Natalie gemeu. Simone grunhiu de satisfação e fodeu o dedo da outra mulher com impulsos fortes e rápidos, seus dedos curvados para esfregar o ponto G com cada movimento.

Sua cabeça caiu sobre seus ombros, e Natalie empurrou o vibrador, sepultando-o profundamente na gotejante vagina da Simone. Seus joelhos se torceram, e caiu ao chão ao lado da outra mulher. Seus corpos se enredavam juntos, as pernas entrelaçadas, mãos acomodando-se entre coxas úmidas de suor. Gozaram juntas, seus lábios unidos, suas línguas empurrando, beijando-se até que puderam haver-se devorado a uma à outra. Gemidos e gemidos saíam de suas gargantas e enchiam o quarto com os sons ásperos e desesperados para o sexo.

Todo esse tempo, Graham imaginava que tinha que ajudar. Duas das mulheres mais formosas que tinha visto nunca se retorciam nuas e quentes no chão a frente dele, e tudo o que podia pensar era ir a casa por uma cerveja fria e uma sesta.

Era simplesmente lamentável.

Recostou-se em uma cadeira frente do fogo no salão de Natalie, observando a duas mulheres espantosas foderem-se loucamente uma à outra, e seu pênis apenas se animou. Qualquer homem que se aborrece com isso deveria ir a terapia.

Quando seu telefone celular soou, apenas audível por cima dos úmidos sons de sucção de vaginas pegajosas e os chiados do prazer feminino, estendeu a mão e o agarrou como uma corda de salvamento.

— Sim?

— Me alegro de te encontrar, bratok

— É o que tem feito, irmão — respondeu Graham. — O que se passa?

Uma voz feminina se elevou em um grito selvagem que viajou claramente através das ondas hertzianas. Dmitri fez uma pausa.

— Chamei em um mau momento?

Graham franziu o cenho e ficou de pé, caminhando nu para o outro lado do quarto e apoiou seu ombro contra o suporte da chaminé.

—Não, não há nenhum problema. O que acontece?

Dmitri aceitou a declaração facilmente.

— Necessito que me faça um favor.

Graham esperou que fosse um favor urgente, um que necessitasse imediata atenção.

— Tem-no. O que necessita?

— Necessito que arrume a seu grupo para que faça um pouco de vigilância para mim.

— Feito. A quem estacamos e por quê? E tenho que começar esta noite?

— É uma mulher, uma amiga de minha companheira. É algo problemática, e não me engole. Tenho que estar seguro de que ela fique fora de meu caminho até que arrume as coisas com a Regina.

Graham cruzou seus tornozelos e não fez caso do ritmo crescente de gemidos e maldições ao outro lado do quarto. Podia cheirar a fragrância mesclada das mulheres e o sexo, mas o ignorou.

— Então esse é o nome de sua maravilha. Começava a me perguntar se me iria dizer isso alguma vez.

Dmitri riu entre dentes.

— Permitirei inclusive que a conheça, uma vez que a tenha unido a mim — disse. — A condição de que mantenha suas mãos guardadas.

Graham girou os olhos. Se não estava interessado em foder a uma ou às duas deliciosas vampiresas que nesse momento gritavam seu mútuo clímax, duvidava que uma simples e pequena humana o lançasse a um frenesi luxurioso.

— Não acredito que tenha que se preocupar. Por que não me diz mais deste trabalho?

Dmitri lhe deu o nome da mulher, Ava Markham, e sua direção. Graham se sentiu agradecido de que Natalie e Simone tivessem terminado uma com a outra e houvesse um momento de silêncio. Ao menos agora podia ouvir. Não se incomodou em tomar notas porque recordaria cada detalhe. A maior parte das pessoas dizia que Graham tinha uma mente como uma armadilha de aço, mas ele preferia compará-la com um arquivo. Uma vez que aprendia uma informação, guardava-a em um lugar apropriado e quando a necessitava outra vez, sabia exatamente onde encontrá-la.

Escutou Dmitri lhe dar os detalhes e prestou pouca atenção quando Natalie se arrastou nua através do tapete e lhe ofereceu sua taça abandonada de brandy. Fez-lhe um gesto para que se afastasse sem olhá-la outra vez. Mais tarde, compreendeu que tinha sido seu maior engano. Ficou rígido, de mais modos que um, quando a loira ficou de joelhos frente dele e tomou seu pênis entre seus lábios carmesins.

Sua boca, suave, quente e molhada, fechou-se ao redor dele. Nem sequer o aborrecimento o impedia de endurecer-se ao sentir a constante e crescente sucção, mas não mostrou nenhuma outra reação. Sua respiração permaneceu profunda e estável, e sua voz não trocou enquanto falava da logística com seu amigo por telefone. Viu pela extremidade do olho quando a loira torcia um dedo para a Simone, e franziu o cenho por volta da segunda mulher quando esta se deslizou entre seu corpo e Natalie.

Não havia muito espaço ali, mas Simone o usou para tirar sua melhor vantagem. Ela se introduziu entre as pernas estendidas dele e abrigou suas pernas ao redor da cintura de Natalie. Então se inclinou para frente e se levantou em uma posição semi reclinada, para poder deslizar sua hábil língua úmida sobre a superfície de seu testículo.

Ele se esticou brevemente e franziu o cenho para Natalie, já que não podia ver a rosto da Simone.

Natalie tinha um brilho perverso em seus olhos e sua boca repleta com sua dura verga. Quando Simone abriu amplamente sua boca e sorveu brandamente um saco redondo, ele se endureceu completamente. Natalie cantarolou sua aprovação, e sua cabeça se moveu mais rápido de cima abaixo por sua longitude.

— Não é nenhum problema — assegurou ao Dmitri, agarrando um punhado do cabelo da Natalie e sustentando-a quieta com seu pênis metade dentro e metade para fora de sua talentosa boca. Não podia alcançar a Simone. Ela seguiu sorvendo seu testículo, alternando entre eles até que ambas as bolas se sentiram frescas e suaves com sua saliva.

— Quão perto deveria manter um olho sobre ela? Falamos de uma situação vinte e quatro-sete?

Graham escutou enquanto Dmitri lhe explicava, e Natalie retrocedeu, fazendo uma careta.

Ele a ignorou e estendeu suas pernas mais amplas quando Simone desenhou um hábil rastro detrás de suas bolas e moveu a língua contra seu períneo. Com os olhos estreitando-se de ciúmes, Natalie alcançou sua esquecida taça de conhaque e esquentou o licor fragrante entre as palmas de suas mãos. Logo pintou com o líquido ambarino sobre seu testículo e se inclinou para frente para prová-lo.

A língua rápida e rosada do Natalie bebeu a lambeduras o brandy de ao redor da base de seu pênis, enquanto Simone apanhava as destilações de seu escroto. Suas bocas se roçaram e as mulheres se encetaram em um beijo profundo e acalorado antes de girar sua atenção de volta ao homem entre elas. Seus braços se cruzaram nos quadris dele, Natalie estendendo suas mãos para massagear suas firmes nádegas enquanto Simone deslizava suas mãos para agarrar e chupar seu duro pênis.

— Não se preocupe — assegurou ao Dmitri, deslizando suas mãos de volta ao cabelo da Natalie, mas esta vez atraindo-a mais perto. — A vigiarei eu mesmo, e porei a alguém com ela para a alvorada.

Um pouco de palavras mais tarde, ele fechou seu celular e o pôs no suporte da chaminé, logo estendeu a mão para agarrar um punhado do cabelo de cada mulher, puxando-as para que ficassem de pé frente dele.

— Sabem, é muito grosseiro distrair a um homem quando está ao telefone — disse, percorrendo-as com seu olhar, detendo-se em seus mamilos endurecidos, inflamados e seus úmidos e machucados lábios.

Simone pôs seus braços ao redor de um de seus bíceps e pulsou a longitude de seu corpo nu contra o dele.

— E nos vais castigar por isso, cher?

Graham sacudiu sua cabeça.

— Desfrutaria muito.

Natalie riu, um som baixo, rouco, sexual, e se pressionou contra seu outro lado.

— Mas você também o faria, mon amour. O que podemos perder?

Graham sacudiu sua cabeça e deslizou uma mão entre as pernas de cada mulher, escorregando seus dedos profundamente nos dois exuberantes e jorrantes vaginas .

— Mas não estou de humor, Nat, não a menos que vocês duas queiram ir longe outra vez, simplesmente terão que viver com o que quero.

Natalie cantarolou e rodeou seu pênis com uma mão, seus dedos logo que apertados ao redor de seu contorno, enquanto Simone cavava suas bolas em sua palma e as massageava brandamente. A mulher mais escura se apoiou para frente e estalou sua língua contra seu plano mamilo.

Ele pensou nisso durante um momento, mas apesar da reflexiva excitação de seu corpo frente a sua deliberada estimulação, não se sentia particularmente inspirado. Quase podia sentir seu familiar aborrecimento espreitando no fundo, esperando a explorar.

— Quero que traga esse vibrador — disse, assinalando o brinquedo abandonado ao outro lado do quarto. — E você — continuou ele, girando-se para a Simone —, quero-te sobre suas mãos e joelhos aqui mesmo.

Ambas as mulheres se apressaram a obedecer, seus olhos, um par azul pálido e gelado, o outro um cacau rico, quente, cintilaram de luxúria.

Quando Natalie voltou com o consolador, ele tomou e o empurrou imediatamente entre suas pernas. O cristal se esfriou depois de que as mulheres tinham terminado com ele, e Natalie reagiu imediatamente ao frio, sua vagina apertando-se com força ao redor do cristal que a invadia enquanto amaldiçoava ao Graham.

Ele a cortou com o simples e oportuno método de cobrir sua boca da dele, e dado que sua língua encontrou a dele com impaciência, quase chupando suas papilas gustativas, ele sabia que ela estava longe de estar transtornada por suas ações. Ele comeu de sua boca, beliscando seus lábios e língua enquanto ela ofegava e se abria mais amplamente para ele. Ele empurrou o consolador mais acima e mais duro, e ela gemeu em sua boca.

Ele ouviu um gemido que ressonou de perto de seus pés e olhou para baixo. Simone se ajoelhava engatinhando ao lado dele, lambendo seus lábios, seus olhos obstinados a vagina chorosa do Natalie. Graham limpou um riacho de suco do interior coxa da loira e estendeu sua mão a Simone. Ela sorveu seus dedos e ronronou seu prazer.

Repentinamente, Graham se separou da Natalie e gesticulou ao chão ao lado da Simone.
— Deite-se — ordenou.

Ela obedeceu imediatamente, apertando suas coxas e caindo sobre seus joelhos para assegurar-se que não perder o consolador de caminho para baixo. Ela rodou sobre seu traseiro e se deitou, seus olhos pegos ao rompante pênis do Graham.

Simone estendeu a mão para tocar a vulva molhada da outra mulher, e Graham deu uma cotovelada a seu pé para conseguir sua atenção.

— Sente-se escarranchado sobre sua perna esquerda e pulsa seu joelho contra o consolador — a instruiu. — É seu trabalho te assegurar que não saia.

Natalie se estremeceu, seus olhos entreabertos quando Simone se colocou.

Graham tomou um momento para admirar a vista da coxa escura e redonda pressionando com força contra as coxas magras e brancas e a vagina loira e gotejante, antes de agarrar os quadris da Simone com suas mãos e colocar-se de joelhos detrás dela.

— Agora seja amável e assegure-se de não gozar antes que sua companheira o faça — grunhiu ele justo antes que inundar sua longitude inteira profundamente na vagina impaciente da Simone.

O impacto a assombrou e forçou seu joelho com força contra Natalie, e ambas as mulheres gritaram com o prazer selvagem. Graham grunhiu e se inclinou para frente, pressionando seu peso contra as costas da Simone e liberando seus quadris para poder agarrar um de seus seios pendentes em sua mão direita, sua outra mão estendendo-se para fechar-se ao redor do inchado mamilo da Natalie. Massageou bruscamente, mas com cuidado enquanto empurrava com força visível no coração choroso da Simone.

Sua vagina se apertou ao redor dele, quente, molhada e impaciente quando fechou de repente seus quadris atrás contra ele e abraçou suas mãos na curva da cintura da Natalie para manter quieta à mulher. Ele podia ouvir o som sucção da vagina da Simone enquanto palpitava dentro dela e o eco úmido do consolador balançando-se daqui para lá no corpo complacente do Natalie. Ambas as mulheres gemeram e gotejaram seu prazer, seus sucos se combinavam com o suor de três corpos frenéticos para convertê-los em uma capa que reluzia sobre a carne.

De repente os joelhos da Simone tremeram, e ela se derrubou em cima de Natalie, seus corpos pegos com calor e suor. Graham logo que perdeu um batimento do coração. Apanhou a perna direita da Simone e a levantou até que ficou sentada escarranchada sobre as coxas da Natalie. Então ele empurrou seu próprio joelho com força contra a vagina da loira, apertou suas palmas sobre o tapete e renovou seus impulsos vigorosos.

Natalie e Simone gemeram em harmonia, suas bocas se fundiram em um beijo desesperado. Suas línguas se emparelharam, os lábios chuparam, mãos apertadas até que se converteram em um só corpo sob o Graham, e ele se colocou sobre as costas da Simone, ainda cuidadoso de manter seu peso longe dela, lambendo o suor de seu pescoço antes de sepultar seu rosto na curva de seu ombro.

As mulheres se separaram, e Natalie girou seu rosto ao Graham, pedindo um beijo.

Ele obedeceu, mas se afastou rapidamente e mordiscou ao longo de sua mandíbula, movendo sua cabeça para sua garganta. Graham viu o brilho de presas e se tornou atrás, forçando seus quadris para frente até que seu pênis topou com força contra a nuca da Simone. A mulher gemeu.

— De maneira nenhuma — grunhiu ele, franzindo o cenho. — Conhece as regras, Nat. Não mordemos quando fodemos. Se tiverem fome, podem esperar até que nós terminemos — se retirou até que só a ponta de sua verga permaneceu dentro da Simone. — A menos que prefira comer antes de foder.

— Não! — choramingou Simone, retorcendo-se em uma tentativa de tomá-lo mais profundo dentro dela. — Ela se comportará. Ambas nos comportaremos, somente não te detenha, cher!

Graham olhou a Natalie e moveu seu joelho para frente, enviando ao consolador de cristal profundamente contra seu sexo. Ela gozou com um grito, retorcendo-se com tanta força que ameaçou deixando cair a Simone. Graham agarrou os quadris da outra mulher e a sustentou estável, empurrando repetidamente com força nela até que ela também se desfez. Grunhiu de satisfação e se apressou para seu próprio orgasmo. Uns impulsos curtos mais tarde, gozou, esvaziando-se na vagina ainda tremente da Simone e de algum jeito ainda se sentia insatisfeito.

Quando se afastou e rodou a um ponto desocupado no tapete, decidiu que tomaria cuidado de vigiar-se a si mesmo. Se podia ter sexo em trio com duas vampiresas formosas, e ainda sentia as ferroadas persistentes do aborrecimento, definitivamente necessitava uma mudança de ritmo.

Isso ou um psiquiatra.

Capítulo Doze

Entretanto a meio caminho embora dos aperitivos, Reggie se forçou a admitir que esse Marc Abrahms era um tipo realmente agradável. Quando o garçom no restaurante francês, pequeno e ostentoso, entregou suas entradas, ela tinha trabalhado inclusive um sentimento de pena por que ela não poderia sentir-se excitada a respeito da perspectiva de dormir com ele.

Ela sabia que Ava ia querer um relatório repleto, embora Reggie não tivesse ouvido nada da outra mulher desde domingo. Suas chamadas tinham ficado sem responder, e ela se convenceu de que Ava não queria ouvir nenhuma queixa.

Não é que Reggie tivesse nenhum direito de queixar-se a respeito de ter ao Marc como sua Fantasia. Ele era definitivamente bonito. De fato, ele era mais seu tipo que outros que ela tinha encontrado recentemente. As mechas loiras destacavam o cabelo marrom claro, mas pareciam da classe que vinha de horas no sol em vez de horas em uma cadeira de estilista. Sua pele era levemente bronzeada, confirmando a impressão que ele não passava a vida encerrado no escritório. Seus olhos azuis faiscavam com animação, e seu rosto era o suficientemente vivo para salva-lo de ser bonito. Ele estava perfeitamente construído, forte e adequado sem ser fornido. Em conjunto, o homem era mais que delicioso, mas Reggie teve que trabalhar para afastar o pensamento de que seus olhos seriam mais atraentes se fossem o suficiente escuros para parecer negros na iluminação débil do restaurante.

Suprimindo um suspiro, ela olhou para seu prato e se perguntou se poderia trabalhar pelo menos algum entusiasmo pelo faisão guisado com batatas bebê e feijões. até agora, ela não tinha tido sorte.

— Está calada. Adivinho que minhas aventuras com o Dewayne e Bubba perderam sua faiscante atração.

Assustada, Reggie levantou a cabeça para ver que ele a estava olhando com uma sobranceira levantada e uma débil expressão de diversão.

— Sinto muito. Fui realmente grosseira — ela se desculpou. — Foi muito divertido, mas suponho que minha mente estava em outra parte.

E era realmente imperdoável de sua parte, especialmente porque ela não tinha ouvido nada da fonte de sua tortura desde sábado. Ele não merecia sua atenção, e Marc não merecia sua grosseria. Inclusive se seu entusiasmo por este encontro não ameaçasse transbordando-se, Marc era um tipo bastante agradável com o que ela devia ser cortes. Expulsando seus pensamentos aborrecidos de sua mente, ela intercambiou seu garfo por sua taça de vinho e lhe sorriu.

— Estou de volta, prometo-o. Não mais férias mentais.

Marc lhe devolveu seu sorriso e trocou o tema elegantemente.

— Então, por que não enche alguns dos espaços em branco com que Ava me deixou. De onde é originalmente?

"Ah bom, um pequeno bate-papo". Reggie pensou que ela poderia dirigi-lo.

— Por quê? Meu acento não é o bastante de Nova Yawk? — brincou ela. — Cresci em Connecticut.

— Ah, isto explica.

Quando ele não o explicou, a curiosidade de Reggie a venceu.

— Explica o que?

— Você. Você tem um pouquinho de princesa em você. Deve ser o ar de clube de campo no que nasceu.

Reggie não podia ofender-se quando sua expressão tão claramente lhe dizia que ele brincava. De todas as formas, ela se burlou do ultraje.

— Clube de campo! Que eu saiba, não toda Connecticut é Greenwich nem Cos Cob, muito obrigado. Alguns de nós Nutmeggers provimos de famílias que trabalharam para viver.

Eu certamente não espero ser tratada como uma princesa. — Deu-lhe um olhar justo enquanto deixava sua taça de vinho e conformava seu rosto em um retrato exagerado de arrogância altiva. — Penso que Rainha do Universo vai mais, verdade?

Marc riu entre dentes.

— Sinto muito, sua majestade. — Ele esvaziou sua taça de vinho, mas fez um gesto ao garçom para que se afastasse quando ele a teria recheado. Quando ele enfocou de retorno a Reggie, sua expressão parecia mais grave.

— Sabe, quando Ava me disse a respeito de você, ela disse que acabava de sair de uma relação má, e lhe preocupava que não saísse bem o suficiente. Mas agora que te conheci, e te vi em pessoa, tenho problemas para acreditar que carece de convites. Assim, deve ser uma falta de interesse por sua parte.

Reggie tomou um segundo de ajustar-se a sua honradez e para digerir o que ele dizia.

— Bem, não é como se tivesse a homens golpeando minha porta...

— Se não os tiver, não é porque eles não queiram fazê-lo. — Ela sacudiu a cabeça quando planejou protestar, e ele levantou uma mão. — Espero que não bancará a ser modesta agora. Nós dois sabemos que é formosa.

Ele o declarou tão normalmente que Reggie só piscou.

— Obrigado. Mas não é todo homem por aí compartilha seu gosto pelas mulheres com meu aspecto.

— Atraente?

— Redondo.

— Palavra incorreta. — Ele sacudiu sua cabeça e passou seu olhar fixo sobre ela. — Você não é definitivamente redonda. Curva? Uh-huh. Exuberante? Sim. Apetitosa? Absolutamente. Mas não redonda.

— Certamente, não redonda. E ainda mais certamente, não disponível.

Reggie quase saltou de seu assento quando a voz que tinha estado obcecando seus sonhos toda a semana soou justo em cima de sua cabeça. Olhando ao redor, ela viu a posição de Dmitri ao lado de sua cadeira com um braço descansando nas costas e seu olhar fixo em Marc. Sua postura e a atitude tinham chegado a ser tão familiares que ela falou antes de pensar.

— Misha, tem que deixar de fazer isto.

Dmitri dirigiu a Reggie uma olhada divertida.

“Estou contente que recorde como se dirigir a mim, dushka, mas você não deveria me contradizer em público.”

Reggie girou os olhos e se preparou para discutir, sentindo-se mais enérgica e viva do que tinha estado desde noite do sábado. Bem, ele fazia coisa impossíveis outra vez, como falar com ela em sua cabeça. Ela poderia tratar com isso, um pouco.

Ela nunca pensou na possibilidade de protestar por sua interrupção porque Marc empurrou atrás sua cadeira e ficou em pé.

Os dois homens se observaram um ao outro por um momento comprido e tenso, um escuro, misterioso e intenso, o outro loiro e franco e tão intenso como. Eles se mediram um ao outro, cada um avaliando a situação e ao outro homem enquanto o maitre se abatia ao fundo, claramente inseguro do que devia fazer e se ele poderia inclusive fazer se o decidisse.

Finalmente, a boca de Marc se curvou com diversão, e ele estendeu a mão.

— Marc Abrahms. Imagino que é um amigo de Regina.

— Sim, um amigo íntimo.... Dmitri Vidame. — Ele sacudiu a mão de Marc cortesmente, mas sua outra mão se moveu das costas da cadeira de Reggie ao ombro, deixado nu por seu traje de noite sem suspensórios.

Marc agiu como se ele não notasse o movimento, mas Reggie estava segura de que ele notou. Malditos homens. Eles sempre poderiam ler a taquigrafia do outro.

— Estávamos a ponto de tomar café — Marc observou. — Gostaria de se unir a nós?

Isto ia um pouco longe. Reggie sacudiu sua cabeça.

— Isto não é realmente...

— Obrigado. — Dmitri apertou o ombro de Reggie para fazê-la calar. Ele só teve que olhar para trás a um garçom, e uma terceira cadeira apareceu na mesa. Ele se sentou.

Marc também reatou seu assento, e o garçom verteu três taças de café, antes de realizar uma marcha ré precipitada à segurança relativa da cozinha.

Reggie não fez caso do café, imensamente mais interessada em fulminar com o olhar aos dois homens. Eles não fizeram caso dela e do café.

— Então, de onde é, Dmitri?

— Nasci em Kiev, embora tenha vivido em muitos lugares durante minha vida. Chamei Nova Iorque de meu lar durante muitos anos.

Cristo, eles tratavam isto como um coquetel! Reggie os fulminou com o olhar, mas nenhum deles lhe prestava qualquer atenção.

— E o que é o que faz? — Marc perguntou, tentando a Reggie a chutá-lo sob a mesa. Ele não piscou. Ele só moveu as pernas fora de seu alcance, fazendo-a desejar ter levado botas de aço de combate em vez das atraentes sandálias de correias.

— Tenho uma variedade de interesses comerciais — demarcou Dmitri —, mas atualmente meu maior interesse de absorção é de uma natureza mais pessoal.

Marc observou o olhar que Dmitri deu a Reggie, olhou o intercâmbio silencioso entre eles e suspirou.

— Sim, eu imagino que seja. — Chamou ao garçom e pagou rapidamente a conta. — Foi muito interessante te conhecer, Dmitri; e Reggie, passei um momento maravilhoso — ele parou. — Mas tenho que ir. Vocês dois desfrutem de sua tarde.

Agarrou sua jaqueta, encolhendo-se de ombros nela enquanto Reggie ficou rapidamente em pé.

— Mas e a ópera? — perguntou ela, sentindo-se horrível sobre o comportamento de Dmitri.

Marc sorriu, e quando ele falou, sua voz era sardônica.

— Não penso que a ópera funcione para nós, Reggie. Mas eu não queria que perdesse isso. Por que não vão você e Dmitri e se divertem?

Reggie ainda tratava de vadear por todos os duplos sentidos quando Marc estendeu as duas entradas para Dmitri, que se negou com uma sacudida de sua cabeça.

— Obrigado, mas não é necessário — disse Dmitri. — Mantenho um camarote privado próprio. Regina e eu o usaremos esta noite. Você deveria guardar suas entradas.

— Não é como se fosse utilizá-las — suspirou Marc, mas ele escorregou as entradas de novo no bolso de sua jaqueta. — Adivinho que o camarote terá que ficar vazio durante a noite.

Agora, se vocês dois me perdoarem, vou para casa, a me verter um copo grande agradável de bourbon e ver se posso pegar os últimos minutos do jogo.

Ele se afastou antes que Reggie pudesse protestar outra vez, então ela voltou-se ao Dmitri, tendo a intenção de derramar sua vergonha e frustração nele.

— Eu gosto deste Marc — disse ele, antes que ela pudesse falar. Ele rodou diretamente sobre o que ela tinha planejado dizer, atando-a em um fardo em seu casaco e empurrando-a brandamente para a saída. — Mas eu não gosto que pensasse em animar o interesse de outro homem, Milka.

— Eu não animava nada — resmungou ela, estando de pé obedientemente a seu lado enquanto o porteiro chamava um táxi. — Era só uma comida.

— Isto era um encontro. E minha mulher não sairá com nenhum homem, exceto eu. — O fechamento de repente da porta do táxi detrá deles pontuou suas palavras, e perseguiu o que ela tinha estado planejando dizer diretamente de sua cabeça.

— Sua mulher?

Nos limites próximos do assento do táxi, Dmitri se reclinou ao lado dela, uma presença escura enorme que ameaçou afligindo-a. Ele se inclinou perto, e Reggie agarrou o aroma dolorosamente familiar dele. Seus olhos se fecharam, algo que ela não podia controlar, e seus lábios roçaram a alta curva de sua maçã do rosto.

— Sim — murmurou ele com sua escura voz aveludada. — Minha.

Capítulo Treze

Reggie tinha assistido à ópera quando menina — sua mãe tinha sido uma admiradora — mas nunca antes se sentou em um dos camarotes privados. Lamentava o fato de que seus assentos não estavam embaixo com a orquestra, onde estaria rodeada de testemunhas.

Não confiava no comportamento agradável de Dmitri, não depois de sua demonstração de possessividade. Esperava que a máscara caísse.

Olhando ao redor enquanto o porteiro os conduzia a seus assentos, Reggie refletiu quão mais segura se teria sentido ao terminar este o ali com Marc. Embora ele já soubesse a respeito da fantasia, e ela tivesse sentido obrigada a atuar neste espaço bastante público, pensou que uma detenção por indecência pública seria menos desastroso que o que seja que tinha planejado Dmitri.

Deixou que Dmitri tirasse seu casaco e a sentasse em uma das duas luxuosas poltronas que ocupavam o centro do camarote. Quando olhou ao redor, era vergonhoso que estivessem sozinhos, considerando que as dimensões do camarote podiam facilmente acomodar a quatro ou até seis pessoas em cadeiras mais singelas. E agora que o pensava, ver a ópera com um par de pessoas perspicazes poderia ter sido mais seguro que estar ali, a sós, com Dmitri.

O pensamento ressoou em sua cabeça enquanto ela o observava entregar seus casacos ao porteiro, que começou a soltar as pesadas cortinas que estavam aos lados do camarote. O material formava uma barreira visual com os outros camarotes e fez com que Reggie tragasse saliva nervosamente. A natureza pública do camarote tinha sido transformada completamente em outra coisa. Em algo muito privado.

Centrando sua atenção no obscurecido cenário, Reggie remexeu-se em seu assento e alisou o sedoso material do vestido sobre suas coxas. Logo, endireitou o broche de seu colar de prata e ônix. E revisou o broche da diminuta bolsa, deu um puxão em sua blusa e alisou o cabelo. Quando não havia mais o que fazer, ficou olhando fixamente para frente e amaldiçoou por não levar luvas de opera. Eles teriam proporcionado um passo mais em sua técnica de distração.

O porteiro deixou o camarote, e Dmitri tomou assento ao lado dela. Ela ia lhe dizer que a estava encurralando, mas antes que pudesse falar, ele deslizou o braço pelo respaldo de sua cadeira e o encaixou ao redor de seus ombros. Ele nem sequer fingiu que o movimento fosse casual. Foi como uma declaração de posse, e exatamente assim a tomou. O homem era tão sutil como uma furadeira, mas ela pretendia ignorá-lo e manteve seus olhos na cena.

A gratidão a alagou quando viu que as luzes diminuía. A qualquer segundo, a orquestra terminaria seu aquecimento, e teriam uma legítima distração para prestar atenção.

Ao menos, ela a teria.

O resto das luzes se extinguiu, e as primeiras notas da abertura invadiram o auditório. Todos ao redor, a mudança no tom das conversações com companheiros e estranhos à ação revelada quando as luzes iluminaram a cena. Todos olharam como a cidade de Pekin cobrava vida frente a seus olhos, e o Mandarin começou a cantar da Princesa Turandot e a prova impossível que seus pretendentes deviam fazer a fim de ganhar sua mão.

Capítulo Quatorze

Os nervos atacaram Reggie enquanto observava como Dmitri abria a porta de sua magnífica e antiga moradia de arenito de cor parda. Ela passara os últimos poucos minutos da ópera, e todo o passeio no táxi até chegar ali, aturdida em uma espécie de alegria, sentindo-se tão quente e confusa como nunca, que nem sequer tinha notado quando o táxi os levou na direção contrária à de seu apartamento. Quando pararam à porta de Misha, compreendeu que estava em um bairro horrivelmente caro, uma zona histórica da cidade, na parte alta de Nova Iorque.

O brilho dourado das luzes da entrada resplandecia sobre os pisos de madeira nobre e as paredes com painéis de madeira. Ela afastou os olhos do quadro afixado sobre a parede (que realmente parecia um original esboço ao lápis-carvão Degas), e deixou Dmitri pegar seu casaco. Ele o colocou junto ao dele sobre um sofá e tomou seu braço.

— Bem-vinda a minha casa, dushka — disse formalmente. Ele afastou a vista dela e colocou um cacho solto de cabelo detrás de sua orelha. — Me honra com sua presença.

Reggie respirou fundo e se agitou, sentindo-se insegura e fora de lugar.

— Penso que a rainha da Inglaterra o teria honrando este lugar. Acho que apenas tenho a sorte que a polícia da elegância me deu passe livre para entrar.

Seus lábios se franziram.

— Tem uma idéia muito estranha de minha casa, dushka. Pode fazer o que quiser aqui. Exceto, possivelmente, partir.

Ele queria dizer que não poderia partir esta noite. Certo?

— Vou mostrar a casa para você — seguiu ele, dirigindo-a inexoravelmente para a escada —, mas temo que não será possível neste momento.

— Sua criada tem o dia livre?

— Não, não posso esperar outros cinco minutos para estar dentro de você, outra vez.

“Ah. De acordo. Bem, então.”

Ela se encontrou no primeiro piso e andando corredor adentro antes que pudesse digerir seu comentário, sem falar em decidir que fazer sobre isso. Ele empurrou uma porta pesada, artesanal, e ela conseguiu um breve vislumbre de uma cama enorme, com postes de madeira lavrados e escuras cobertas de seda, antes que ele a agarrasse nos braços e a levasse através do quarto. Ela se abraçou em seus amplos ombros, até ele que a deitou de costas sobre as cobertas e colocou seus braços para cima, ao lado da cabeça. Ele surgiu sobre ela, como uma grande sombra acalorada que bloqueava sua visão de todo o resto, mas isto não a incomodou.

— Sentiu minha falta, milaya? — Exigiu ele, sua voz era um sussurro de lava e pecado.

— Enquanto estivemos separados, doía-lhe o corpo por mim? — Sua mão se deslizou para baixo sobre seu peito durante um instante, antes que seguisse sobre seu estomago até chegar à junção de suas pernas, por cima do vestido. — Sonhou comigo?

Seu toque expulsou o fôlego de seus pulmões. Ela arqueou o corpo, pressionando-se contra sua mão. Deus, se ele soubesse com o que tinha sonhado...

— Responda.

Ela tentou, realmente o fez, mas o único som que pôde emitir foi um choramingo ofegante que acabou em um grito afogado quando ele a tocou. Seus olhos se fecharam e as pálpebras foram como uma tela onde se exibia o filme de suas fantasias em toda sua glória, em tecnicolor.

Ela ouviu a risada de Dmitri, um som baixo, retumbante.

— Ah, milaya, é uma maravilha para mim. Tem uma paixão tão extraordinária por trás de seu exterior tão convencional. — Sua mão se moveu até o zíper do vestido que se situava em suas costas. — Isto me agrada.

O zíper cedeu, abrindo-se sob suas mãos, e ele atirou o vestido longe dela, desprezando-o, deixando-a nua em um lascivo abandono. Ela estava nua sob o vestido, já que o vestido levava um sustento incorporado e ele tinha ordenado que renunciasse a sua calcinha; agora, tudo que ela usava era sua pele pálida, um contraste absoluto de sua brancura confrontada à escuridão do homem que se erguia sobre ela. Ela abriu os olhos e o encontrou encarando-a fixamente, seu olhar era como um par de mãos que a atropelassem, deixando-a arrepiada.

— Encantadora — murmurou. Ele liberou suas mãos e se sentou para trás, descansando contra a cabeceira esculpida com graça indolente. — Mas penso que estou cativado por esse sonho que tive comigo, dushka. Eu gostaria de fazê-lo realidade para você. E para mim.

Seus olhos cintilaram com uma intensidade que sua voz lenta e preguiçosa tinha conseguido ocultar. Reggie sentou-se e o confrontou. Ele levantou uma sobrancelha e permaneceu quieto. Uma onda de entusiasmo a transpassou. Ele esperava ser atendido como um pachá por sua escrava, inclinado para trás, e a natureza normalmente independente de Reggie permaneceu alegremente silenciosa, não oferecendo nenhum protesto. Impressionou-a compreender que estas fantasias, estes sentimentos de submissão que ela pensava eram tão afastados de sua personalidade, não eram tão alheios a sua natureza depois de tudo. Sentia tudo completamente natural neste momento.

Respirando fundo, ela se deslizou através do colchão até que ficou ajoelhada, vacilante, entre as coxas dele. Alcançando seu pescoço, soltou o nó da gravata. A seda sussurrou contra seda quando lançou o tecido ao chão, ao lado da cama. Dmitri simplesmente riu.

Seus dedos pinçaram entre as abotoaduras de sua camisa, conseguindo abrir os diminutos broches de ouro. Quando começou a deslizar-se da cama para deixá-los sobre a mesinha de cabeceira, Dmitri colocou as mãos ao redor de sua cintura e a parou.

“Não te permito despertar agora.”

Reggie leu o desafio em seus olhos. Uma vez que ele soube que o tinha entendido, deixou cair suas mãos. Mordiscando o lábio inferior, Reggie vacilou durante um segundo. Ela reforçou uma mão contra o colchão, inclinando-se através dele. Estirando-se tudo o que podia sem cair, até alcançar e deixar as abotoaduras na beira da mesa. Estirar-se assim naquela direção significava quase roçar o torso de Dmitri, e colocar os seios a um centímetro ou dois de seu rosto.

Ele o notou. Seus lábios se fecharam sobre um mamilo e brincaram com ele, amamentando-se brandamente.

Reggie gemeu, um tremor de prazer a sacudiu. Às cegas, andou até a mesinha de noite e deixou cair os botões na esquina da mesma. Vagamente, ouviu-os entrar em contato com o chão de madeira e dispersar-se através do piso com metálicos ruídos diminutos. Não podia estar menos preocupada com eles. Ela colocou os braços ao redor da cabeça de Dmitri, pressionando-o mais perto.

Assim que ela fez isso, ele se afastou.

— Que torpe, Regina — murmurou ele, empurrando suas costas até que de novo estava ajoelhada na frente dele. — Espero que tenha mais cuidado com minhas coisas. Confio em que não será tão desdenhosa com meus gêmeos. — Ele levantou um braço, e girou o pulso para expor o broche decorativo.

Reggie apressou-se a retirá-los, repetindo a operação com o outro punho. Ela se inclinou para a mesinha de noite, mas desta vez torceu o corpo para apresentar a Dmitri suas costas, escondendo seios. Se ele tocasse outra vez seus mamilos, ela seria totalmente inútil.

Ela o ouviu rir em silêncio, e sua mão se deslizou rapidamente entre suas pernas, penetrando-a com dois largos dedos. Ela se congelou no lugar, deixando a cabeça cair para trás com um gemido.

— Está querendo me matar?

— Só no sentido francês da palavra, dushka. *“Seulement a petite morte”*.

— Ah. Só uma pequena morte — traduziu ela em seu francês de instituto, ofegando enquanto punha os gêmeos com cuidado sobre a mesa. — Me sinto muito melhor agora.

Dmitri riu, e seus lábios se fecharam sobre um mamilo, ao mesmo tempo em que seu polegar entrou no jogo, usando-o para desenhar pequenos e apertados círculos ao redor de seu clítoris já dolorido.

— Não, não, milaya. A petite morte é... bem, me permita demonstrar-lhe isso.

Sua mão livre deslizou a um lado, abrangendo um peito, e modificou sua postura para que o confrontasse totalmente.

Ele rastelou a unha polegar sobre o mamilo erguido enquanto seus dentes mordiscavam com delicadeza o broto em sua boca. Reggie estremeceu e tentou afastar-se, mas só conseguiu que ele apertasse ainda mais entre suas pernas. Seus dedos se afundaram mais, e

ele utilizou as pontas para acariciar as paredes interiores de sua vagina. Ela se sentiu presa, afligida e zozza com as sensações esmurrando nela. Ela se agarrou desesperadamente aos ombros dele, necessitando uma âncora para manter-se estável. A pressão dentro dela ia a uma velocidade ridícula, seu corpo voltando-se mais rijo e mais tenso a cada golpe de seus dedos, cada um se deslizando dentro dela. Ela se converteu em uma extensão de seu toque, existindo tão somente para os dedos em sua vagina e a boca sobre seu peito.

— Misha — choramingou ela, sentindo que se dirigia inexoravelmente à beira de um enorme precipício. O que aconteceria quando ele a levasse até lá, não podia imaginá-lo. — Por favor. Preciso... e-eu...

— Eu sei, milaya. Eu sei. — Seu polegar se apertou ainda mais forte sobre o clitóris, e seus dedos se fecharam bruscamente ao redor de seu mamilo. — Goza para mim, dushka. Agora.

Ela obedeceu, seu corpo se endurecendo enquanto a tensão dentro dela alcançava o ponto máximo e se rompia, alagando-a com seu prazer e alagando sua mão com a prova. Ela caiu inerte contra ele, apoiando a bochecha contra a frente de sua camisa enquanto suas mãos ainda agarravam os ombros.

Ela lutou para recuperar o fôlego, estremecendo com delicadeza ante as réplicas que ainda ondulavam por ela. Dmitri a consolou, acariciando suas costas com um calmante movimento e lhe dando beijos suaves contra o cabelo. Deu-lhe alguns minutos para compor-se, mas logo as mãos se moveram a seus quadris e a sentou sobre os tornozelos outra vez.

— Não creio que tenha terminado suas tarefas ainda, Regina — disse ele, jogando uma olhada a sua camisa, que se pendurava aberta, mas ainda cobria seus braços e seus amplos ombros. — Não, não quero pensar que descuida de suas obrigações.

Como se despi-lo fosse uma obrigação, pensou ela, mordendo o interior da bochecha para impedir-se de girar os olhos. Ela esperou outro de seus elegantes comentários, mas Dmitri permaneceu calado. Ele esperava.

Deslizando as mãos sob as duas metades abertas da camisa, Reggie tomou seu tempo, saboreando o peso quente do musculoso peito sob suas mãos. Ela saboreou a sensação dele, liso e duro, sentindo a força perto de seus ombros, mais áspera e de algum modo menos civilizada no centro do peito, onde uma manta de pele masculina se estendia abaixo para sua cintura. Ela se apoiou para frente para tirar o tecido de seus ombros, e cedeu ante a tentação de roçar a bochecha contra ele sensualmente, contrastando suas texturas. Ela sentiu seus músculos ondularem sob seu toque, mas ele manteve suas mãos em seu flanco e a deixou prosseguir.

Ela empurrou a camisa abaixo por seus braços e a tirou, abandonando-a perto da gravata. Ela se inclinou para trás para inspecionar o que tinha destampado. Surpresa, surpresa! Deus, este homem é magnífico. Tinha a musculatura de um deus grego que tivesse decidido fazer fisiculturismo. Podia ver a definição de seus músculos quando se dobravam e esticavam, e apreciou que faltava pouco para o exagero. Seus ombros se viam extremamente amplos, enquanto ele ficava ali cheio de um esplendor elegante. Seu peito era amplo e forte, a cintura magra e o estômago denotava firmeza. E de repente, ela percebeu que não podia esperar para ver o resto dele outra vez.

Os dedos que ela levou a cintura de sua calça tremeram antes que conseguisse manejá-los com firmeza. Somente para estar segura de que a obedeceriam, deslizou-os para cima e

para baixo por seus flancos, esfregou os polegares sobre seus mamilos antes de deslizar-se para as calças do smoking. Ela abriu a zíper, agarrando o fechamento entre o polegar e indicador, e devagar começou a baixá-la até que se abriu totalmente. Seus olhos não se afastaram de sua tarefa, a cabeça inclinada, com a tensão de uma criança na manhã de Natal possuindo-a. Sentia seus olhos sobre ela enquanto terminava de abrir o zíper, os últimos poucos milímetros e a estendeu aberta.

Ele não usava nada por baixo exceto sua pele, um fato que tinha apreciado na ópera e que a deleitava agora. Puxou o tecido, e ele cooperou levantando os quadris para que ela pudesse tirar-lhe a calça. Ela foi para os pés da cama, e parou justamente ante seus pés, e rapidamente os despiu também. Agarrando o resto de suas calças, atirou-as para baixo e longe dele. Baixando a cabeça, passou a língua contra o oco do tornozelo, e devagar arrastou-a para cima com o passar do interior de sua perna.

Amou seu sabor, quente, salgado e sólido. Tinha sabor de homem, terra e desejo; ela fazia uma pausa de vez em quando em sua viagem para desfrutar do sabor. Ele a deixou fazer seu caminho, ficando imóvel sob a exploração preguiçosa, mas ela ouviu seu fôlego quando alcançou o joelho e acariciou a língua a dobra posterior. Quando chegou às coxas, ele enterrou as mãos em seu cabelo, massageando o couro cabeludo enquanto sua língua se adiantava para acariciar a pele lisa que encontrou ali. Aqui seu gosto era mais forte, mais escuro, até mais atraente. Deixou que sua língua se deslizasse por cima dele e isto fez suas bolas estalarem em um quente olá!

Seus olhos flutuaram fechados pelo prazer, e esfregou a bochecha contra sua ereção como um gato, desfrutando ante o conhecimento que tinha sido ela quem tinha feito que ele se endurecesse, havia dado prazer, e tinha feito com que a desejasse. Ela separou os lábios para tomá-lo dentro da boca, mas ele tinha outras idéias. Agarrando seus braços, arrastou-a para cima dele, pele nua deslizando-se sobre pele nua, até que ela teve seu rosto ao mesmo nível que o dele.

Seus olhos escuros brilhavam com as luzes de velas que não estavam acesas até um momento atrás, e seus lábios se curvaram em um sorriso diabólico.

— Não desta vez, dushka — sussurrou ele, esfregando os lábios contra os seus, devolvendo um batimento a seu coração atrasado para um beijo mais profundo. Ele mordiscou seus lábios, acariciou a língua com a sua, conquistou sua boca e a reclamou como própria. Quando retrocedeu, sua respiração se converteu em um excitado ofego. — Vi seu desejo por mim, vi-o tal e como sonhou comigo. Isso é o que quero de você agora. Vai me agradar?

Reggie não respondeu, mas se convenceu de que já que ele podia ler sua mente de algum modo, provavelmente poderia ver seu entusiasmo. Realmente pensava que ia discutir com o homem que estava a caminho de realizar todas e cada uma de suas fantasias sexuais mais quentes? Não estava totalmente louca. Ainda não, ao menos.

Inclinando-se, esfregou os lábios contra os dele, contra a garganta, os mamilos, pela ponta de seu pênis. Ela se sentou e voltou-lhe as costas, ajoelhando-se entre suas pernas e apertando as mãos contra suas coxas duras. Ela posou sobre os calcanhares, suas costas livre e cheia de graça ante ele, e se girou para lhe enviar um convite por cima do ombro.

Dmitri emitiu um som de apreciação. Ele se aproximou e deslizou as mãos sobre a pele lisa de suas costas, brevemente acariciando seu bumbum antes que a abrigasse entre os braços e a apertasse contra ele.

— É tão encantadora, Milka — murmurou, e seu fôlego fez cócegas em seu ouvido enquanto as mãos se deslizavam para encher em um abraço afetuoso seus seios. — Suave e exuberantemente doce. — Ele estalou língua no lóbulo de sua orelha, seguido por dentadas aprazíveis, uma de suas mãos se deslizando para o centro de seu corpo, sobre a curva suave de seu estômago e abaixo entre as coxas. — Quente e molhada, me oferecendo isso.

Seus dedos escorregaram facilmente sobre a carne úmida, remontando cada curva e dobra, sondando sua entrada como se procurasse provas de sua preparação. Deus, como podia duvidar que estivesse pronta para ele?

— Isto me agrada, que sinta prazer em meu prazer — sussurrou, afundando dois dedos profundamente dentro dela. — Foi feita para mim. Pode negar isso?

Ele arrastou beijos do oco detrás de seu ouvido, ao longo de a garganta, à curva do ombro. A cabeça de Reggie caiu, descansando sobre seu ombro enquanto ele enviava onda e mais ondas de prazer através dela.

— Pode dizer que não nasceu para mim, Regina? Criada somente para me agradar e ser agradada por mim?

Reggie gemeu, sua mente estava inteiramente em branco, tudo que existia era Misha, seu prazer e necessidade. Apertou os dedos sobre as coxas dele e os cravou em sua carne, seu corpo inteiro tenso de desejo.

— Misha. Por favor.

— Pode negar isso, Regina?

Sua voz era pura magia negra, o que só acrescentava mais caos dentro dela, outro nível a mais de sensação sobre seu sistema nervoso, já sobrecarregado. Seu corpo arqueado, pressionando-o.

— Deus! Misha, eu quero...

A mão em seu seio abandonou a massagem e deslizou de seu ombro à nuca. Seus dedos a acariciaram brevemente antes que eles se apoiassem com firmeza em sua pele e apertassem, impulsionando-a a agachar-se. Ela seguiu sua ordem silenciosa, caindo para frente, apoiando o peso sobre as mãos e levantando os quadris, até que ficou ajoelhada ante ele, tremendo.

Ele apertou seus quadris com ambas as mãos e se inclinou, cobrindo-a com seu calor e presença. Com os lábios esfregou sua, fazendo-a estremecer. Ela podia sentir como seus lábios se curvavam em um sorriso.

— O que deseja dushka? — Ele a incitou, conhecendo a resposta, mas forçando-a a dizê-lo em voz alta.

A cabeça de Reggie se dobrou, o comprido cabelo caiu para frente como uma cortina, cobrindo-a de todo o resto. Ela não sabia se podia falar, não sabia se ainda controlava seu corpo, absorvido por completo em atender a petição de Misha. Provou a língua, tentando falar. Nada surgiu exceto um gemido, e se apertou atrás contra ele para sentir como sua longitude pulsava e martelava contra seu bumbum.

Suas mãos a pressionaram para que avançasse, separando-a de sua carne. Ela gemeu ante a perda de contato.

— O que é que você quer?

Reggie gemeu e tentou se sentar para girar-se para ele, mas sua mão se firmou em sua nuca outra vez e a obrigou de novo a ficar de quatro ante ele. Desta vez, manteve-a ali enquanto repetia a pergunta.

— O que você quer, Regina?

A frustração e a dor do desejo por ele deram o poder para falar. As palavras se rasgaram através dela com um gemido.

— Deus, Misha, quero você!

Ele cantarolou sua aprovação, e a mão se levantou de seu pescoço. E a arrastou para baixo, por toda a longitude de sua coluna vertebral até deslizar-se entre eles. Parou para martelar um dedo na abertura de sua vagina, exigindo a entrada. Ela queria que empurrasse, necessitava-o fodendo-a, tinha que senti-lo dentro dela. Mas ele não fez nada não ser continuar torturando-a.

— Posso sentir o que quer, Regina — cantarolou ele, suas mãos alcançaram seus seios pendurados abaixo dela. Ele se apertou contra suas costas, agarrando sua vagina, seus seios. Ela se sentiu rodeada por ele, presa e necessitada. Mas Deus, sentia-se tão bem. O fôlego dele acariciou sua bochecha, e fuçou seu cabelo percorrendo um caminho no qual poderia tocar-lhe a pele com a sua. — Mas o que está disposta a me dar em troca?

Gemendo e sacudindo-se, necessitando-o mais que ao ar para respirar, Reggie se girou o suficiente para que suas bocas se tocassem. Separando os lábios contra os seus, ela sussurrou a resposta em sua boca, como se ela pudesse lhe entregar como presente sua alma.

— Qualquer coisa — sussurrou urgentemente, complacente. — Eu te daria tudo o que pedisse

— Sim.

Ele tomou sua boca, reclamou-a, marcando-a como dele. Sua língua varreu sobre a dela como um guerreiro vitorioso, mesmo que sua rendição viesse rápida e complacente. Quando finalmente retrocedeu, ela pôde ver a intensidade de sua luxúria esculpida no áspero molde de seus traços. Seu olhar selvagem não lhe causava nenhum medo, mas a fez tremer com a emoção da antecipação.

— Vai me dar tudo, dushka — grunhiu, as mãos ainda agarrando seus quadris, sustentando-a. — E tomarei tudo o que tem, já que é minha.

Quando falou, empurrou, reclamando-a fisicamente como a reclamara com palavras.

Reggie ofegou ante a intrusão, seu corpo sobressaltado ante ele depois de uma ausência de uma semana. Seus músculos se apertaram para rejeitá-lo, mas era muito tarde. Ele estava enterrado até o punho, o pênis grosso martelando-a, estirando-a, o prazer e o desconforto que se mesclavam em um torvelinho indistinguível de sensações.

Ele liberou seus quadris pelo tempo suficiente para agarrar-lhe os pulsos e dirigir suas mãos para o pé da cama. Ela teve que esticar-se para alcançá-lo, avançando sobre os joelhos até que se inclinou tanto que mudou seu centro de gravidade e perdeu o equilíbrio. Misha seguiu o movimento, encaixado em sua vagina que o agarrava, e colocou suas mãos ao redor da madeira, lhe indicando uma advertência que devia deixá-las ali. Era uma posição de submissão total. Seu peso tinha ido a frente e agora estava apoiado principalmente por seu

apertão sobre o poste da cama e pelo apertão de Dmitri sobre seus quadris. Se ela se movesse, cairia. Tudo o que podia fazer era ficar ajoelhada, total, e deixar que a tomasse.

Ele o fez.

Ele se inclinou à frente para colocar um beijo sobre a sensível zona de sua coluna vertebral. Tornou-se para trás, retirando-se até que somente a ponta de seu eixo permaneceu dentro dela; então reforçou a frente seus quadris, e se inundou nela.

Reggie gritou. Apenas se ouviu, sua atenção presa na sensação palpitante dentro dela. Sua cabeça estava para trás até que a força de um impulso a empurrou para frente. Ela reforçou os braços, fechando-se na madeira, não querendo perder nenhuma libra de força. Tratou de estender suas pernas para ter um equilíbrio melhor, mas suas coxas foram reforçadas do exterior para mantê-la exatamente como a tinha colocado. Tudo o que podia fazer emitir gemidos e aceitá-lo.

Ele retrocedeu devagar, fazendo-a ofegar. Ela podia sentir cada centímetro dele enquanto saía dela, sentia sua vagina paralisar-se sobre si, aliviada da enorme invasão. Isto lhe parecia uma massagem sobre suas malhas mais sensíveis. Raciocinou como uma louca que não havia nada que pudesse fazê-la sentir-se melhor, mas ele se adiantou outra vez, enchendo-a plenamente, e ela soube quão incorreto tinha sido seu pensamento.

Misha adaptou um ritmo rápido e forte, e desesperadamente profundo. Cada impulso o atraiu dentro dela como um punho. Ela podia sentir suas bolas golpeando contra ela, sentia a cabeça de seu pênis topetar contra sua nuca. Nunca tinha sido fodida tão profundamente. Gostava e queria mais, e enquanto pensava nisso, ele o deu.

— Misha!

Ela gritou seu nome. Seu corpo se sacudiu com seus impulsos. A tensão era insuportável. Necessitava que parasse. Necessitava que nunca parasse. Tinha que escapar. Tinha que estar mais perto. Suas mãos se apertavam com tanta força na madeira da cama que lhe doíam os nódulos. Seus cotovelos se fecharam, estirados ante ela, e usando o reforço da posição se empurrou para trás, desesperada por tomar tudo o que tinha.

Ele a obrigou com um grunhido a ficar quieta, e de algum modo se fez extremamente maior dentro dela, seu pênis estirava sua vagina largamente. Estremecendo, sua cabeça caiu. Suas mãos ficaram reforçando sobre a madeira, mas a parte superior de seu corpo se afundou abaixo até que descansou a bochecha e os ombros sobre o colchão, seus quadris ainda angulados para tomar o sexo feroz que palpitava de Misha.

Ela tragou oxigênio, desesperada e sem fôlego. Se ele não parasse, iria matá-la. Se parasse, morreria.

Misha se inclinou adiante, encaixando seu corpo ao redor do dela, seus quadris ainda martelado com força e ritmicamente nela. Ela levemente sentiu a brutalidade de sua bochecha contra a sensível pele de seu pescoço, ouviu o som irregular de sua respiração, sentiu o calor dele como um graveto aceso contra ela. Ouviu sua voz, profunda, áspera e terrivelmente intensa.

— O que me daria, dushka? —disse com um grunhido baixo e bestial.

Reggie tentou gemer, mas não tinha fôlego nem para isso. Não podia falar, não podia pensar, só podia sustentar-se para sua posse.

“Qualquer coisa”, pensou desesperada. “Qualquer coisa!”

“Qualquer coisa?”

“Tudo!”

Ouviu um grunhido que retumbava de prazer, sentiu-o mudar, enchê-la mais profundamente, rodeá-la mais completamente. Sentiu uma dor aguda em sua garganta, e gozou.

O prazer dentro dela a tinha feito explodir, e veio com espasmos ao redor do pênis, chupando sua semente, compartilhando seu êxtase, como tinha compartilhado seu corpo. O orgasmo durou prolongadamente, sua vagina pulsava ao mesmo tempo em que seu pulso. Ela o sentiu esticar-se, ouviu outro grunhido surdo quando acelerou dentro dela, ainda alimentando-se com seu prazer como se alimentava de seu sangue.

Capítulo Quinze

Ela despertou e se assombrou. Sua memória possuía a clareza cristalina de um carretel de filme. Sabia exatamente o que tinha se passado, e com bastante franqueza, não esperava despertar outra vez.

“Transeí com um vampiro.”

— Na verdade, acredito que se deseja ser técnica, o vampiro fodeu a você.

Reggie se sentou de repente na cama, uma mão apertando o lençol de seda contra o peito enquanto a outra se pressionou rapidamente sobre a contusão em seu pescoço.

— Não estou morta.

— Para nada.

Dmitri se afastou do batente da porta onde estivera encostado, olhando-a enquanto dormia. Usava jeans negros gastos, mas nada mais.

Reggie olhou em vão seu peito e se amaldiçoou pela luxúria que aumentou repentinamente em seu interior. O homem não só tinha sugado seu sangue como se fosse um refresco, mas a havia fodido tão forte que ainda se sentia sensível. Não tinha por que umedecer-se toda ante a idéia de que o fizesse outra vez.

— Está absolutamente sã — assegurou-lhe, pousando-se na beira da cama e tomando com a mão seu tornozelo, quando ela teria se afastado. — Para não mencionar saborosa.

— Você dever saber mesmo — queixou-se ela, inspecionando com a mão que tinha apertado contra o pescoço, procurando sinais de sangue residual.

— Seco como uma passa — assegurou ele, parecendo divertido. — As feridas se fecham quase imediatamente. Entretanto, deixei-te um pequeno chupão. Poderia ter alimentado sem te marcar, mas a idéia de que levasse minha “mordida de amor” me pareceu muito divertida para resistir.

— Há há há — Reggie o contemplou e esperou a que o pânico a invadissem. Não aconteceu. Tudo o que sentia quando o olhava era excitação. Bom, excitação e cautela. Apesar de tudo, ele era um demônio chupa-sangue, mas parecia que não a mataria, e o fato, feito estava. O que significava que provavelmente era um bom momento para fazer algumas perguntas.

— Converteu-me em um de vocês? — exigiu ela, cruzando os braços sobre o peito e escapulindo para trás, para apoiar-se contra a cabeceira. Bem, poderia ficar cômoda antes de converter-se em um morcego ou algo assim.

— É obvio que não. Requer-se mais que uma simples mordida para fazer um vampiro. Se isso fosse todo o necessário, o mundo seria invadido por nós, os malvados chupa-sangue.

Ele parecia mais divertido que ofendido, mas Reggie se distraiu com outra revelação.

— Por isso pode ler minha mente! Tem algum poder vampírico para controlar a mente, ou algo assim.

Dmitri riu entre dentes.

— Ou algo assim. Não posso controlar sua mente, Milka. Posso influenciar suas decisões, mas só na direção que seu subconsciente já deseja ir. Se realmente pudesse te controlar, nunca teria tentado sair com aquele Marc. Mas posso ler seus pensamentos, e posso te falar em sua mente.

— Pode ler a mente de todos? Eu posso? — Essa sim que poderia ser uma pequena habilidade útil.

— Só pode ler a minha, a menos que tenha outros talentos que esteve escondendo de mim — brincou ele. — Se te convertesse no que sou eu, seus talentos se reforçariam com o tempo. Posso ler sua mente com verdadeira clareza. De outros, posso ler facilmente, a alguns mal posso lê-los. Entretanto, consigo impressões da maioria dos humanos. Sou um juiz infalível de caráter.

— Lástima que eu não o sou.

Ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo detrás de sua orelha.

— Não sou realmente um monstro malvado, dushka. Só sou um homem que viveu uma vida excepcionalmente longa.

— Sim, e quem vive de beber o sangue de outras pessoas. Isso dificilmente soa como o Príncipe Encantado — franziu-lhe o cenho.

— O Príncipe é um conto de fadas. Eu sou real, e é verdade que bebo sangue para sobreviver. Não me envergonho disso. Não mato àqueles de quem bebo, e não lhes faço nenhum dano permanente. Vivi muito anos assim para não estar em paz com o que sou, Regina.

Reggie realmente queria perguntar quanto tempo tinha vivido, mas o que havia dito do “dano permanente” tinha lhe recordado uma questão mais premente.

— Então, está seguro que agora não sou um vampiro?

Ele sorriu abertamente.

— Muito seguro. Para te converter em vampiro, teria que beber de mim como eu bebi que você. A menos que isso aconteça, continuará sendo minha muito humana, muito obstinada e muito adorável Regina.

— A adulação não vai esconder tudo isto sob o tapete, machão. — Ela soprou para cobrir o comichão quente que suas palavras provocaram. — É um vampiro. Essas são notícias importantes em meu mundo. Geralmente, não saio com mortos-vivos.

— E com que classe de mortos sai? — Ele esquivou-se seu golpe e riu. — Não sou tão diferente de nenhum outro homem. Tenho as necessidades que qualquer homem tem.

“*E até mais*”, pensou ela, trocando seu peso e sentindo as provas do mais que ela tinha experimentado há algumas horas.

— Outros homens não bebem sangue — insistiu ela.

— Não, mas entre os homens humanos estão aqueles que são mais monstros que eu. Eu nunca te faria mal, milaya. É preciosa para mim.

Isso fez com que o comichão voltasse, mas ela o ignorou. Uma coisa de cada vez. Necessitava mais informação.

— Entretanto poderia me machucar. É muito forte, e rápido como o inferno. Vi você se mover.

Dmitri encolheu os ombros.

— Sou um homem. Poderia ter te feito mal quando era humano. Mas sim, ser um vampiro me dá força e velocidade adicionais. De qualquer forma, são coisas que nunca usaria para te danificar.

— Que mais pode fazer?

— Acaso sou uma caixa de surpresas?

Ela franziu o cenho.

— Sabe o que quero dizer. Por exemplo, vai se converter em um morcego ou algo assim?

Ele girou os olhos.

— Por que quereria me transformar em um roedor alado portador de enfermidades?

— Como posso saber? Não posso entender por que quereria beber sangue.

Ele fixou os olhos na pele nua da curva onde seu pescoço se unia ao ombro, e de repente sua expressão mudou de uma preguiçosa diversão a um ardente interesse.

— Ah, mas seu sangue é embriagador, milaya. Descrevo-te sua doçura? Seu calor? A maneira em que me sobe à cabeça como um uísque antigo? — Ele encontrou seu olhar, e seus olhos se encheram de intenções perversas. — Descrevo os gritos que dá quando bebo de você?

Ela recordou desfazendo-se em seus braços, com as presas e seu pênis sepultados profundamente dentro dela, e ruborizou-se.

— Não mude de assunto. Quero obter algumas respostas. Quero saber exatamente no que me coloquei.

Dmitri suspirou e se estirou sobre as costas ao lado dela. Tinha um olhar de sofrimento quando fechou os olhos e começou a recitar feitos.

— Viu muitos filmes e leu muitas novelas horripilantes — disse ele. — Os vampiros não são os monstros que aos humanos gosta de retratar. Somos diferentes por natureza própria, mas como vampiros, não somos melhores nem piores do que fomos como homens. Somos mais fortes e rápidos, isso é verdade. Nossos sentidos também são mais agudos, e nossas vidas se podem prolongar indefinidamente. Para sobreviver, devemos beber sangue. Mas não nos machucam as cruces, o alho, a água benta nem nenhuma dessas tolices. Pode nos matar se destruir nossos corações, já que esse é o órgão que subministra a nossos corpos o sangue que consumimos. E, é obvio, se nos degolar também morreremos. Conheço poucas coisas que poderiam viver sem suas cabeças.

— Poucas? — Chiou Reggie, lutando tanto por aferrar-se à realidade; só podia concentrar-se em uma declaração de uma vez, e tinha sido a última. — Quer dizer que há coisas que podem?

— Sempre assumi que os políticos poderiam. Muito poucas vezes parecem usá-las.

A mandíbula dela se abriu de repente durante um segundo, até notar que ele tinha aberto levemente um olho para poder ver sua reação à brincadeira. Ela fechou a boca e o fulminou com o olhar. De algum jeito, as coisas que lhe disse realmente a tranquilizavam. Não podia entender por que, mas sua realidade acabava de mudar e encontrar uma nova base. Seu sistema de crenças tinha feito espaço para uma adição inesperada, e agora as coisas pareciam retornar à normalidade.

Se pudesse chamar normal ter uma aventura amorosa e apaixonada por um vampiro.

Reggie se escapuliu um pouco para baixo e girou de lado para enfrentá-lo, apoiando a cabeça em uma mão e a outra apertando com firmeza o lençol.

— Estaca de madeira e luz do sol? — perguntou ela, seu tom agora era mais curioso que assustado.

— Se cravasse uma estaca de madeira no coração de qualquer criatura vivente, imagino que não viveria por muito tempo — disse ele, dando-se volta para imitar sua posição. Não a tocou, mas de algum jeito ela sentiu a intimidade de sua companhia. — E a luz do sol é dolorosa, mas em geral não ameaça nossa vida. Não podemos absorver a melanina do sangue que bebemos — explicou ele. — E não produzimos melanina própria. Portanto, queimamo-nos facilmente. Mas nunca gostei muito do fogo.

Ela soprou. O homem tinha um dom especial para o sarcasmo.

— Assim, basicamente me está dizendo que é um tipo totalmente normal com força sobre-humana, a capacidade de ler minha mente e uma dieta muito seletiva.

Sorriu-lhe abertamente.

— Exatamente.

— E nunca envelhecerá ou morrerá.

— É pouco provável que aconteça dentro de muito tempo.

Seu forte agarre nos lençóis relaxou.

— Não te aborrece? Quero dizer, depois de um século ou dois, suponho que viu tudo.

— Tenho muitos e diversos interesses que me entretêm — informou-lhe, ainda sorrindo abertamente. — A cultura humana é algo fascinante. Evolui constantemente e a uma velocidade vertiginosa. E se deseja saber minha idade, só tem que perguntar.

Pelo visto, seu anzol não tinha sido tão sutil como pensava.

— Bom. Que idade tem?

— Nasci em Kiev, como disse a seu encontro esta tarde — seus olhos encontraram os dela, e essa condenada sobrancelha se elevou outra vez. — No ano 1243.

Reggie chiou e saiu de um salto da cama, arrastando o lençol com ela. Ou ao menos, tentou fazer isso, mas como Dmitri ainda descansava em cima da mesma, o lençol se negou a mover-se. Tudo o que foi capaz de levar com ela foi a ponta, que mal conseguiu cobrir o essencial, um fato que Misha notou com aparente aprovação.

— Tem setecentos e sessenta anos?!?!?

Misha claramente decidiu ignorar o fato de que ela soava como uma histérica escandalosa. Simplesmente levantou a sobrancelha e estirou a mão para dar um puxão ligeiro ao lençol.

— Setecentos e cinquenta e nove — corrigiu-a tranquilamente. — O aniversário de meu nascimento é em outubro.

— Ah, bom, peço desculpas. Isso faz que tudo esteja absolutamente bem. Esses poucos meses são incrivelmente importantes para mim. Odiaria romper minha regra de não sair com homens mais velhos por essa ampla margem.

— O sarcasmo não te cai bem, Milka. Além disso, o que importa minha idade? Pareço ter setecentos e cinqüenta e nove anos?

— É obvio que não. Mas isso... isso não é simplesmente velho, nem simplesmente morto, é adubo orgânico!

Ele puxou mais forte o lençol, começando a parecer impaciente.

—E estou muito vivo e muito desejoso de te tocar outra vez. Volte para a cama.

— Não estou pronta para isso. — Ela franziu cenho, cravando seus calcanhares no suave tapete oriental sob seus pés. — Ainda tenho perguntas.

— Pode fazê-las mais tarde. Agora, tenho coisas mais importantes que fazer.

Ele deu um puxão forte ao lençol, tão rápido que Reggie não teve tempo de soltá-lo. Caiu para frente e aterrisou diretamente nos braços dele. Tinha-a na cama e debaixo dele outra vez tão rápido que se sentiu enjoada.

— Misha, basta! — Ele jogou o lençol a um lado, fixou seus braços sobre a cabeça com uma mão, e começou a torturá-la com lambidas provocadoras e dentadas que se deslizaram descendo de sua garganta a seus seios. — Falo a sério. Tenho que decidir o que vou fazer contigo.

— Tenho várias sugestões para você.

— Estou certa que sim, mas isso não é o que eu quis dizer — tratou de infundir um tom firme e resoluto a suas palavras, mas não era tão fácil quando o homem tinha ganhado seu mamilo e soprava na ponta úmida para ver a aureola enrugar-se. Ela conteve um gemido. — Acabo de descobrir que meu amante é um vampiro. Tenho que tomar algumas decisões.

Dmitri se moveu para cima outra vez e se acomodou sobre ela, o peito nu a pressionando-a contra o colchão, suas pernas entre as dela, o tecido áspero de seu jeans atormentava sua pele nua. Ela podia sentir o comprimento de sua dureza pressionando-se contra ela, mas foi o calor terno de seus olhos o que a cativou.

— Dushka — murmurou ele, usando sua mão livre para segurar seu rosto e esfregando o polegar sobre a boca suave. — Tenho medo que suas decisões já tenham sido tomadas. Não permitirei que me deixe. É minha, e tenho a intenção de ficar com você.

— Ficar comigo? — Ela piscou. — Não pode simplesmente decidir ficar comigo!

— E quem me deterá?

— Eu o farei! — ela se retorceu sob ele, tentando escapulir-se de seu abraço. Não é como se lhe servisse de algo. O homem pesava uma tonelada, e todo esse peso era músculo. Ele a controlou facilmente. — Nunca deixei que um homem me diga o que posso ou não fazer, e não vou começar agora, Sr. Ditador. Tenho mente e vontade própria, e não sou sua posse!

— Mas eu te possuí, milaya.

— Um grande maldito aplauso para você — grunhiu ela, ainda retorcendo-se. — Isso não te dá nenhum direito sobre mim. Posso gostar de deixar que faça sua vontade na cama, Dmitri, mas fora dela é uma história completamente diferente. Sou sexualmente submissa. Não um capacho.

Dmitri suspirou.

— Nunca pensei que fosse um capacho. E nunca te tratei como um. Amo seu fogo e sua veia obstinada. Eu não gostaria de arrebatá-lo

Suas palavras a convenceram em ao menos deixar de lutar, de qualquer forma não é como se parecesse estar impressionando-o de algum jeito.

— Dmitri, se ama essas coisas sobre mim, então como pode me pedir que te deixe tomar este tipo de decisões por mim?

— Regina, como pode esperar que te deixe ir?

Suas palavras suavemente ditas, e sua expressão de cansado desejo quase a fizeram derreter-se. Esteve a ponto de abandonar seus medos aí mesmo, envolver suas coxas ao redor dele e lhe dizer, “senhor, sim, senhor”. Mas sua mente a salvou, fazendo que seu coração voltasse para seu tórax e mantendo-o a raia até que esclarecessem o resto desta confusão de uma vez por todas.

— Dmitri, mal me conhece. Passamos um total de aproximadamente doze horas juntos em uma semana. Por que devo supor que me quer? Por isso? — Ela arqueou seus quadris contra ele e ignorou o brilho de prazer que lhe causou. — De algum jeito, não penso que tenha muitos problemas para ter relações sexuais.

Os olhos dele cintilaram.

— Pensa que isto é simplesmente “ter relações sexuais” para mim? — Exigiu ele, sua frustração era clara. — Pensa que me sinto desta maneira com outras mulheres? Que você se sentiria desta maneira com outros homens? É minha companheira. A mulher que nunca encontrei em todos meus séculos de vida. A que nunca pensei encontrar. E não te deixarei ir.

Isso esteve quase o suficientemente bem, reconheceu Reggie para si mesma entre a corrente de prazer e assombro que a declaração tinha causado; mas quase não contava. Ela queria todo o pacote. Assim, cravou ao leão ferido.

— Por que não, Dmitri? — que o instinto de conservação fosse ao inferno. Era seu futuro sobre o que estavam sapateando. Se tinha que pô-lo furioso para conseguir o que queria, que assim fosse. — Por que não deixar ir? Por que não considerar isto como um par de noites de bom sexo e seguir com sua próxima conquista? Por que não me deixar seguir? Por que não me deixar chamar Marc e nos deixar ter um encontro verdadeiro esta vez? O tipo de encontro que não se termina no restaurante, a não ser em uma cama ou no piso ou no assento de trás de seu carro. Por que não?

— Porque eu te amo! — rugiu ele. — E nenhum homem que não seja eu te tocará!

Um sorriso curvou sua boca até que provavelmente se via como uma idiota. Não lhe importava.

— Bem, então está tudo bem.

— Vai ser minha esposa, e me nego a ouvir... — ele se deteve repentinamente na metade da frase e piscou para ela. — O que disse?

— Disse que está tudo bem, grande bobo. — Ela sorriu abertamente. — Eu também te amo. Não quero que ninguém mais me toque. E a propósito, se isso foi uma proposta, e foi, foi uma espantosa desculpa de proposta, então a resposta é sim.

— Sim?

— Sim — repetiu e puxou com impaciência de seu agarre, que ainda retinha suas mãos sobre sua cabeça ao colchão. — Me casarei contigo, com a condição de que me peça isso outra vez como é devido. E já que estou planejando celebrar no mínimo nosso quingentésimo

aniversário, isso significa que também terá que me fazer um vampiro. Começemos. Não espero com ânsias a parte de beber sangue, assim, que acha de terminarmos com isso primeiro?

O homem se via positivamente aturdido.

— Quer se casar comigo e converter-se em vampiro?

— Não é isso o que acabo de dizer? — Finalmente liberou suas mãos de um puxão, ou ele deixou que liberasse suas mãos de um puxão, e as envolveu ao redor do pescoço dele. — Agora nos apressemos antes que perca a coragem. Não sobre a parte do casamento, sobre a parte do vampiro. Realmente não sou boa com sangue. Desmaio apenas de vê-lo. Não terei que ver sangue quando o beber, não é? Porque isso poderia fazer as coisas um pouco difíceis para mim.

Enquanto ela balbuciava, a expressão de Dmitri mudou de perplexa a satisfeita. Quando ela finalmente ficou em silêncio, a expressão trocou a seu malvado estado natural.

— Pode manter os olhos fechados, se o desejar — ronronou ele, empurrando suas coxas para separá-las e colocando seus quadris mais profundamente entre o berço que formavam as dela. — Mas se o fizer, poderia perder algo.

Reggie gemeu e sepultou os dedos em seu cabelo espesso e escuro quando ele baixou a cabeça e se pegou a seu franzido mamilo.

— OH, não. — gemeu ela. — Não quero perder nada.

Capítulo Dezesseis

Nenhum homem deveria ser capaz de excitá-la tão rápido, Reggie pensou enquanto se fundia sob a boca morna de Dmitri e seus hábeis dedos. E nenhum homem deveria estar levando seu jeans enquanto ele a punha assim quente.

Obrigando as mãos a deixar seu irresistível ninho em seu cabelo, ela as deslizou sobre os ombros e entre seus corpos, ao botão em sua cintura.

Dmitri riu entre dentes e levantou sua cabeça de seu seio.

— Alguém se sente impaciente?

— Alguém te arracará os jeans com os dentes se não os tirar nos próximos quinze segundos — ela se queixou, já no terceiro botão. Só um para acabar.

— Promessas, promessas — brincou ele. Fazendo alavanca, apoiando-se em seus joelhos, afastou as mãos dela e terminou o trabalho ele mesmo, tirando o jeans de algodão e deixando-o cair ao lado da cama.

Reggie teve que tomar vários fôlegos profundos para impedir de chiar, "*Me tome!*" como a heroína de uma novela romântica melodramática. Algum dia ela se acostumaria ao aspecto deste homem? Da cúpula de seu cabelo despenteado e negro às reveste de seus pés fortes e nus, o homem gotejava perfeição masculina. E ele era todo dela. Ela ofereceu acima uma oração rápida e fervente de Obrigado enquanto ele voltava para ela sobre mãos e joelhos.

— Socorro — ela sussurrou, um pequeno sorriso curvava seus lábios enquanto a luxúria obscurecia seus olhos. — Acredito que estou a ponto de ser violada por um malvado vampiro. Socorro. Que alguém me ajude, por favor.

— Não há ninguém para ouvir seus gritos, moça. — Sorriu-lhe abertamente, malvado e atraente, enquanto ele forçava suas pernas bem abertas e avançava lentamente entre elas. — Tenho você a minha mercê.

— E será misericordioso? — Sua pergunta deixou claro que misericórdia era a última coisa que queria. Ela alcançou para rascar uma linha abaixo ao centro do peito antes de envolver a mão ao redor de seu erguido membro.

— Não, nem sequer se me pedir isso, Milka.

Reggie exalou um suspiro feliz.

— Ah, bom.

Dmitri riu entre dentes e afastou sua mão de seu membro.

— Você não influirá em minha intenção. Vou te ter quando quiser, e não pararei. O que pensa disto, Regina?

Ela se retorceu um pouco mais perto, separou as pernas um pouco mais e se agarrou à barra inferior da cabeceira com ambas as mãos.

— Acredito que seja melhor começar.

— Há muito que fazer — reconheceu ele, e se dobrou para beijá-la.

Ela separou os lábios gostosamente para ele, lhe dando a boas-vindas dentro com zombadores golpes de sua língua. Ela adorava beijá-lo, adorava quando ele bloqueava o mundo com sua sombra, seu calor e sua paixão. Quando eles se beijavam, sentia-se quase perto dele como quando ele sepultou seu membro profundamente dentro dela, mas em vez de aliviar sua frustração, seu beijo a aumentou, e ela gemeu.

Ele retrocedeu e inspecionou seu rosto, suas pálpebras pesadas, sua respiração rápida e superficial, os lábios úmidos e inchados. Sorriu com satisfação, e a aturdiu afastando-se e ficando em pé, lhe dando um tapa afetuoso no flanco.

— Acordada.

— O que? — olhou-o carrancuda, aturdida e um pouco desgostosa.

Ele cruzou os braços através seu peito e olhou para ela.

— Sim, consigo lhe violar sem misericórdia desta vez, tenho alguns encantos específicos em mente. Assim, levante-se.

Reggie soltou a barra da cama e se sentou abruptamente. Suas sobrelanceiras franzidas se converteram em um cenho.

— Melhor que isto seja bom — disse ela de mau humor, deslizando-se da cama e pisando forte até estar de pé ao lado dele.

— Confia em mim. Será. — Deu-lhe uma piscada e subiu de retorno ao colchão, colocando-se em uma posição assentada, com as costas contra a cabeceira e suas pernas dobradas ao estilo índio a frente dele, o olhar de pachá preguiçoso outra vez. Ele deu golpezinhos em seu regaço. — Vem aqui.

Agora isto tinha possibilidades

Reggie abandonou seu cenho e avançou lentamente atrás dele, de repente desejosa por jogar. O homem a convertia em uma dissoluta, e moço, era divertido.

Ele agarrou seus quadris quando ela parou na frente dele.

— Sente-se escarranchada sobre mim.

Ela obedeceu com prontidão. Subiu em seu regaço, as pernas a ambos os lados de seus quadris; mas quando desceu para encaixá-lo nela, ele agarrou sua mão e a dirigiu a seu

ombro. Mantendo uma presa em seu quadril, ele repetiu o movimento com a outra mão dela, sustentando-a firmemente para lhe impedir de empalar-se em seu membro.

— Ainda não — ele repreendeu. — Espera até que tenha permissão, moça travessa. Quero que mantenha suas mãos exatamente onde as coloquei. Entendeu?

Ela assentiu, desejosa e sem fôlego.

— Bom. Agora fique absolutamente quieta.

Reggie tentou, ela realmente o fez. Mas quando ele liberou seus quadris e deslizou as mãos mais abaixo, atormentando sobre seu sexo antes das deslizar sob suas coxas, ela não pôde evitá-lo. Ela tremeu.

Então ela aceitou sem pensar o impacto agudo de sua mão contra seu traseiro quando lhe deu um firme tapa.

—Disse quieta.

Reggie puxou o ar e assentiu, fortalecendo seus músculos contra o movimento mais involuntário. Não porque ela não quisesse que ele a surrasse outra vez (Senhor, só pensá-lo fazia que seus sucos fluíssem, sem contar o que a realidade lhe tinha feito. Ela tinha derramado por toda sua coxa!), mas como ela o necessitava dentro de si desesperadamente, e esperava que o obedecesse, ele chegaria ali muito mais rápido.

— Vai se comportar? — exigiu ele.

Ela assentiu e seus dedos se apertaram em seus duros ombros.

— Bom. Levanta os quadris.

Ela obedeceu imediatamente. Levantou-se de joelhos até que seus quadris se elevassem umas polegadas dos dele e se congelasse outra vez.

— Muito bem, Milka.

Suas mãos se deslizaram por trás entre suas coxas, com os nódulos deliberadamente roçando de passagem contra seu sexo. Ele moveu o braço direito contra sua coxa até que ela tivesse que desobedecê-lo e movê-lo, ou... bem, ela teria que movê-lo. O homem era mais forte que Godzilla. Ela vacilou à beira da ação e reação durante um punhado de segundos.

— Levanta a perna e a ponha sobre meu braço — mandou ele, lhe dando a desculpa que ela necessitava.

Ela jogou seu peso ao joelho direito, dispondo-se a pôr a esquerda sobre seu braço como ele ordenava. Ele a surrou bruscamente com a mão esquerda e a obrigou a mover-se para trás aonde tinha estado. Ela quase poderia sentir o rastro vermelho brilhante que sua mão tinha deixado em seu traseiro.

— Só te disse que movesse a perna — queixou-se ele, fixando-a com um olhar repressor.

— Mas me estou ajoelhando. Se mover aquela perna, cairei.

— Não te deixarei cair, dushka — assegurou ele —, mas tampouco te deixarei me desobedecer. Mova sua perna.

Reggie fez como ele mandou, preparando-se para derrubar-se em um montão enredado em cima dele, mas não o fez. Logo que ela moveu a perna, simultaneamente agarrando seus ombros mais forte para manter o equilíbrio, ele deslizou seu braço debaixo dela, e encaixando a bochecha de seu bumbum em sua mão, sustentando-a segura e estável.

— Bom. Agora a outra.

Ela respirou profundamente, sabendo que a única coisa em que ela teria que confiar para sustentá-la era Dmitri. É obvio, o homem poderia sustentar provavelmente a Torre de

Pisa, assim por que devia duvidar dele? Ela obedeceu, levantando sua perna direita, sentindo seu braço deslizar-se debaixo dela naquele lado também, agarrando a outra bochecha de seu traseiro.

— Agora, ponha as mãos em cima de sua cabeça e as deixe ali.

Ela o fez, deixando sua última onça de controle. Tentativamente, lhe deu seu peso, relaxando o corpo até que realmente estivesse completamente a sua mercê

Com seus joelhos cobertos sobre seus braços, ela não tinha nenhum controle e nenhuma ação de alavanca. Não podia mover-se a menos que ele a movesse. Não podia escapar, não podia aproximar-se mais. Tudo que podia fazer era contemplá-lo inutilmente e sentir a seu sexo ficar mais e mais molhado.

Dmitri devia ter notado sua excitação. Mesmo se não pudesse sentir sua umidade, ele poderia ver claramente que seus mamilos estavam tão duros como pequenos calhaus. Ela sabia que poderia vê-los, porque ele os olhou fixamente, claramente apreciando que a forma e a posição que ele tinha ordenado que ela assumisse tinha empurrado seus seios adiante dela.

— Muito agradável, milaya — murmurou ele, ainda contemplando seus mamilos. — Então, pode ser uma boa garota quando quer. Quanto supõe que pode durar isso?

Quando ele estalou a língua sobre seu mamilo e chupou o pequeno broto apertado na boca, ela calculou que perto de cinco minutos. Quando ele trocou seus braços para impulsionar os quadris mais perto de si e deu um golpezinho em sua vagina com a cabeça inchada de seu membro, ela revisou a estimativa para baixo, perto de cinco segundos. O homem tentava matá-la.

— Por favor, Misha — pediu ela, apertando os dedos em seu próprio cabelo. — Necessito que me foda.

Ela não ia esbanjar o tempo, fazendo-o que a persuadissem para dizê-lo. Ela o queria agora.

Ele liberou seu mamilo e acariciou com o nariz um atalho a seu outro seio.

— Diz isso com tanta graça, Milka. Como poderia eu lhe negar isso?

Reggie não tinha a menor idéia e nenhum desejo de averiguá-lo. Por sorte, ele não a fez fazê-lo. Os dedos se apertaram em seu traseiro, e ela sentiu os músculos em seus braços esticar-se e contrair-se enquanto ele a baixava lentamente em sua ereção, tão que lentamente que contou cada polegada separada enquanto ele a enchia. Ela deu um ofego, um gemido atormentado. Nesta posição, ele se sentia enorme, tão terrivelmente imenso como a primeira vez. Outra vez, o prazer batalhou com a dor enquanto sua vagina procurava esticar-se para acomodar seu comprimento e espessura.

— OH, Deus — gemeu ela. — Espera, Misha! Espera, espera, espera.

— Não — grunhiu ele. — Você tomará, milaya. Preciso que me tome assim. Relaxe para mim. — Ela se estremeceu, desejando que fosse tão fácil, mas não havia nada fácil sobre isto.

Mordendo com força seu lábio inferior, ela forçou os músculos a lhe dar lugar, desejando todo o tempo que ela pudesse forçar-se para baixo nele. Se ela pudesse terminá-lo rapidamente, como arrancar uma tirinha, ela sabia que seu corpo se ajustaria, mas ele tinha toda a ação de alavanca. Quando ele a desceu em seu membro, ela se fez cada vez mais impotente. Enquanto ele baixava os quadris, simultaneamente mudou seus braços, forçando a suas coxas a levantar-se e dobrar-se ainda mais para seu corpo. Quando ele finalmente se afundou até o punho nela, ela estava dobrada quase em duas. Movendo as pernas outro par

de polegadas, poderia descansar os tornozelos em seus ombros, embora ela não se movesse. Sentou-se simplesmente ali, empalada em seu membro e ainda tensa e obediente.

Misha arqueou o quadril sob ela, assegurando-se de que nem um centímetro de carne ficava fora de seu corpo. Com um gemido forte, ele apertou as mãos em seu traseiro, os dedos afundando-se profundamente na tenra greta enquanto ele enterrava o rosto na curva do seu pescoço.

— Deus, te sinto tão bem ao meu redor, dushka. Sua vagina é tão doce e apertada, e tão molhada para mim.

Suas palavras pareceram quase tão eróticas como sua posse, e seu sexo se contraiu na resposta. Ela gemeu.

— O que sente, milaya? — Exigiu ele, levantando umas polegadas para poder sentir o prazer de empurrar dentro dela outra vez. — O que sente quando estou dentro de você?

— A você, Misha — ofegou ela, tomando-o impotentemente enquanto ele estabelecia um ritmo de impulso lento, pesado, levantando-a de seu membro e empurrando de repente seus quadris para trás. — Você é tudo o que sinto. Tudo no que penso. Deus, você é tudo que conheço.

Misha gemeu sua reação e aumentou a velocidade de seus impulsos até que os seios de Reggie ricochetearam de cima abaixo com cada impacto. Ela viu seus olhos fixarem-se nos seus antes que ele se apoiasse para frente e tomasse um mamilo, ainda vermelho por seus cuidados de antes, e chupasse com força.

Reggie gritou, e seu corpo se arqueou impotentemente mais perto, demandando mais. A pressão da boca aumentou, chegou a ser quase dolorosa, e Reggie desfrutou disso. Ela desfrutava de tudo o que o fazia, de cada toque, cada beijo, cada impulso de seu membro. Adorava a maneira em que os dentes puxavam seu mamilo e dos dedos que se afundavam em seu traseiro. Tinha adorado inclusive suas duras palmadas quando ele a tinha surrado. Queria tudo o que ele tinha para lhe dar. Queria-o.

— Misha! — Gritou ela quando seu controle se rompeu, e ela rodeou os braços ao redor dele, atirando-o mais perto, como se pudesse avançar lentamente dentro de sua pele. — Misha, te amo tanto. — Ela gritou, choramingou enquanto gozava, o prazer a enlouquecia e desesperava.

Isso foi o final. As palavras alagaram de alegria, romperam seu controle andrajoso, e ele a fez girar até colocá-la sob ele. Enganchando os braços sob joelhos, ele apertou as pernas contra seu corpo e empurrou nela como um animal. Ele a fodeu como se fosse o fim do mundo, e ela estava debaixo dele, apertando os punhos nos lençóis até as romper, impotente para fazer algo exceto tomá-lo e deleitar-se em sua selvageria.

Ele bombeou nela, enchendo-a com sua ejaculação, e enquanto ele se derramava na vagina apertada, ele afundou suas presas na veia azul que corria pelo seio a sua auréola e bebeu o sangue de seu mamilo.

Capítulo Dezessete

“Acho que desmaiei. Acho que ele me fodeu até que desmaiei.”

“Você fodeu até que ambos desmaiámos.”

Ele acariciou com o nariz em seu peito e plantou um beijo suave em seu mamilo sensível, no qual se alimentou. Estava meio convexo em cima dela, seu peso sujeitando-a no lugar. Via-se absolutamente reticente de mover-se. Francamente, Reggie não podia culpá-lo. Ficar justo onde estavam parecia condenadamente bom a ela, também.

Um satisfeito e provavelmente tolo sorriso, curvou sua boca.

— Sim. E foi fantástico. — Dmitri riu entre dentes. — Me alegro que o desfrutasse, dushka, porque não acredito ser capaz outra vez por ao menos meio século.

Reggie acariciou sua orelha com o dedo e enganchou uma perna sobre seu quadril. Seu sorriso se tornou malvado.

— Provamos em meia hora?

Desta vez, ele riu com vontade, e o ruído retumbante sacudiu a cama.

— É uma otimista. É impossível.

Sua mão se deslizou sob suas costas e entre as coxas para fazer cócegas ao seu escroto. Ele retificou sua opinião.

— Muito pouco provável.

Ela apertou brandamente

— Quase inevitável.

Reggie riu.

— Basta, moça — grunhiu Misha, afastando-se dela e levantado-se, para inclinar-se uma vez mais contra a cabeceira. Quando ele a puxou em seu regaço, Reggie escoiceou.

— Não assim outra vez — protestou ela. — Meus quadris estão muito doloridos da última vez.

— Que adúladora é sua confiança em mim — riu ele —, seu indulto durará um momento mais. Temos outros assuntos de que nos ocupar, além das ânsias de nossos corpos um pelo outro.

Reggie piscou.

— Temos?

— Temos. Concordou em casar comigo, Regina. Não me diga que já o esqueceu.

Ela sorriu abertamente ante sua expressão de fingida desaprovação.

— Bem, confesso que me distraí, mas não, me recordo. — Ela beijou seus lábios firmes. — Eu espero com muita ilusão.

— E me pediu para te converter em um vampiro. — Seus olhos escuros procuraram sua expressão.

Reggie o fez fácil para ele e fez uma careta.

— Não pensei naquela parte com muita ilusão.

Dmitri abraçou e acariciou suas costas com movimentos calmantes.

— Não tem que fazer isto, dushka. Não é necessário. Podemos nos dirigir bastante bem se desejar permanecer sendo humana.

Compreendendo quão estúpida e tola que seria ao rechaçar a um homem que era tão quente na cama, e mandando ao diabo seus sentimentos, Reggie sacudiu a cabeça e levantou um rosto resolutamente alegre.

— E te deixar partir a perseguir jovens doces assim que começar a me enrugar? — ela brincou. — Não é uma possibilidade. Como disse, quero um aniversário de quinhentos. O que é isso? Platina crua? O que vem depois de prata, ouro e diamante?

Ele sorriu como se sua resposta o agradasse.

— Não tenho nem a menor idéia, entretanto seria um prazer descobri-lo contigo.

Ele a beijou profundamente e a encarrapitou desconcertada em seu regaço, enquanto colocava a mão na gaveta da mesinha e tirava uma adaga embainhada.

— Porque ainda não tem presas — explicou ele. Ele tirou o couro protetor, e seus olhos se arregalaram.

Parece terrivelmente agudo...

Ele cavou seu queixo e forçou a seu olhar fixo trocar da faca a seu rosto.

— Não tem que fazê-lo — repetiu ele com firme autoridade. — É para sempre, Milka, e prefiro te perder a fazer que chegue a me odiar.

De algum jeito, a liberdade daquela opção fez com que a decisão de atar-se a ele fosse muito mais definitiva. Ela o beijou meigamente, atrasando-se, lhe mostrando sem palavras quanto o amava e quanto queria estar com ele para sempre.

Quando ela se afastou, sua expressão tinha calor, amor e humor.

— Para sempre pode não ser suficiente tempo para mim — lhe advertiu, meio em brincadeira. — Poderia te seguir além da vida. Talvez devesse pensar duas vezes nisto.

— Não teria que me seguir. Não iria sem você, dushka.

Reggie sorriu, os nervos cederam o passo a um sentido de paz e entusiasmo.

— Então façamo-lo, moço, antes que resolva voltar atrás. O que tenho que fazer?

Ele procurou seu rosto uma última vez antes de cabecear, pelo visto contente pelo que tinha lido ali.

— Como disse, terá que beber de mim. Farei um pequeno corte em minha carne. Terá que beber o sangue dele.

— Tenho que beber muito? — Ela estava disposta a fazê-lo, queria fazê-lo inclusive, mas a idéia ainda lhe parecia um pouco arrepiante.

— Não uma quantidade enorme, mas o bastante para pôr a transformação em movimento. Saberá quando tiver começado.

— Doerá?

— É uma sensação peculiar..., mas não deveria achá-la muito dolorosa.

Reggie absorveu isso, fez uma pausa um momento, e decididamente.

— Bem. Estou preparada. — Sorriu-lhe e antes que ela pudesse piscar, levantou a adaga e se fez um corte magro em seu peito, em cima de seu coração. Ela não podia vê-lo a princípio, mas se inclinou para deixar a adaga na gaveta e quando a encarou outra vez, o sangue tinha começado a filtrar-se da ferida, escuro e espesso contra sua pele.

Reggie mordeu o lábio e pareceu insegura.

— Sua opção, dushka. De uma ou outra forma, te amarei sempre.

Ela respirou fundo, inalando seu aroma masculino junto com o aroma de sexo, e sabia que ele falava sério.

— Bom — ela sussurrou —, porque nunca escapará de mim agora.

Ela baixou a cabeça, sentindo que o tempo se estendia ao redor em câmara lenta. A primeira gota de sangue fluíu facilmente e gotejou sob o peito dele. Reggie se aproximou justo

quando alcançou o mamilo. Capturou-a com a língua, acariciando-o enquanto o fazia. O sabor era familiar e estranho, escuro e rico e acobreado como ele, mais doce que seu orgasmo, mais salgado que sua boca. Considerou o sabor intrigante.

Ela riscou o caminho carmesim por seu peito até ferida e arrastou a língua pelo corte, limpando o do sangue acumulado. Mais brotava em seu lugar, e quando as primeiras gotas se deslizaram facilmente por sua garganta, ela se deu conta que queria mais. O sabor dele se alterou justo enquanto sorvia o primeiro bocado de sua ferida. Fez-se mais doce e suave, como um licor diferente. O gosto acobreado do sangue suavizou-se, e viu que podia saboreá-lo como o vinho. Ela ronronou profundamente em sua garganta e se aconchegou mais perto, enquanto começava a beber dele de verdade.

Ele a fez perder a cabeça e beber com gosto dele. Não podia aproximar-se bastante a ele. Inclusive quando envolveu seus braços ao redor dela e rodou a seu lado, trazendo-a com ele, ela quis mais. Quis fundir-se com ele, avançar lentamente dentro dele e ficar sob sua pele, ao lado de seu coração. Ela enganchou a perna sobre seu quadril e pressionou seus quadris contra ele, chupando avidamente de seu peito. Sentia-se tão sedenta, e ele era o único que poderia apagar sua necessidade.

Ela flutuava em uma neblina negra, todo o resto amortecido, menos seus sentidos, que eram agudos. Ela se orgulhou da textura de sua pele e cabelo, provou seu sangue, cheirou seu aroma e o desejou. Ouviu que ele gemia em algum lugar acima dela, e sua mão apertava sua coxa e o elevou mais. Sua grossa longitude sondou em sua sensível abertura e se deslizou profundamente.

Isso a afligiu. Ela afundou seus dentes em sua pele, sem saber que se aumentaram e afiaram enquanto se alimentava. Ela o puxou mais perto com uma força recém descoberta, encontrando cada impulso seu quando ele começou a remexer-se dentro dela. Nunca havia sentido nada parecido. Antes, quando Misha a havia fodido, ele tinha sido o centro de seu universo. Agora, ele era o centro do universo, e ela quis chorar e uivar com a alegria que sentia. Em vez disso, bebeu profundamente e gemeu contra sua pele quando ele inclinou a cabeça e afundou suas presas profundamente em seu pescoço. Ele bebeu o sangue que ela tomava, e a paixão e o poder formaram um arco entre eles, uma cadeia interminável de prazer e calor, luxúria e amor.

A tensão se rompeu sobre eles simultaneamente, sua vagina ordenhando seu pênis enquanto ele pulsava sua liberação dentro dela. Ela arrancou a boca de seu peito e gritou, um som de uma alma em êxtase e transformação. Ecoou-lhe com um rugido animal de prazer e triunfo. Eles se fundiram juntos em um monte enredado de sangue, sexo e suor.

Quando Reggie finalmente conseguiu mover-se, muito tempo mais tarde, deu-se conta que ali realmente não havia sangue. Como ele havia dito, as feridas pareceram haver-se fechado ainda enquanto eles se lançaram um contra o outro. Mas havia muito suor e muito sexo.

Reggie enrugou seu nariz.

— Necessito uma ducha.

Por alguma razão, Dmitri achou isso imensamente divertido. Ele riu em voz alta e abraçou seu traseiro.

— Te amo, dushka. Eu te adoro.

— Você adoraria mais se eu não fedesse — disse ela. Ela cheirou e arqueou uma sobrancelha para ele. — De fato, penso que eu adoraria mais se você...

Dmitri a fulminou com o olhar, embora seus olhos brilhassem com humor.

— Não me insulte me dizendo que fedo, Regina Elaina. Posso ter te trocado, mas ainda sou o que está ao comando aqui.

— Sim, sim. Você é o grande macho alfa, o Único Eminente — disse ela, empurrando seus ombros até que ele rodou longe dela. — Mas vou tomar uma ducha. Converter-se em um vampiro toma muito de uma moça. Que porta conduz ao...

Seu bate-papo se deteve abruptamente, e Reggie retrocedeu à cama com um golpe surdo.

— Ah, uau. Quase o esqueci. Sou um vampiro.

Dmitri contemplou seu olhar aturdido com humor.

— Quase. Levará umas horas mais para que a transformação seja completa, mas está em transição.

— O que quer dizer com “quase”? — Ela exigiu, fulminando-o com o olhar. — Bebi sangue. Tive presas!

— Isso foi simplesmente a primeira etapa — soltou ele, sentando-se na beira da cama e arranhando o peito distraidamente. — Em algumas horas também terá uma excelente visão noturna, uma força assombrosa, audição aguda e velocidade incrível. Não terminou ainda.

Isso lhe apagou as fumaças.

— Ah.

Ela pensou durante um segundo, e quando olhou para trás, pareceu que tramava algo.

— Conseguirei ser tão forte como você?

Ele riu em voz alta.

— Não é possível. — Ela fez uma careta, e ele beijou a ponta de seu nariz. — Não só sou setecentos e trinta e dois anos mais velho que você, dushka, mas também sou um homem. Mesmo entre nossa raça, a natureza lhe deu a vantagem aos homens quando se trata da força.

Reggie resmungou e se deteve, dirigindo-se para a porta que ela pensou poderia conduzir ao quarto de banho.

— Então adivinho que se for igual aos humanos, a natureza compensou às mulheres lhes dando a vantagem quando se trata da inteligência.

Ela pontuou seu comentário olhando-o para trás sobre seu ombro e tirando sua língua. Claramente, tinha a maturidade de seu lado, também.

Dmitri deu um grunhido fingido e começou a ir atrás dela, mas o ensurdecedor golpe da porta açoitando-se contra a parede deteve ambos em seus lugares.

— Afaste-se dela, bastardo chupador de sangue, antes que te converta em espeto de vampiro!

Capítulo Dezoito

Reggie levou alguns segundos para poder fechar a boca, mas a vista de suas quatro melhores amigas irrompendo pela porta do dormitório de seu amante, brandindo cruzeiros e estacas de madeira afiadas, realmente podem agitar a uma moça.

Danice cautelosamente avançou para deter-se ao lado de Ava, mantendo uma cruz improvisada, formada de duas réguas e fita adesiva, na frente dela. Corinne e Missy entraram no quarto e tomaram posições, rodeando-as.

— Vamos, Reg — insistiu Danice, sua voz suave e calma, como se falasse com uma criança ou uma vítima de algum crime violento. — Estamos aqui por você. Tudo estará bem agora. Só venha aqui, e a tiraremos daqui. Pobre neném.

Reggie só a contemplou.

— Estão loucas? Que demônios fazem aqui?

— Acredito que é a cavalaria, dushka. Suas amigas vieram a te resgatar do mau, das garras do chupador de sangue. — A voz de Dmitri revelou exatamente quão divertida considerava a situação. Reggie deu uma olhada em sua direção e o viu inclinar-se, indiferente, contra o pilar da cama, os braços cruzados sobre seu peito musculoso e as pernas cruzadas nos tornozelos. Suas pernas muito descobertas, já que ainda estava completamente nu.

E ela também.

— Santo Deus, garotas! Talvez pudessem ligar da próxima vez? Não estamos exatamente vestidos para ter companhia. — Queixando-se nervosamente, Reggie retornou com passo majestoso para a cama, puxou um lençol e o envolveu ao redor do corpo como uma toga provisória. Quando Dmitri não fez nenhum movimento para cobrir-se, ela agarrou um travesseiro e o lançou.

Ele o agarrou e sorriu.

— Suspeito que ele deve estar utilizando algum tipo de controle na mente dela. O que fazemos agora? — Corinne sussurrou sua teoria, mas Reggie a ouviu sem problema. Sua audição tinha melhorado já.

— Dmitri não controla minha mente, idiota! E nenhuma de vocês tem uma maldita coisa a fazer aqui, exceto desculpar-se por interromper sem serem convidadas e sair de uma fodida vez daqui para que possamos nos vestir.

Ava não fez caso do cenho de sua amiga e avançou, sustentando um intrincado crucifixo dourado para Dmitri.

— Não vamos partir sem você, Reggie. Sabemos tudo a respeito de seu novo amante. Ele não estava só na festa Gótica por prazer. Ele é um verdadeiro vampiro. Não está segura com ele.

— Você está louca!

— Não, Reggie, é verdade! — Missy, agarrando sua própria cruz, aproximou-se de Regina, seu rosto um retrato sério de preocupação. — Pensei que ela estava louca também, ao princípio. Mas então, o que nos explicou começou a ter sentido. Sabia que as únicas fotos registradas dos antepassados do Vidame são dos filhos adultos maiores? Nem mães, nem pais, nem crianças, nem velhos. Só os homens em seus trinta anos que se vêem quase que exatamente semelhantes.

Reggie começou a abrir sua boca para lhes colocar um pouco de bom-senso a suas amigas, mas Danice a freou.

— É a verdade! É estranho, Reg. Cada imagem fotográfica poderia ser o gêmeo deste cara, e em todas as fotos, o tipo só é visto alguma vez de noite! — Danice se estremeceu.

— E que tal essa dentada amorosa em seu pescoço, Reg? — Corinne anunciou. — Danice tinha razão todo o tempo. Era uma marca de mordida. Este monstro bebeu seu sangue. Digo-lhe isso, é um vampiro!

— E eu te digo, EU SEI!

O grito de Reggie atravessou diretamente pelos protestos de suas amigas e fez até com que Dmitri elevasse uma sobrancelha. Reggie pensou em tirar com uma bofetada esse sorriso satisfeito de seu rosto, mas se negou a recorrer à violência. Por melhor que parecesse. Contentou-se fulminando-o com o olhar e grunhir, antes de voltar-se para suas amigas.

Ava lançou um olhar à expressão de Reggie e ficou rígida. Corinne gritou e Missy pareceu a ponto de desmaiar. Danice saltou para trás até que se chocou com a parede, e Ava voltou sua cruz para a amiga.

— Deus, Regina, sinto muito — sussurrou Ava, uma máscara de agonia retorcendo seus traços. — Viemos tão logo soube pelo Marc que tinha sido seqüestrada do restaurante. Mas chegamos muito tarde. Ele te converteu em um deles.

— Como sabe disso? — Reggie exigiu. A reação de Ava machucava seus sentimentos.

— Suas presas — explicou Dmitri, deixando cair o travesseiro e parando ao lado de Regina para envolver seu braço ao redor de seus ombros. Ele não prestou atenção às reações de suas amigas esgrimindo suas cruces. — Você se zangou, dushka, e suas presas surgiram. Essa é uma reação emocional que aprenderá a controlar.

— Sim, e espero que mantenha isto em mente sobretudo agora. Toda essa coisa de controle de emoções. — Graham apareceu na entrada, mostrando-se envergonhado. Ele encolheu os ombros para Dmitri. — Eu fiz o melhor que pude.

Reggie elevou suas mãos ao ar e atacou Dmitri.

— Grandioso! Agora damos uma festa em seu dormitório! Convidou aos vizinhos, ou só a seus companheiros vampiros mais próximos?

Dmitri lhe lançou um olhar impaciente antes de fulminar com o olhar ao novo intruso.

— Graham não é um vampiro. É um homem lobo, e não o convidei absolutamente. De fato, assumi que vigiaria suas amigas e impediria que este mesmo acontecimento acontecesse.

— Me dê uma tempo, Misha — disse Graham, entrando no quarto com uma expressão beligerante. As quatro mulheres humanas se dispersaram fora de seu caminho. — Eu gostaria de te ver tentar vigiar a quatro humanas envenenadas de estrogênio. São uma moléstia real. Quase fizeram com que Rafe chutasse meu traseiro por lhe pedir que me ajudasse com elas.

— Realmente, eu gostaria muitíssimo te chutar o traseiro por isso. — Outra voz masculina chegou do corredor um segundo antes que um desconhecido moreno entrasse no bendito dormitório.

Reggie soltou um grito afogado.

— Esse é outro homem lobo que não convidou? Deveria esperar que toda a população não convidada de Manhattan se una a nós depois? Supõem que serviremos um refrigerante?

— Homem gato — Rafe corrigiu com um sorriso preguiçoso. — Não sou um lobo, mas licântropo é um bom termo, que garantiu não ofender a qualquer de nós. E sou Rafael De Santos. Alegra-me te conhecer.

Regina reflexivamente moveu a mão que lhe estendeu antes que recordasse quão furiosa toda esta farsa a deixara. Ela afastou a mão e a usou para empurrar Dmitri com força no ombro.

— Tudo isto é sua culpa!

— O que é minha culpa? — Dmitri pareceu ofendido.

— Tudo — proclamou ela. — O fato de perder o julgamento. O fato de que minhas amigas já tenham perdido o julgamento. O fato de que tenho a metade do mundo em meu dormitório, e eu acabo de me converter em um vampiro. Com certeza que até o aquecimento global é sua culpa, também. Não estou segura do que mais ainda.

— Não esqueça o fato de que ele assustou a suas amigas tão perversamente, que estão escondidas atrás da cama — ofereceu Rafe com um sorriso.

Reggie girou e viu suas amigas olhando cautelosamente sobre o colchão do outro lado da enorme cama de Dmitri. Ela girou os olhos.

— Realmente, essa é uma coisa da que posso culpar a vocês dois — disse ela, ampliando seu olhar furioso para envolver ao Graham também. — Estavam bem até que você apareceu. Vocês as assustaram.

— Não somos nós os que estamos agitando cruzeiros — disse Graham. — Penso que isso significa que elas estejam com medo de você.

— Ah! Minhas amigas me conhecem melhor que isso.

Determinada a demonstrar seu ponto — já que sua vida não podia ficar muito mais surrealista que os últimos dez minutos — Reggie avançou ao outro lado da cama, e agarrou as cruzeiros e as estacas das mãos de seus amigas tão rapidamente, que não puderam nem pensar em protestar. Ela agarrou à mulher mais próxima a ela — Danice — e lhe deu um abraço e um sonoro beijo em sua bochecha.

— Viram? Minhas amigas sabem que eu nunca as machucaria. Elas são inteligentes, mulheres modernas que não acreditam em superstições.

Pela extremidade de seu olho, Reggie vislumbrou a mão de Corinne movendo-se furtivamente para uma cruz. Ela avançou de forma casual e plantou seu pé nela.

— Elas sabem que as cruzeiros, o alho e a água bendita são tolices, e os vampiros não são demônios maus das profundidades do inferno. — Ela ignorou as expressões sobressaltadas nos rostos de suas amigas e seguiu. — Elas também sabem que se eu não tivesse uma fé completa em Dmitri, nunca estaria com ele, e que sou uma mulher totalmente capaz de tomar minhas próprias decisões sobre a quem quero me ligar e com quem quero me casar.

— Casar? — Ava quase se engasgou com a palavra.

— E elas sabem que embora eu me convertesse realmente em um vampiro, sou ainda a mesma pessoa que sempre fui, e ainda as quero tanto como antes. E sabem que não escaparão de ser as damas de honra em minhas bodas, assim poderiam acostumar-se também à idéia!

Quando Reggie terminou seu discurso, ela ofegava, suas amigas cambaleavam, e Rafe e Graham pareciam castigados.

Dmitri riu.

— Bem, penso que explicaste tudo à satisfação de todo o mundo, dushka — disse ele, puxando-a em seus braços. — Acredito que só fica fixar a data.

— Não pense que sairá impune, senhor — queixou-se ela, fulminando-o com o olhar. — Simplesmente esta parado aí nu e luzindo todos esses músculos viris a minhas amigas. É indecente! Poderia ir vestir um pouco de roupa?

Ele atirou atrás sua cabeça e riu mais forte.

— Por que deveria? — ele a incitou. — Nossos convidados se vão, e terei que tirar isso outra vez, porque tenho a intenção de fazer amor logo que estejamos sozinhos.

Reggie franziu o cenho.

— Sabe o que dizem sobre as boas intenções.

— Isso se refere só aos bons. Tenho a intenção de ser muito mau, dushka.

— Hum, penso que é nosso sinal para partir — disse Corinne, rompendo a tensão, arrastando-se para cima e parando com pernas instáveis. — É... foi uma noite realmente longa.

Reggie afastou seus olhos de Dmitri.

— Não tem que ir. Sinto ter gritado assim. Só estava um pouco tensa. Mas poderia ficar um momento. Eu poderia conseguir algo de comer.

Ava ficou verde e sacudiu sua cabeça freneticamente.

— Ah, não seja idiota — disse Reggie, pondo os olhos em branco. — Quero dizer que pediria uma pizza ou algo. Só uma bebida. Não vou lanchar a minhas damas de honra.

Missy deu um passo a frente corajosamente e deu a Reggie um abraço.

— Sabemos disso, Reg. Só vai levar um pouco de tempo para nos acostumar. Nos dê uns dias, e asseguro que estaremos bem.

Com o último de sua cólera desvanecida, Reggie se deu conta de que estava nervosa. E se suas amigas não pudessem aceitar no que ela se convertera? O que faria?

Mas quando examinou os olhos de Missy, viu que a outra mulher quis dizer cada palavra.

Sim, Missy estava um pouco sobressaltada, mas seu amor pela amiga era mais forte que o medo. Olhando ao redor, às demais mulheres, Reggie viu a mesma verdade refletida em cada uma delas. Realmente sairia bem.

Capítulo Dezenove

Levou um momento limpar o desastre no dormitório de Dmitri, mas finalmente o obtiveram ao redor das quatro dessa manhã. Houve alguns cacofônicos minutos de perguntas, explicações e discussões, onde Reggie exigiu saber como suas amigas tinham conseguido investigar aos vampiros, fugir do rastreamento dos homens lobo e chegar e entrar. Também quis saber como tinham levado a cabo tudo isso, mas não podiam lembrar-se de bater na porta antes de entrar no dormitório de alguém. Dmitri expressou admiração — ou talvez tinha sido medo — quando Ava explicou como abriu caminho entre seus jogos mentais, transpassando a janela de seu porão ao redor de quarenta e cinco centímetros quadrados justo sob o nariz de Graham, e levado um improvisado exército à carga.

Ele também aproveitou a oportunidade de enfatizar de novo em tudo isso de “golpear”.

Reggie se sentou no flanco da cama e ouviu pedaços da conversação que se levava a cabo enquanto Dmitri escoltava os seus dois amigos para a porta principal. Parecia que sua audição melhorava a cada minuto que passava, e um tremor de excitação a percorreu. De repente, as possibilidades que se abriam em sua nova vida soavam excitantes. Permitir ao Dmitri convertê-la já não sentia nem sequer como um pequeno sacrifício. Sentia como uma bênção.

Soube o instante em que ele a sentiu, soube de seu prazer e seu afeto.

"Se desejás tomar uma ducha, deveria fazê-lo justo agora". Sua voz retumbou em sua cabeça, mil vezes mais clara e aguda do que o tinha ouvido alguma vez. Deixou-a sem fôlego. *"Logo chegará a alvorada, e ao princípio, a saída do sol te esgotará. Seguirei-te em um minuto."*

Sorrindo abertamente, ela decidiu aceitar seu conselho e se dirigiu de volta ao quarto de banho, ou ao menos à porta que pensou que provavelmente conduzia ao quarto de banho. Dmitri ainda não tinha mostrado a casa.

Supôs corretamente, e se sentiu absolutamente contente consigo mesma quando abriu a ducha. Mal tinha se metido sob o jorro quando ele se apertou contra ela. Não que precisasse apertar-se. A ducha — e o quarto de banho — era tão espaçosa e elegante como o resto de sua casa. De qualquer forma, ela o ignorou enquanto estendia a mão para a garrafa de xampu na prateleira e ensaboou seu cabelo, mas não pôde ignorá-lo quando ele introduziu suas mãos na espumosa e massageou seu couro cabeludo com dedos fortes e suaves. Ela o deixou fazer e se apoiou para trás contra seu peito com um gemido ditoso.

— Deveria ligar para o trabalho — murmurou ele, enquanto seguia esfregando círculos preguiçosos em seu cabelo. — Depois de sua conversão, terá que dormir durante a maior parte do dia.

— Já tirei o dia livre.

Seus dedos fizeram uma pausa, logo reataram o movimento.

— Vou fingir que o fez assim porque esperava que eu te resgatasse de seu encontro. De outro modo, teria que te castigar.

Ele puxou brandamente seu cabelo e se inclinou para baixo para beliscar seu ombro.

Reggie sorriu abertamente, e ronronou sua resposta, pulsando seus quadris para trás, contra ele.

— OH, não. Por favor, não me faça mal.

Dmitri riu entre dentes.

— Está bem, entretanto — continuou. — Isso nos dá toda a tarde de amanhã e o fim de semana inteiro para mudar suas coisas de apartamento.

Reggie ficou rígida.

— Me mudo de meu apartamento?

Ele a girou e inclinou sua cabeça para trás para lavar o sabão de seu cabelo.

— Consentiu em se casar comigo. Isso significa que viveremos juntos.

Ela sacudiu a cabeça e o fulminou com o olhar.

— Mas você simplesmente está assumindo que serei eu a que tem que mudar-se. Acabo de terminar de dar gritos como uma peixeira a um grupo de pessoas que tomavam decisões sobre mim, Dmitri. Não comece outra vez. Disse-lhe isso antes, só porque sou submissa na cama não significa que...

Dmitri riu entre dentes e recolheu uma pastilha de sabão.

— Não tento governar sua vida, katyonak. Pode guardar suas garras. Mas seu apartamento é muito pequeno para nós dois. Minha casa é muito maior e mais privada. Também é de minha posse e não alugada, então é muito mais segura para nós dois. Eu estava sendo lógico, não ditatorial.

Reggie o observou cautelosamente, mas realmente não podia discutir com seu raciocínio.

— Suponho que tem razão. Mas deveria tomar cuidado com isto, Misha. Não vou converter-me em um brinquedo. Vou ser sua esposa. Isso significa um sócio igualitário.

Ele deslizou suas mãos saponáceas sobre seus seios e apertou.

— Sempre tomo cuidado contigo, dushka — ronronou justo enquanto deslizava uma mão entre suas coxas. — E não penso em você como em uma coisa, embora desfrute muitíssimo brincar contigo.

Ele deslizou os dedos em sua vagina, e ela riu de uma vez que gemia.

— Misha, não sempre pode terminar nossas discussões com sexo.

— Então não me aborreça com discussões quando tenho fome de você. — Ele enroscou sua mão e esfregou o polegar sobre seu clitóris. — Nos faremos felizes um ao outro, milaya. Que discussão há nisso?

Tomou cada onça de sua força e determinação articular algo além de uma súplica por mais sexo, mas Reggie o dirigiu. Apenas.

— E meu trabalho? — exigiu, agarrando seu pulso com ambas as mãos para segurá-lo ainda. — Como se supõe que vou trabalhar se tiver que dormir todo o dia?

Misha suspirou e retirou os dedos, alcançou o sabão outra vez e ensaboou suas pernas.

— Poderia dirigi-lo se quisesse, com muito esforço — queixou-se ele. — Mas não há nenhuma necessidade de que trabalhe se não o desejar. Tal como adivinhou esta tarde, sou asquerosamente rico. Posso me permitir te manter por toda a eternidade.

Seus olhos se estreitam em advertência.

— Misha, não pensa me dizer que não posso trabalhar, verdade? Por que...

— Regina! Disse-o antes. A única coisa que te proibirei fazer é me deixar. Além disso, pode fazer o que quiser. Quero te fazer feliz. Tão feliz como me faz você. O que seja que quiser, darei-lhe isso. Em qualquer lugar que deseje ir, vou te levar. Se deseja trabalhar, pode fazê-lo. Se não desejar trabalhar, pode. Pode fazer o que quiser. — Ele fez uma pausa. — Exceto sonhar com outro homem. Ou tocar a outro homem. Só para estar seguro, provavelmente não deveria nem sequer olhar a nenhum outro homem.

Reggie riu e lançou seus braços ao redor dele, abraçando-o com força enquanto o último de seus medos se ia pelo deságüe. Ela encheu seu rosto com beijos, sentindo que a exaltação a enchia até o transbordamento. Queria dançar e cantar e rir e gritar e gritar de alegria. Mas, sobretudo, só queria a Misha.

— Nunca terá que preocupar-se disso, meu querido, ciumento e vampírico Misha. — Ela o abraçou com força e se lançou contra seu peito, envolvendo as pernas ao redor de seus quadris e beijando-o apaixonadamente. — É o único homem que quero. O único homem que querei alguma vez. Por que deveria necessitar algo mais quando tenho a você?

Sorriu-lhe, esse pequeno e perverso sorriso que ela tinha começado a amar.

— Tem-me realmente, dushka. Sempre me terá.

— E você me tem, Misha. Para sempre.

— Para sempre — repetiu ele e baixou sua boca para a dela. Beijaram-se até que a água ameaçou ficar fria e eles muito quentes. Misha desligou a água sem tirar Reggie de sua posição ao redor de sua cintura e a levou a dormitório.

Deixou-a cair sobre os lençóis desordenados e a beijou outra vez, sua fome deixando suas intenções mais que claras. Frente a sua urgência, Reggie soltou seu apertão ao redor a cintura de modo que ele pudesse deslizar-se para baixo em seu corpo e tomar um tenso mamilo entre os lábios. Ela sorriu para o teto e cantarolou seu prazer.

— Sabe? — murmurou ela, colocando os dedos entre seu cabelo espesso —, se for estar ao redor de você durante uns séculos mais do que esperava, com certeza há algumas coisa que terá que me ensinar. Nunca antes fui vampiro.

Dmitri grunhiu e se moveu para outro peito. Reggie sorriu abertamente e puxou seu rosto para o um comprido e profundo beijo. Quando estiveram tão sem fôlego como necessitados e desesperados por gozar juntos, ela o empurrou sobre as costas e se deslizou pelo colchão para lambar seus mamilos e brincar em seu umbigo com sua língua.

— Só como exemplo, estou segura de que há matizes em beber sangue que nunca considerei antes — ronronou ela, olhando-o fixamente sob seus cílios e sorrindo malevolamente. — Como poderia ser que estou segura de que é mais fácil beber de algum lugar que tem um pulso mais... forte.

Ela fechou sua mão ao redor de seu palpitante verga e apertou.

— Se for me alimentar de sangue daqui para frente, provavelmente deveria conhecer as melhores forma de... saciar meu apetite.

Sua língua acariciou sua longitude e ele estremeceu. Ela sorriu e se deslizou pela cama até que ficou ao nível de sua desenfreada ereção.

— Misha?

— Sim, milaya?

— Acredito que tenho fome agora mesmo — sussurrou, saboreando seu verga como um bocado de meia-noite.

— Sempre providerei para você. — Dmitri sepultou suas mãos em seu cabelo e dirigiu sua boca para ele. — Se tiver fome, dushka, deveria beber.

Reggie separou seus lábios sorridentes e tomou-o em sua boca. Então bebeu.

Fim



Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>
Comunidade Romances S.A.
<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>